

ODALYS BURGO-BENCOMO
JUAN LÓPEZ-VERA
GERMÁN MORÁN-MOLINA
(ORGANIZADORES)

Hacia Una Economía Inclusiva:

Retos y Oportunidades para el Cooperativismo



 EDITORA
ARTEMIS
2025

ODALYS BURGO-BENCOMO
JUAN LÓPEZ-VERA
GERMÁN MORÁN-MOLINA
(ORGANIZADORES)

Hacia Una Economía Inclusiva:

Retos y Oportunidades para el Cooperativismo



 EDITORA
ARTEMIS
2025



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Autores	Odalys Burgo-Bencomo Juan López-Vera Germán Morán-Molina
Imagem da Capa	normaals/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
 Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
 Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
 Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
 Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
 Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
 Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
 Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
 Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
 Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
 Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
 Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara*, México
 Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
 Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
 Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
 Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
 Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
 Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
 Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
 Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
 Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
 Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Díaz, Instituto Politécnico Nacional, México
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
 Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
 Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
 Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
 Prof. Dr. Luís Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
 Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
 Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
 Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
 Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Maurícia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
 Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Nínia María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
 Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
 Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
 Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B955h Burgo-Bencomo, Odalys
 Hacia una economía inclusiva [livro eletrônico] : retos y oportunidades para el cooperativismo / Odalys Burgo-Bencomo, Juan López-Vera, Germán Morán-Molina. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-58-1

DOI 10.37572/EdArt_250725581

1. Economia inclusiva. 2. Microfinanças. 3. Cooperativismo. 4. Empoderamento econômico das mulheres. 5. Desenvolvimento local. I. Burgo-Bencomo, Odalys. II. López-Vera, Juan. III. Morán-Molina, Germán. IV. Título.

CDD 334.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

En un contexto marcado por profundas desigualdades estructurales, exclusión financiera y transformaciones económicas aceleradas, este libro se propone como una reflexión crítica y propositiva sobre el papel del cooperativismo y las microfinanzas en la construcción de una economía más inclusiva.

Desarrollado en el marco de proyectos académicos de investigación y vinculación de la Universidad Metropolitana del Ecuador (UMET), sede Machala, el volumen reúne seis capítulos que abordan, desde diferentes enfoques y metodologías, temas clave como el empoderamiento económico de las mujeres, la innovación financiera, la sostenibilidad cooperativa y la gestión de las finanzas del hogar.

A través de un análisis riguroso y situado, los autores ofrecen herramientas teóricas y empíricas para repensar la economía desde una perspectiva de justicia social, participación democrática y desarrollo endógeno. Más allá de la simple bancarización o del crecimiento económico convencional, esta obra invita a imaginar –y construir– alternativas reales que sitúen el bienestar colectivo en el centro de las decisiones financieras.

Dirigido a investigadores, profesionales, formuladores de políticas y actores del sector cooperativo, este libro representa una valiosa contribución al debate sobre cómo transformar las finanzas en una herramienta de inclusión, resiliencia y equidad.

Odalys Burgo-Bencomo

Juan López-Vera

Germán Morán-Molina

SUMÁRIO

HACIA UNA ECONOMÍA INCLUSIVA: RETOS Y OPORTUNIDADES PARA EL COOPERATIVISMO

Odalys Burgo-Bencomo

Juan López-Vera

Germán Morán-Molina



https://doi.org/10.37572/EdArt_250725581

INTRODUCCIÓN1

CAPÍTULO 1.....4
INTRODUCCIÓN A LA ECONOMÍA INCLUSIVA, COOPERATIVISMO Y MICROFINANZAS

CAPÍTULO 240
EMPODERAMIENTO ECONÓMICO DE LAS MUJERES, LIDERAZGO FEMENINO Y GOBERNANZA EN LAS COOPERATIVAS

CAPÍTULO 368
ESTRATEGIAS PARA POTENCIAR LA INCLUSIVIDAD FINANCIERA MEDIANTE EL COOPERATIVISMO Y LAS MICROFINANZAS

CAPÍTULO 4.....111
MICROFINANZAS E INNOVACIÓN FINANCIERA PARA EL FORTALECIMIENTO DE LA ECONOMÍA POPULAR Y SOLIDARIA EN EL ORO

CAPÍTULO 5127
INNOVACIÓN, SOSTENIBILIDAD Y COMPETITIVIDAD COMO ESTRATEGIAS DE FORTALECIMIENTO DEL SECTOR COOPERATIVO EN LA PROVINCIA DE EL ORO

CAPÍTULO 6..... 154
GESTIÓN DEL ENDEUDAMIENTO Y LAS FINANZAS DEL HOGAR, UNA REVISIÓN DE LITERATURA

SOBRE OS AUTORES 183

ÍNDICE REMISSIVO 185

INTRODUCCIÓN

Este libro se desarrolló dentro del proyecto de investigación “Microfinanzas y Crecimiento Económico en la Provincia de El Oro: Un análisis desde la visión del sector de las Cooperativas de Ahorro y Crédito del segmento 1 y 2” y del proyecto de vinculación “Economía Familiar: El reto de la asignación eficiente de recursos”; ambos adscritos a la carrera de Economía de la Universidad Metropolitana del Ecuador (UMET), sede Machala.

Los modelos económicos dominantes han revelado serias limitaciones para garantizar el bienestar colectivo, especialmente en contextos marcados por desigualdades estructurales, exclusión financiera y precariedad laboral. Frente a este panorama, surgen alternativas que revalorizan principios como la participación democrática, la solidaridad organizativa y una distribución territorial más justa de las oportunidades. En este marco, las cooperativas –y en particular las Cooperativas de Ahorro y Crédito (CAC)– se presentan como plataformas viables no solo para ampliar el acceso a servicios financieros, sino también para fomentar ciudadanía económica, cohesión social y desarrollo endógeno. Este libro se propone analizar dicha promesa desde una mirada crítica, empírica y anclada en la realidad local.

El primer capítulo ofrece una revisión teórico-empírica del concepto de economía inclusiva. A través de un análisis bibliométrico exhaustivo, se muestra cómo esta noción ha ganado protagonismo en la literatura académica reciente, en estrecha relación con debates sobre sostenibilidad, inclusión financiera y transformación digital. Más que una categoría complementaria al crecimiento económico, la economía inclusiva se perfila

aquí como un paradigma alternativo, centrado en la equidad distributiva y en la participación efectiva de sectores históricamente marginados.

En el segundo capítulo, se examina el vínculo entre el empoderamiento económico de las mujeres, el liderazgo cooperativo y las prácticas de gobernanza participativa. Combinando aportes de la literatura especializada con evidencia de campo, se argumenta que promover la equidad de género en las cooperativas no es solo un acto de justicia, sino una vía concreta para fortalecer el desempeño institucional y el tejido social. Se hace hincapié en la necesidad de ir más allá de enfoques simbólicos, apostando por formas de liderazgo transformacional basadas en la horizontalidad, la corresponsabilidad y la inclusión real.

El tercer capítulo analiza las estrategias que permiten ampliar la inclusión financiera a través del cooperativismo y las microfinanzas. Con una metodología mixta, se identifican buenas prácticas y desafíos, al tiempo que se cuestiona la idea de inclusión como simple bancarización. En su lugar, se propone una perspectiva que prioriza la pertinencia cultural, la flexibilidad institucional y la sostenibilidad social, especialmente en contextos donde la población ha sido históricamente excluida del sistema financiero formal.

El cuarto capítulo se adentra en un estudio de caso en la provincia de El Oro, explorando cómo la innovación financiera puede fortalecer la economía popular y solidaria. A través del análisis de experiencias concretas de microfinanzas comunitarias, se muestra que la innovación no debe entenderse solo como digitalización, sino como la capacidad de responder con creatividad y pertinencia a realidades sociales y económicas diversas.

El quinto capítulo profundiza en la relación entre innovación, sostenibilidad y competitividad en el ámbito cooperativo. A partir de indicadores de gestión y enfoques estratégicos, se plantea un modelo institucional que combine eficiencia económica con compromiso social. Se argumenta que la competitividad de las cooperativas no puede medirse únicamente en términos de rentabilidad, sino por su capacidad de generar valor colectivo y de enfrentar retos estructurales como la desigualdad, la emergencia climática o la crisis de confianza institucional.

El sexto y último capítulo presenta una revisión sistemática y bibliométrica de la literatura científica sobre endeudamiento y gestión financiera de los hogares. Utilizando el protocolo PRISMA y datos de la base Scopus, se identifican tendencias investigativas, autores clave y vacíos temáticos. La revisión destaca un giro hacia enfoques más conductuales y contextualizados, con creciente atención a temas como la educación financiera, la digitalización y el endeudamiento en contextos emergentes. Este análisis no solo delimita el estado del arte, sino que también sirve de base conceptual y metodológica para comprender los hallazgos empíricos desarrollados a lo largo del libro.

Este libro busca aportar una mirada integral al estudio de la economía inclusiva desde la perspectiva del cooperativismo. Ya sea desde un enfoque académico, técnico o político, la obra ofrece herramientas para entender —y transformar— los desafíos que implica construir una economía realmente orientada al bienestar de las mayorías.

CAPÍTULO 1

INTRODUCCIÓN A LA ECONOMÍA INCLUSIVA, COOPERATIVISMO Y MICROFINANZAS

RESUMEN: Este capítulo examina de forma rigurosa el concepto de economía inclusiva como una propuesta transformadora del desarrollo económico, centrada en la equidad, la participación y la sostenibilidad. A través de un análisis bibliométrico de la literatura académica reciente, se identifica una expansión sostenida del interés científico en torno al término “inclusive economy”, especialmente desde 2014, así como una articulación temática consolidada en torno a la sostenibilidad, la inclusión financiera y la digitalización. El capítulo también aborda el papel de las microfinanzas como herramienta clave para la inclusión económica de sectores históricamente excluidos, destacando su impacto en el empoderamiento, el acceso a servicios básicos, el fortalecimiento del capital social y la dinamización de economías locales. Particular atención se presta a las cooperativas de ahorro y crédito, las cuales, desde los principios del cooperativismo y la economía popular y solidaria, actúan como plataformas financieras inclusivas y democráticas. Un segundo análisis bibliométrico evidencia el crecimiento académico en torno a los temas de cooperativas, desempeño, género y liderazgo, revelando un campo joven, interdisciplinario y en consolidación. Finalmente, se plantea que las CAC no solo expanden el acceso financiero, sino que fortalecen estructuras sociales participativas y resilientes, configurándose como instituciones estratégicas para una economía verdaderamente inclusiva.

PALABRAS CLAVE: economía inclusiva; cooperativas financieras; microfinanzas; bibliometría.

INTRODUCTION TO INCLUSIVE ECONOMY, COOPERATIVISM AND MICROFINANCE

ABSTRACT: This chapter rigorously examines the concept of inclusive economy as a transformative approach to economic development, focused on equity, participation, and sustainability. Through a bibliometric analysis of recent academic literature, it identifies a sustained expansion of scientific interest around the term “inclusive economy” since 2014, as well as a consolidated thematic structure centered on sustainability, financial inclusion, and digitalization. The chapter also explores the role of microfinance as a key tool for the economic inclusion of historically marginalized

groups, highlighting its impact on empowerment, access to basic services, the strengthening of social capital, and the stimulation of local economies. Special attention is given to savings and credit cooperatives, which, grounded in the principles of cooperativism and the social and solidarity economy, operate as inclusive and democratic financial platforms. A second bibliometric analysis reveals the academic growth of topics such as cooperatives, performance, gender, and leadership, pointing to a young, interdisciplinary, and consolidating field. Finally, it is argued that financial cooperatives not only expand financial access, but also strengthen participatory and resilient social structures, positioning themselves as strategic institutions for a truly inclusive economy.

KEYWORDS: inclusive economy; financial cooperatives; microfinance; bibliometrics.

INTRODUÇÃO À ECONOMIA INCLUSIVA, COOPERATIVISMO E MICROFINANÇAS

RESUMO: Este capítulo examina rigorosamente o conceito de economia inclusiva como uma abordagem transformadora do desenvolvimento econômico, centrada na equidade, na participação e na sustentabilidade. A partir de uma análise bibliométrica da literatura acadêmica recente, identifica-se uma expansão contínua do interesse científico em torno do termo “economia inclusiva” desde 2014, bem como uma estrutura temática consolidada que gira em torno da sustentabilidade, inclusão financeira e digitalização. O capítulo também explora o papel das microfinanças como ferramenta chave para a inclusão econômica de grupos historicamente marginalizados, destacando seu impacto no empoderamento, no acesso a serviços básicos, no fortalecimento do capital social e na dinamização das economias locais. Dá-se atenção especial às cooperativas de crédito, que, com base nos princípios do cooperativismo e da economia solidária, operam como plataformas financeiras inclusivas e democráticas. Uma segunda análise bibliométrica revela o crescimento acadêmico em torno de temas como cooperativas, desempenho, gênero e liderança, indicando um campo jovem, interdisciplinar e em consolidação. Por fim, argumenta-se que as cooperativas financeiras não apenas ampliam o acesso ao crédito, mas também fortalecem estruturas sociais participativas e resilientes, consolidando-se como instituições estratégicas para uma economia verdadeiramente inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: economia inclusiva; cooperativas financeiras; microfinanças; bibliometria.

1. DEFINICIÓN DE ECONOMÍA INCLUSIVA

La economía inclusiva puede definirse como un enfoque del desarrollo económico que promueve el crecimiento sostenido junto con la equidad, la justicia social (Tarko, 2021; Sandoná, 2020; Scheneider y Justin,

2020) y la participación activa de toda la población, particularmente de aquellos históricamente excluidos – como mujeres, pueblos indígenas, personas con discapacidad, migrantes, y poblaciones de bajos ingresos – en los beneficios del progreso económico (Summers y Bratanova, 2023; Shpykuliak, Ihnatenko y Shvets, 2021). A diferencia de los modelos convencionales, que priorizan indicadores agregados como el crecimiento del PIB, la economía inclusiva se enfoca en la calidad del crecimiento, su distribución y su capacidad de generar bienestar compartido.

El concepto de economía inclusiva abarca no solamente el reparto de recursos, sino también la estructura subyacente: analiza cómo las normativas del mercado, las estrategias gubernamentales y las entidades económicas pueden ser remodeladas para multiplicar las opciones, disminuir las desigualdades de acceso e impulsar la autonomía financiera de cada persona (Huynh, 2020; Fieseler y Whelan, 2019; Luukkanen, 2019). La relevancia de una economía incluyente reside en su habilidad para convertir el desarrollo económico en un instrumento de unión social y firmeza institucional (Schalg y Méle, 2020). Un sinnúmero de investigaciones prácticas (Navarrete et al., 2023; Omeke et al., 2020; Naterer, Žižek y Lavrič, 2018) han evidenciado que las comunidades con índices superiores de igualdad e integración suelen manifestar ritmos de expansión más perdurables, cuotas menores de tensión social y una mayor fortaleza ante los embates económicos.

Además, la articulación económica extiende la base de producción del sistema, al añadir destrezas, capacidades y planes de negocio que, de otro modo, no se aprovecharían. Visto desde un ángulo macroeconómico, un sistema económico que integra a todos impulsa el gasto interno, al aumentar los ingresos de los grupos que antes quedaban al margen, lo que puede dar energía a la demanda total. A la vez, incentiva la novedad y la eficiencia a través de la variedad de vivencias y puntos de vista que traen consigo quienes antes no podían acceder al mercado laboral regular o al mundo de las finanzas.

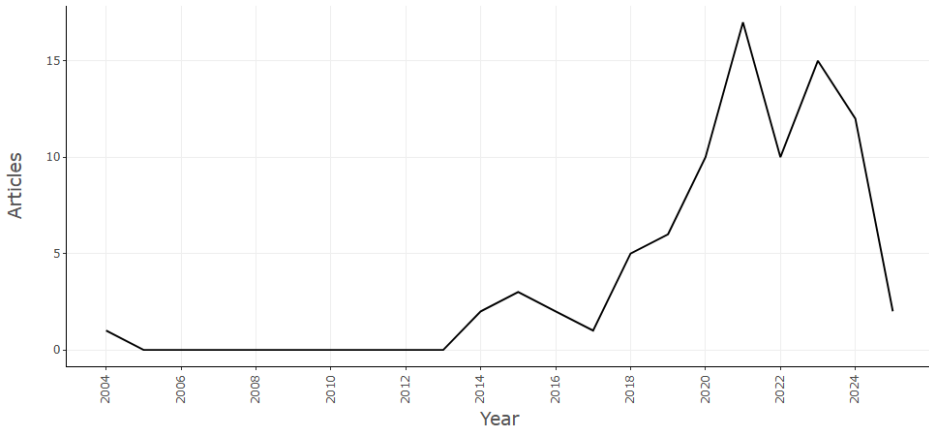
Para identificar las perspectivas relacionados con el término economía inclusiva se efectuó una búsqueda bibliográfica en Scopus, se estableció como palabra clave *inclusive economy*, se limitó la búsqueda a las áreas de ciencias sociales, negocios y economía, y el producto académico consultado fue artículos científicos. Esto devolvió un listado de 74 documentos publicados durante los últimos 20 años (2004-2024), los cuales fueron analizados en *bibliometrix*. El análisis devolvió la figura 1 y 2.

Figura 1. Evolución de interés académico sobre economía inclusiva en la literatura científica.



Estos trabajos provienen de 74 fuentes y fueron elaborados por 256 autores, de los cuales solo 20 firmaron artículos de autoría individual. En promedio, cada documento tiene tres coautores, y el 24.42 % de las colaboraciones son internacionales, lo que refleja una participación moderada en redes globales de investigación. El conjunto de publicaciones ha generado un total de 4,300 referencias y 375 palabras clave asignadas por los autores, con una media de 15.95 citas por documento. La edad promedio de los documentos es de 4.19 años, lo que sugiere un cuerpo bibliográfico relativamente reciente. Este panorama revela un campo activo, colaborativo y en expansión sostenida.

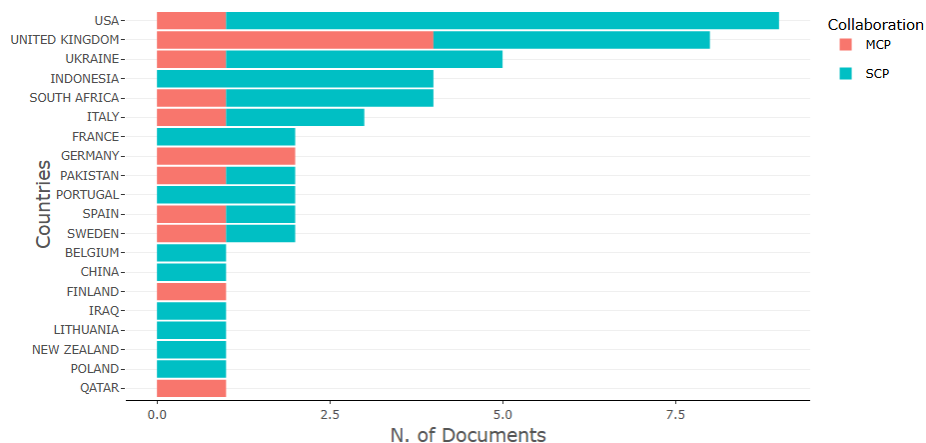
Figura 2. Producción científica anual.



Se puede apreciar que durante la primera década (2004–2013), la producción fue mínima o nula, lo que indica un interés incipiente o ausente en el tema. A partir de 2014, se observa un aumento progresivo, con un crecimiento más marcado desde 2018 en adelante. El punto máximo se alcanzó en 2021 con más de 15 publicaciones, seguido de una disminución abrupta en 2022, una leve recuperación en 2023 y una caída pronunciada hacia 2025. Esta dinámica sugiere que el área vivió un auge reciente, probablemente impulsado por factores coyunturales, pero también enfrenta una posible estabilización. El crecimiento anual promedio de los trabajos publicados fue de 3.36 %.

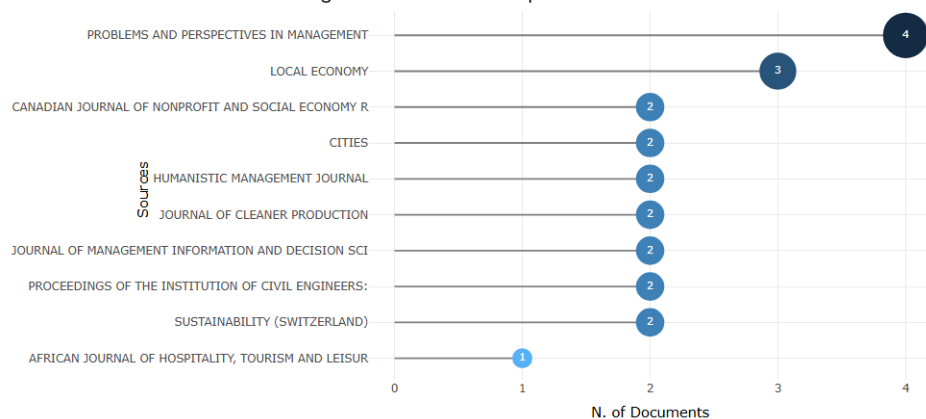
Al examinar cómo cada país contribuye a la investigación científica, vemos que Estados Unidos encabeza la lista en cuanto a la cantidad total de trabajos publicados, destacando por una mayor cantidad de estudios realizados internamente. Luego están el Reino Unido y Ucrania, ambos mostrando un balance más equitativo entre la cooperación dentro y fuera del país. Otros países que participan de manera notable son Indonesia y Sudáfrica, aunque su presencia en redes internacionales es limitada o inexistente. Por otro lado, países como Francia, Alemania, España y Suecia muestran un porcentaje más alto de publicaciones hechas en conjunto con otros países, a pesar de que su volumen total es menor. La figura 3 muestra cómo se reparte la producción académica en este campo.

Figura 3. Publicaciones por país.



Esta distribución sugiere que, si bien la producción está concentrada en ciertos países, la internacionalización no siempre está correlacionada con el volumen, sino con estrategias o capacidades específicas de colaboración. Con respecto a las revistas científicas que más han publicado trabajos sobre economía inclusiva se ha obtenido la lista de los 10 más importantes, los cuales se presentan en la figura 4.

Figura 4. Publicaciones por revista.

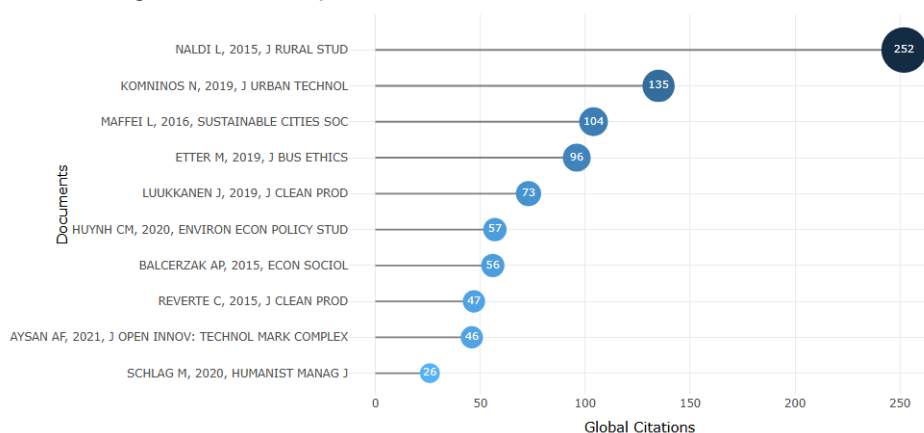


La figura muestra las revistas más productivas en el conjunto analizado, medido por el número de documentos publicados. *Problems and Perspectives in Management* encabeza la lista con 4 publicaciones, seguida

por *Local Economy* con 3. Ocho revistas comparten el tercer lugar, cada una con 2 documentos, entre ellas *Cities*, *Journal of Cleaner Production* y *Sustainability* (Switzerland). Finalmente, *African Journal of Hospitality, Tourism and Leisure* aparece con una única publicación. Esta dispersión indica una distribución relativamente amplia de las publicaciones entre diferentes fuentes, sin una concentración excesiva en una sola revista, lo que sugiere un campo interdisciplinario con puntos de interés repartidos entre diversas áreas temáticas.

Otro aspecto importante a evaluar en el análisis de la economía inclusiva es la determinación del trabajo o trabajos académicos más citados. En la figura 5 se presenta la lista de los 10 más citados.

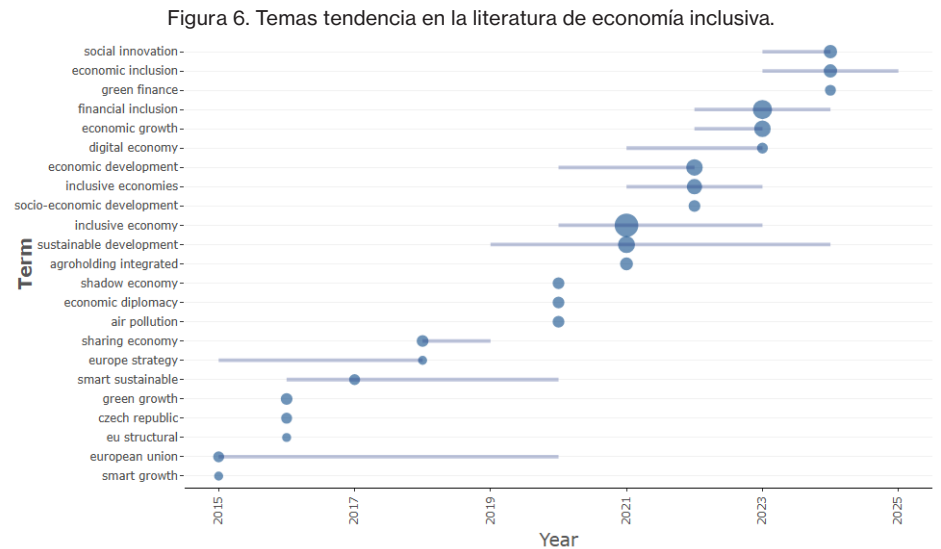
Figura 5. Los 10 trabajos más citados en la literatura de economía inclusiva.



Se puede observar que los documentos más citados en el conjunto analizado, destacando una marcada concentración de impacto en unos pocos trabajos. El artículo más citado es el de Naldi et al, (2015) en *Journal of Rural Studies*, con 252 citas, seguido por Komninos et al., (2019) y Maffei et al., (2016), con 135 y 104 citas respectivamente. Estos tres trabajos superan con amplitud al resto, lo que sugiere que han tenido un papel central en el desarrollo del campo. Otros documentos con alto reconocimiento son los de Etter, Fieseler y Whelan (2019), Luukkanen et al., (2019) y Huynh (2020), con entre 57 y 96 citas. En contraste, los

artículos en la parte inferior de la lista, como el de Schlag y Méle (2020) con 26 citas, muestran una influencia más limitada. En conjunto, esta figura evidencia una estructura de citación desigual, donde unos pocos trabajos concentran gran parte del impacto académico.

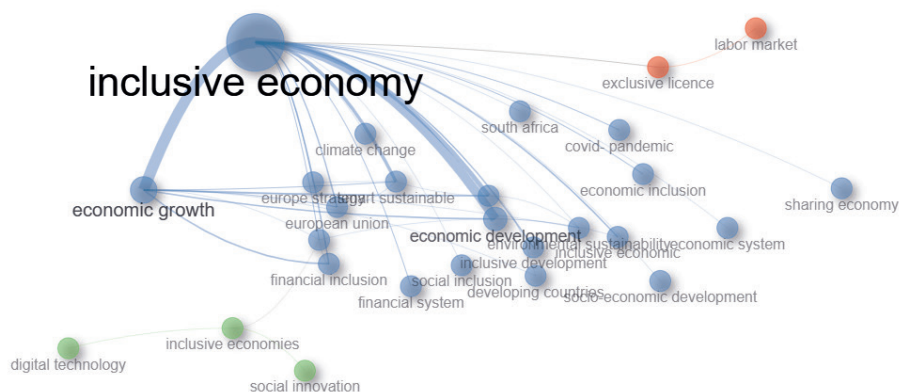
En la figura 6 se muestra la evolución temporal de los términos más relevantes utilizados en la literatura del campo entre 2014 y 2025. Se observa una transición clara desde conceptos asociados a la gobernanza regional y el crecimiento estructural europeo – como *European Union*, *EU structural* o *Europe strategy* – presentes desde 2014, hacia temas más contemporáneos como *social innovation*, *green finance*, *financial inclusion* y *digital economy*, que emergen con fuerza a partir de 2021. Términos como *sustainable development* e *inclusive economy* muestran una presencia sostenida y significativa en el tiempo, lo que indica su centralidad en el discurso académico. La figura también sugiere una diversificación conceptual creciente en los últimos años, alineada con la agenda global sobre inclusión, sostenibilidad y transformación digital.



A continuación, se procede a analizar la red de co-ocurrencia de palabras clave (*keyword co-occurrence network*), donde los nodos simbolizan términos clave empleados por los autores y los vínculos (aristas)

indican cuán frecuentemente estas palabras aparecen juntas en los mismos documentos. En la figura 6 se muestran estas relaciones.

Figura 7. Red de co-ocurrencia en la literatura de economía inclusiva.



La dimensión de cada nodo refleja la frecuencia con la que aparece un término, mientras que el grosor de las líneas indica la intensidad de la relación entre los términos enlazados. Además, los colores diferencian áreas temáticas o grupos definidos mediante un método de detección de comunidades, mostrando la estructura conceptual fundamental en el conjunto de los documentos.

En el centro de la red destaca el término *sustainable development*, claramente el más citado y conectado, lo que lo posiciona como el núcleo temático de mayor centralidad e influencia en el campo. Desde este nodo se despliega un conjunto amplio de términos relacionados, conformando el clúster más denso y extenso, representado en color azul. Este grupo aglutina conceptos clave como *inclusive economy*, *green finance*, *economic development*, *digital economy* y *financial inclusion*, entre otros. La densidad de las conexiones entre estos términos sugiere que forman un campo bien articulado, donde las agendas de sostenibilidad, inclusión financiera y transformación económica digital se encuentran estrechamente entrelazadas.

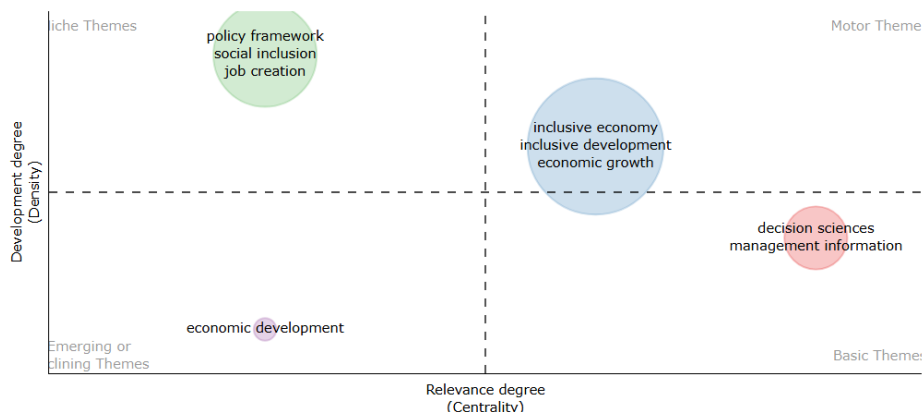
Por otro lado, se identifica un segundo grupo, en color verde, que opera como un subcampo semántico más especializado. Está conformado

por términos como *European Union*, *Europe strategy*, *Czech Republic* y *EU structural*, los cuales se asocian principalmente a dinámicas regionales de planificación y gobernanza económica en el contexto europeo. Aunque mantiene algunos vínculos con el núcleo temático central, esta agrupación presenta cierta autonomía, lo que podría indicar que aborda el desarrollo sostenible desde una perspectiva geopolítica o institucional más específica.

Un tercer grupo, de color rojo, se sitúa en la periferia de la red e incluye términos como *air pollution*, *shadow economy* y *economic diplomacy*. Su ubicación y baja conectividad sugieren que estas temáticas, aunque presentes, no han alcanzado aún un grado alto de integración con el discurso dominante. No obstante, su aparición indica un interés emergente por incorporar problemáticas ambientales, de economía informal y relaciones internacionales al análisis del desarrollo sostenible, lo cual podría representar oportunidades para nuevas investigaciones interdisciplinarias. En conjunto, la red presenta una estructura jerárquica con un núcleo temático bien consolidado, una subestructura regional relevante y una periferia en expansión. Esta configuración revela un campo en estado de madurez conceptual, con agendas consolidadas que giran en torno a la sostenibilidad, la inclusión y la digitalización económica, pero también con márgenes fértiles para la innovación y la integración de enfoques menos explorados.

Finalmente, la figura 8 representa un mapa temático, una herramienta de análisis bibliométrico que clasifica los temas identificados en la literatura según dos ejes: el grado de desarrollo o densidad (eje vertical) y el grado de relevancia o centralidad (eje horizontal). Estos dos indicadores permiten ubicar cada conjunto de palabras clave dentro de uno de los cuatro cuadrantes que definen su rol estructural en el campo de estudio: temas motores (arriba a la derecha), temas básicos (abajo a la derecha), temas emergentes o en declive (abajo a la izquierda), y temas especializados o nicho (arriba a la izquierda).

Figura 8. Mapa temático de la literatura de economía inclusiva.



En el cuadrante superior derecho, que corresponde a los temas motores, no se ubica ningún conjunto temático, lo cual indica que, en este análisis específico, no hay un núcleo temático que combine simultáneamente un alto nivel de desarrollo interno y una centralidad elevada. Esto sugiere que, aunque existen temas relevantes y bien conectados, aún no se ha consolidado una línea investigativa que actúe como eje tractor del campo en términos metodológicos y conceptuales.

El grupo temático más destacado se encuentra en el cuadrante inferior derecho, correspondiente a los temas básicos. Allí se ubican los términos *decision sciences* y *management information*, los cuales presentan una centralidad alta pero baja densidad. Esto significa que son relevantes dentro del campo porque conectan con múltiples otros temas, pero su desarrollo interno es limitado, posiblemente por tratarse de enfoques más metodológicos o instrumentales que no han evolucionado con profundidad teórica dentro del corpus analizado. Son fundamentales para sostener el andamiaje de la producción científica, pero no constituyen núcleos de innovación conceptual.

En el cuadrante superior izquierdo se encuentra un grupo temático representado por los términos *policy framework*, *social inclusion* y *job creation*. Este conjunto aparece como un tema nicho, caracterizado por una alta densidad, pero baja centralidad. Es decir, se trata de un conjunto temático internamente cohesionado y bien desarrollado, pero con escasa conexión

con otros campos del análisis. Esto podría interpretarse como un enfoque especializado, quizás abordado por una comunidad académica concreta, que aún no ha logrado irradiar influencia hacia otras áreas del debate.

En el cuadrante inferior izquierdo aparece el término *economic development*, que se clasifica como un tema emergente o en declive debido a su baja densidad y baja centralidad. Dado que este concepto ha sido históricamente central en estudios sobre desarrollo, su ubicación en este cuadrante sugiere una pérdida relativa de protagonismo frente a otros términos más recientes o específicos como *inclusive economy* o *economic growth*. También podría reflejar una redefinición terminológica, donde desarrollo económico es desplazado por conceptos más amplios y contemporáneos como desarrollo inclusivo.

En el centro del mapa y con una posición destacada por su equilibrio entre densidad y centralidad, se encuentra el conjunto temático compuesto por *inclusive economy*, *inclusive development* y *economic growth*. Este grupo, aunque técnicamente se sitúa en el cuadrante inferior derecho, se aproxima al eje central, lo que sugiere que está en proceso de consolidación como tema estructural. Su tamaño indica una alta frecuencia de aparición, y su posición refleja tanto relevancia transversal como un desarrollo conceptual sostenido. En suma, este conjunto representa el eje actual en torno al cual gira buena parte de la investigación, posiblemente llamado a convertirse en un motor temático en el futuro cercano. En conjunto, la figura revela un campo en evolución, en el que los temas más relevantes aún están madurando en su desarrollo teórico, mientras que enfoques especializados y tradicionales ocupan posiciones periféricas o transicionales.

De ahí que la economía inclusiva plantea una nueva perspectiva sobre cómo se entiende y organiza el progreso económico. Su meta es precisa: garantizar que el crecimiento sea una herramienta para construir comunidades más justas, equitativas y unidas, no solo un objetivo en sí mismo. Implementar una visión inclusiva no solo se basa en ideales morales de justicia social, sino también en estándares de eficiencia económica y sostenibilidad a futuro.

Una economía inclusiva se distingue por varios aspectos esenciales (Ismail y Mohd-Rasid, 2022; Deas, Haughton y Ward, 2021; Kingsley et al., 2021):

Garantizar las mismas oportunidades económicas: Que todos puedan estudiar, acceder a la salud, obtener un préstamo, encontrar un buen trabajo y formarse profesionalmente es fundamental. Nadie debería tener menos oportunidades por su origen, género, dónde vive o su situación económica.

Participación efectiva en el sistema económico: Una economía que incluye a todos significa repartir el poder económico, permitiendo que las comunidades, organizaciones y personas que siempre han estado al margen participen en cómo se toman las decisiones y en los asuntos económicos que les tocan de cerca.

Reducción de la desigualdad estructural: No basta con repartir mejor el dinero después, sino que hay que cambiar lo que hace que haya tanta desigualdad. Esto implica cambiar cosas en los impuestos, la educación, el trabajo y cómo funciona el dinero.

Protección social y seguridad económica: Para que la economía sea inclusiva, es clave tener formas de proteger a las personas si se quedan sin trabajo, se enferman, se hacen mayores o tienen otros problemas. Así pueden seguir participando en la economía de forma segura.

Sostenibilidad ambiental con justicia social: Una economía que incluye a todos también debe cuidar el medio ambiente, asegurándose de que las medidas para proteger la naturaleza no hagan que haya más desigualdad, sino que ayuden a solucionarla mediante una transición equitativa.

2. MICROFINANZAS COMO HERRAMIENTA DE INCLUSIÓN

La discusión sobre la precariedad, disparidad y aislamiento financiero ha resaltado la importancia de las microfinanzas como un medio clave para impulsar la integración económica de los grupos vulnerables (Omerzo y Krišto, 2022). Mediante las microfinanzas, los individuos y colectivos históricamente al margen del sistema bancario, tales como: trabajadores por cuenta propia, pequeños agricultores, mujeres jefas de hogar y poblaciones rurales, pueden acceder a servicios financieros básicos como préstamos, ahorro y seguros (Omeke et al, 2020). En este contexto, las cooperativas de ahorro y crédito juegan un rol esencial, brindando productos financieros ajustados a las necesidades de sus comunidades, bajo preceptos de cooperación, justicia e independencia.

La expresión microfinanzas alude al conjunto de servicios financieros: microcréditos, ahorros programados y programas de crédito basado en el cumplimiento de ahorros, que se brindan a personas de escasos recursos que no pueden acceder a la banca convencional. El propósito de estos servicios es fomentar la independencia económica, facilitar la creación de ingresos y mejorar la calidad de vida de los grupos vulnerables (Périlleux y Szafarz, 2022). A diferencia de las finanzas tradicionales, que se centran en grandes transacciones y clientes solventes, las microfinanzas se dirigen a pequeños empresarios, agricultores familiares, trabajadores informales y comunidades rurales. Se distinguen por operar con sumas pequeñas, condiciones adaptadas a la capacidad de pago del cliente y un fuerte enfoque social. Las microfinanzas se basan en los siguientes principios (Martínez, Ibáñez y Campillo, 2021):

- Accesibilidad: Proveer servicios financieros donde la banca tradicional no llega.
- Sostenibilidad: Ser económicamente viables a largo plazo, sin depender exclusivamente de subsidios.
- Empoderamiento: Promover la autonomía financiera y la capacidad de toma de decisiones de las personas beneficiarias.
- Inclusión: Atender prioritariamente a poblaciones excluidas por razones de género, etnia, territorio o nivel de ingreso.

Las microfinanzas operan a través de instituciones microfinancieras (IMF) que pueden adoptar diversas formas jurídicas: organizaciones no gubernamentales, fundaciones, bancos especializados y cooperativas de ahorro y crédito. Estas instituciones diseñan productos financieros ajustados al perfil de riesgo y necesidades de sus clientes de (Périlleux y Szafarz, 2015; Abate, Borzaga y Getnet, 2014). Uno de los mecanismos operativos más utilizados es el microcrédito individual o grupal, donde se otorgan préstamos de pequeño monto a emprendedores para financiar actividades productivas o de subsistencia. En muchos casos, se reemplazan las garantías tradicionales por esquemas de garantía solidaria, en los que

un grupo de prestatarios se responsabiliza colectivamente por el pago (Patrick y Eddy, 2025).

Aparte de esto, las IMF con frecuencia ponen en práctica métodos de valoración individualizada de los usuarios, usando visitas a sus hogares, charlas con la comunidad y estudios del panorama económico de la zona. Esta perspectiva adaptada a la realidad ayuda a adoptar resoluciones sobre préstamos más equitativas y sensatas (Polo-Garrido y Vargas-Ulloa, 2024). De esta manera, las microfinanzas aúnan la entrega de prestaciones financieras con formación y consejos especializados, lo cual maximiza el efecto del apoyo económico en la producción, el resguardo y la estabilidad de los grupos familiares asistidos.

3. BENEFICIOS DE LAS MICROFINANZAS EN LA INCLUSIÓN SOCIAL

La falta de acceso a servicios financieros es un aspecto más de la pobreza que reduce la independencia, dificulta el progreso y afecta las relaciones sociales en las poblaciones más desfavorecidas. En este sentido, las microfinanzas han probado ser un mecanismo útil para ampliar el acceso a préstamos y al ahorro, además de promover la integración social. Aparte de su rol en la economía, las microfinanzas ayudan a dar poder a individuos marginados, mejoran las habilidades de la gente y aceleran el avance del desarrollo local constante (Périlleux y Szafarz, 2022, 2015).

Los siguientes beneficios de las microfinanzas en la integración merecen ser resaltados (Ravikumar, Murugan y Suhashini, 2021).

Mejora del ingreso y del consumo

Es innegable que las microfinanzas tienen un efecto notable en el aumento de las ganancias. Gracias a que ofrecen fondos para emprender o consolidar negocios, de esta forma posibilitan que las personas produzcan más dinero, lo que lleva a un mayor gasto en el hogar, sobre todo en áreas como comida, casa, sanidad y formación. En muchas situaciones, las familias que reciben ayuda de las microfinanzas consiguen salir de la pobreza o disminuir su fragilidad financiera ante problemas o sucesos inesperados.

Acceso a servicios básicos

Las microfinanzas, además, facilitan el acceso a servicios fundamentales, ya sea directamente a través del financiamiento, por ejemplo, préstamos

para arreglar viviendas o pagar colegiaturas; o indirectamente, al aumentar los ingresos disponibles. Esto impacta de forma positiva en aspectos como la educación, la salud, la alimentación y la seguridad en la vivienda. En ciertas zonas, los programas de microfinanzas han integrado productos financieros diseñados para obtener agua potable, energía renovable o saneamiento básico, lo que refuerza su papel como herramienta para el desarrollo humano.

Empoderamiento y autonomía personal

El impacto de las microfinanzas no se limita a lo económico. Uno de los beneficios más importantes es el fortalecimiento personal, sobre todo entre las mujeres, que suelen ser la mayoría de quienes se benefician de estos programas. Tener acceso a créditos, ahorros y seguros aumenta su capacidad para tomar decisiones, mejora su confianza y rompe con situaciones de dependencia. Las mujeres que usan las microfinanzas suelen tener más control sobre los recursos en casa, participar más en las decisiones familiares y comunitarias y, en muchos casos, estar más protegidas contra la violencia económica y en el hogar.

Fortalecimiento del capital social

Al trabajar con métodos que involucran a la comunidad y con sistemas de garantía solidaria, las microfinanzas fomentan la organización dentro de la comunidad. Los grupos de crédito, las reuniones de formación y las redes de colaboración que se crean alrededor de estas instituciones fortalecen la confianza, el sentimiento de pertenencia y la cooperación entre los miembros de la comunidad. Este capital social es esencial no solo para que las microfinanzas sean sostenibles, sino también para que la comunidad pueda afrontar mejor los problemas, fortaleciendo la unión y la organización de la gente.

Estímulo a las economías locales

Cuando los microcréditos se utilizan para negocios o actividades productivas en una zona, generan un efecto que se multiplica. Se impulsa la demanda local de productos y servicios, aumenta la cantidad de dinero que circula en la comunidad y se crean nuevas oportunidades de trabajo indirecto. Este impulso no solo mejora sectores como el comercio, la agricultura o la artesanía, sino que también promueve la diversificación de la economía, reduciendo la dependencia de actividades extractivas o informales que no generan mucho valor.

Apoyo a la formalización económica

Aunque las microfinanzas han operado históricamente en contextos informales, su acción contribuye a la transición hacia la formalidad. Muchos micro emprendedores, al acceder a financiamiento formal y mejorar su actividad económica, inician procesos de registro, legalización de negocios, y pago de tributos, integrándose de manera más plena al circuito económico institucional. Además, algunas cooperativas y entidades microfinancieras ofrecen servicios de asesoría legal, contable o de gestión empresarial que facilitan este tránsito, aportando a una economía territorial más transparente y sostenible.

Reducción de desigualdades territoriales

Al operar en áreas rurales y semiurbanas marginadas por la banca tradicional, las microfinanzas ayudan a disminuir las desigualdades geográficas. Ofrecen servicios donde otras entidades financieras no ven beneficios, mostrando que el impacto social puede ser tan importante como el económico. Además, la inclusión financiera a nivel local genera efectos positivos adicionales: facilita el acceso a datos, impulsa la conectividad, aumenta la participación de los ciudadanos y promueve la planificación con un enfoque territorial.

Resiliencia ante crisis

Las microfinanzas, sobre todo cuando son administradas por cooperativas de ahorro y crédito o entidades comunitarias, han probado ser herramientas de resistencia territorial. En tiempos de crisis económicas, catástrofes naturales o emergencias sanitarias (como la pandemia de COVID-19), muchas organizaciones microfinancieras adaptaron las condiciones de pago, ofrecieron prórrogas, establecieron fondos de emergencia y dieron apoyo técnico a sus miembros. Este tipo de reacción local, rápida y solidaria es vital para mantener la estructura económica y social en momentos de debilidad, cuando las políticas públicas no son suficientes o llegan tarde.

En el ámbito de las microfinanzas, las cooperativas de ahorro y crédito (CAC) sobresalen como organizaciones arraigadas en la comunidad, guiadas por los ideales del cooperativismo. Su naturaleza sin fines de lucro y su administración participativa les brindan una posición favorable para impulsar la inclusión financiera de manera duradera y ajustada a las realidades de cada lugar.

3. LAS COOPERATIVAS DE AHORRO Y CRÉDITO

Las cooperativas de ahorro y crédito (CAC) han ido ganando importancia como elementos clave para impulsar la democratización de las finanzas, el avance de las regiones y el fomento de una economía más equitativa (Salinas-Vásquez et al. , 2024). Dentro del ámbito de la economía popular y solidaria, estas entidades se erigen como modelos asociativos que incorporan los pilares de la cooperación, la autogestión y la solidaridad, brindando servicios financieros a colectivos que históricamente han quedado fuera del alcance de la banca común.

Las cooperativas de ahorro y crédito son instituciones financieras de carácter asociativo y sin fines de lucro, conformadas por un grupo de

personas que se agrupan voluntariamente para satisfacer necesidades comunes de ahorro, financiamiento y servicios financieros, mediante una empresa de propiedad conjunta y gestión democrática (Restolaza y San-José, 2022). Estas organizaciones operan bajo un modelo de autogestión donde los socios son simultáneamente usuarios y propietarios.

Tal como señalan Patrick y Eddy (2025), y Mook, Maiorano y Quarter (2015), las cooperativas se fundamentan en principios como el apoyo recíproco, la responsabilidad, la democracia, la igualdad, la justicia y la solidaridad. En lo que respecta particularmente a las CAC, estos principios se materializan en estrategias financieras enfocadas en el provecho colectivo en lugar de la ganancia personal, lo que marca una diferencia importante con las entidades financieras tradicionales.

Su finalidad principal no es maximizar ganancias, sino proporcionar acceso asequible al crédito, fomentar el ahorro responsable y fortalecer la capacidad financiera de sus socios. Las cooperativas de ahorro y crédito presentan una serie de rasgos distintivos que las configuran como entidades únicas dentro del sistema financiero. A continuación, se describen las características más relevantes (Migdalski, 2024; Omerzo y Krišto, 2022):

1. Propiedad colectiva y control democrático

Cada miembro de la cooperativa tiene la misma parte en la propiedad de la entidad, sin importar cuánto dinero haya invertido. Esta idea se refleja en la regla de un voto por persona, donde las decisiones importantes se toman entre todos en las reuniones generales. Esto anima a los miembros a participar activamente y refuerza el control de la comunidad sobre cómo se manejan las finanzas.

2. Finalidad social antes que comercial

A diferencia de los bancos tradicionales, cuya razón de ser es la maximización del beneficio económico, las CAC priorizan el bienestar de sus miembros y el desarrollo de la comunidad. Los excedentes económicos que se generan se reinvierten en servicios, fondos sociales o se distribuyen equitativamente entre los socios.

3. Acceso financiero para poblaciones excluidas

Las CAC tienen como uno de sus propósitos centrales la inclusión financiera de sectores vulnerables o desatendidos por el sistema bancario. Esto incluye microempresarios, trabajadores informales, comunidades rurales, mujeres jefas de hogar y jóvenes emprendedores.

4. Educación financiera y empoderamiento

Una función esencial de las cooperativas es la formación y capacitación

de sus socios en temas financieros, económicos y cooperativos. Esto no solo mejora la toma de decisiones individuales, sino que refuerza la sostenibilidad institucional.

5. Autonomía y autogestión

Aunque pueden estar reguladas por organismos estatales, las cooperativas son autónomas en su gestión. Esta autogestión permite una mayor adaptabilidad a las necesidades locales y una respuesta más directa a las demandas de los socios.

Para identificar las perspectivas relacionados con el término cooperativa de ahorro y crédito se efectuó una búsqueda bibliográfica en Scopus, se estableció como palabra clave *financial cooperative; cooperatives; credit unions; performace; gender y leadership*, se limitó la búsqueda a las áreas de ciencias sociales, negocios y economía, y el producto académico consultado fue artículos científicos. Esto devolvió un listado de 45 documentos publicados durante los últimos 15 años (2010-2025), los cuales fueron analizados en *bibliometrix*. El análisis devolvió las figuras 9 y 10.

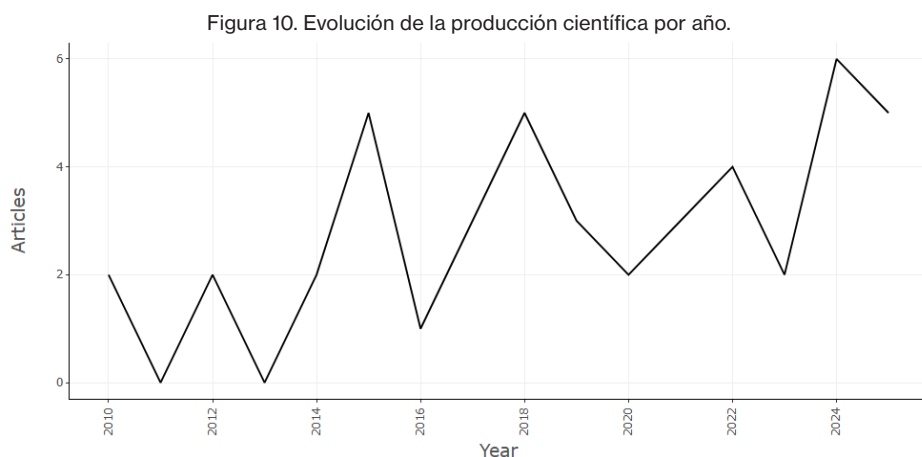
Figura 9. Evolución de interés académico sobre las cooperativas financieras en la literatura científica.



La tasa de crecimiento anual de publicaciones es del 6.3 %, lo que indica un campo en expansión activa. La participación de 96 autores, con un promedio de 2.38 coautores por documento, revela una tendencia hacia la colaboración, aunque solo el 24.44 % de los artículos son fruto de coautorías internacionales. Destaca también el bajo número de autores individuales (9), lo que refuerza la idea de una producción basada en equipos. En cuanto al impacto, se registran 2,527 referencias y un promedio

de 9.8 citas por documento, cifras que apuntan a una visibilidad razonable en el ámbito académico.

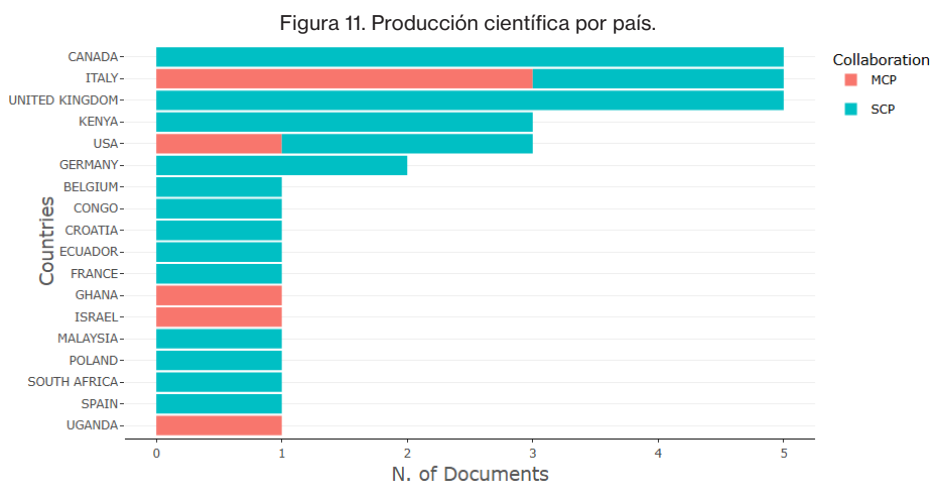
La edad promedio de los documentos es de 5.73 años, lo que sugiere que la literatura está asentada pero no obsoleta. En conjunto, estos datos configuran un campo relativamente joven, en crecimiento sostenido y con un enfoque colaborativo moderado, que está empezando a consolidarse dentro de la investigación sobre liderazgo, género y desempeño en el contexto de cooperativas financieras.



El comportamiento de la producción es marcadamente irregular, con múltiples oscilaciones y sin una tendencia claramente lineal. En los primeros años (2010–2015), el volumen de publicaciones es bajo y discontinuo, con varios años sin registros. A partir de 2016 se observa un repunte más sostenido, con picos en 2017 y 2018 (5 artículos cada año), seguidos por un descenso temporal y una recuperación progresiva hacia 2022. El máximo histórico se alcanza en 2024 con 6 artículos publicados, lo que, junto con el dato de 5 publicaciones en 2025, sugiere una consolidación reciente del interés en el tema. Esta dinámica refleja un campo que ha superado su fase inicial de dispersión y que, pese a su volatilidad, muestra señales claras de maduración e intensificación del debate académico en torno al liderazgo, género y desempeño en organizaciones cooperativas financieras.

En la figura 11, se presenta un análisis geográfico de la producción científica, diferenciando entre publicaciones de autoría exclusivamente nacional (SCP) y aquellas realizadas mediante colaboración internacional (MCP). Canadá e Italia encabezan la lista con cinco documentos cada uno, todos de autoría nacional, lo que sugiere un desarrollo interno fuerte del tema en estos países, pero con baja inserción en redes internacionales. El Reino Unido se ubica en tercer lugar con cuatro documentos, de los cuales una fracción significativa corresponde a colaboraciones internacionales, reflejando una apertura mayor hacia el trabajo conjunto con otros países.

En el caso de Kenia, Estados Unidos y Alemania, la producción es moderada (entre dos y tres documentos) y mayoritariamente nacional, aunque Kenia destaca por una ligera participación internacional. El resto de los países –como Bélgica, Sudáfrica, Francia, Ghana, y otros– muestran una presencia limitada, con solo uno o dos documentos, y un patrón mixto en cuanto a la colaboración. En conjunto, esta distribución revela una participación global aún dispersa y dominada por iniciativas nacionales, con escasa consolidación de redes colaborativas internacionales en este campo temático.

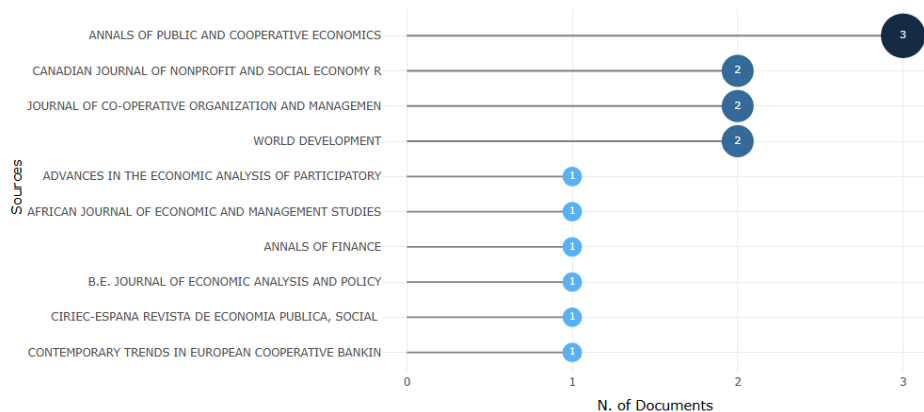


En la figura 12 muestra las fuentes más productivas en el corpus bibliográfico. La revista con mayor número de publicaciones es *Annals of*

Public and Cooperative Economics, con tres documentos, lo que la posiciona como el principal canal de difusión académica en esta área temática. Le siguen, con dos documentos cada una, el *Canadian Journal of Nonprofit and Social Economy Research*, *Journal of Co-operative Organization and Management* y *World Development*, lo que indica una presencia relevante tanto en revistas especializadas en economía social y cooperativismo como en publicaciones de desarrollo económico con mayor impacto transversal.

Otras fuentes aparecen con una sola publicación, reflejando una dispersión significativa del conocimiento en revistas de economía, gestión y políticas públicas. Esta distribución sugiere que, aunque existen publicaciones centrales que concentran parte importante de la producción, el tema aún no se ha consolidado en un conjunto reducido de revistas núcleo, lo cual puede interpretarse como una oportunidad para especialización editorial o como indicio de la transversalidad disciplinar del campo.

Figura 12. Publicaciones por revista.

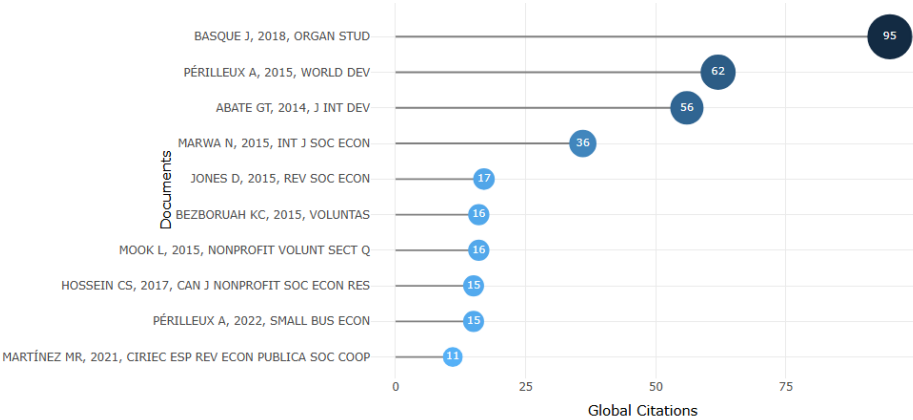


En la figura 13 muestra los documentos más citados. El artículo con mayor impacto es el de Basque y Langley (2018), publicado en *Organization Studies*, con 95 citas, consolidándose como la referencia más influyente del corpus. Le siguen los trabajos de Périlleux y Szafarz (2015) en *World Development* y Abate, Borzaga y Getnet (2014) en *Journal of International Development*, con 62 y 56 citas respectivamente, ambos también centrados en temas de desarrollo y economía social. El resto de los documentos

presenta una caída progresiva en citaciones, con una segunda franja de influencia que incluye artículos de Marwa y Aziakpono (2015), Jones y Kalmi (2015) y Bezboruah y Pillai (2015), con entre 16 y 36 citas. La inclusión de artículos más recientes, como el de Périlleux y Szafarz (2022) y Martínez, Ibáñez y Campillo (2021), en esta lista indica un reconocimiento temprano dentro del campo.

En conjunto, esta distribución sugiere que la producción altamente citada proviene tanto de revistas especializadas como de publicaciones generalistas de alto impacto, y que el campo comienza a consolidar un pequeño canon de textos clave que sustentan y estructuran el debate académico contemporáneo sobre liderazgo, inclusión y desempeño en el contexto cooperativo.

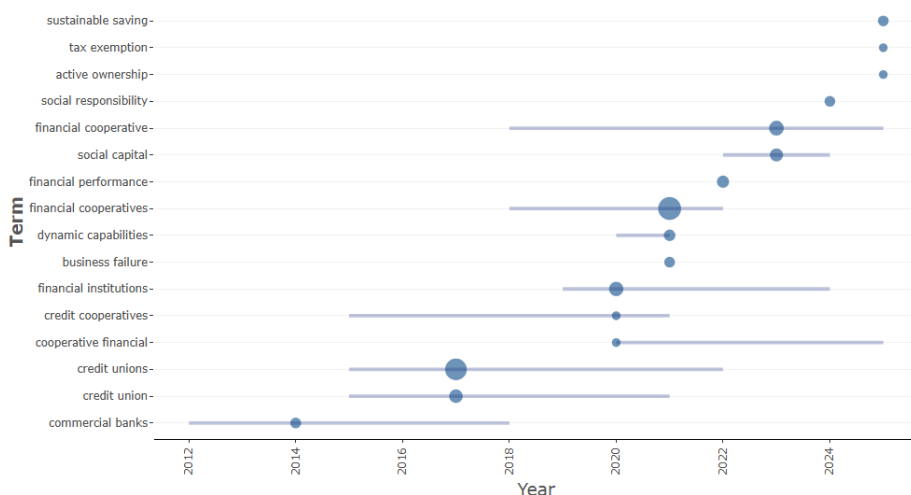
Figura 13. Los 10 trabajos más citados en la literatura de cooperativas financieras.



En la figura 14 presenta un análisis temporal de coocurrencia de términos clave. Cada término está representado por una burbuja cuya posición horizontal indica el periodo en el que se utilizó, y cuyo tamaño refleja la frecuencia o intensidad de su uso. Se observa que los términos *credit union* y *credit unions* comenzaron a aparecer con fuerza entre 2015 y 2016, manteniendo una presencia constante hasta 2023, lo que refleja su papel fundacional en el campo. El término *financial cooperative* muestra una trayectoria sostenida desde 2018 hasta 2025, confirmando su centralidad conceptual actual. Por otro lado, expresiones como *social capital*, *financial*

performance y *dynamic capabilities* emergen entre 2020 y 2022, señalando una reciente diversificación temática orientada hacia el análisis de factores organizacionales y estratégicos.

Figura 14. Temas tendencia en la literatura de cooperativas financieras.

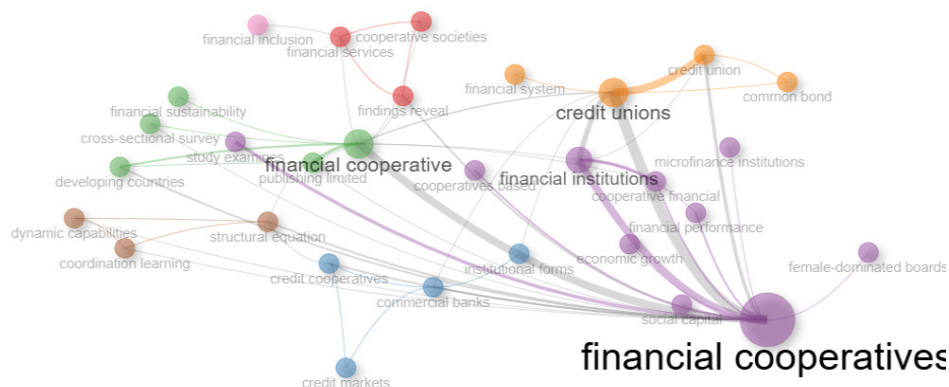


Términos como *business failure*, *financial institutions* y *cooperative financial* también se consolidan en ese mismo intervalo, sugiriendo un interés creciente por estudiar la resiliencia y el posicionamiento de las cooperativas frente a entornos financieros más amplios. En contraste, la presencia de *commercial banks* desde 2013 indica que los estudios comparativos entre cooperativas y bancos tradicionales han sido una línea constante, aunque con menor protagonismo en años recientes. Finalmente, conceptos emergentes como *sustainable saving*, *tax exemption* y *active ownership*, que aparecen hacia 2024–2025, apuntan a posibles direcciones futuras del campo, aún en fase exploratoria. En conjunto, la figura revela una evolución temática progresiva, con un núcleo consolidado en torno a las cooperativas financieras y una expansión conceptual hacia temas de gobernanza, desempeño y sostenibilidad.

En la figura 15 se presenta el mapa de coocurrencia. En este tipo de visualización, cada nodo representa una palabra clave utilizada por los autores, y los enlaces (aristas) entre nodos reflejan la frecuencia con la que

dichos términos aparecen juntos en los mismos documentos. El tamaño del nodo indica la frecuencia de aparición de un término específico, mientras que el grosor de los enlaces señala la fuerza de la asociación. Además, los colores agrupan a los términos en comunidades temáticas determinadas mediante algoritmos de detección de clústeres semánticos, lo cual permite observar cómo se organiza conceptualmente el campo.

Figura 15. Red de co-ocurrencia en la literatura de cooperativa financiera.



En el centro de la red destaca, de manera indiscutible, el término *financial cooperatives*, que actúa como nodo principal por su tamaño y número de conexiones, evidenciando su papel como eje vertebrador del campo. Este nodo se conecta fuertemente con términos como *financial institutions*, *credit unions*, *economic growth*, *financial performance* y *social capital*, lo que indica que el discurso académico gira en torno a las relaciones entre cooperativismo financiero, desempeño organizacional e impacto económico y social. También se conecta con nodos como *female-dominated boards*, lo cual sugiere una incorporación incipiente de la dimensión de género al debate, aunque aún no es un subcampo dominante.

Un segundo núcleo bien definido gira en torno al término *credit unions*, representado en color naranja. Este grupo incluye conceptos como *common bond*, *financial system* y *credit union*, lo cual sugiere un enfoque institucional y funcional centrado en las características estructurales y organizativas de estas entidades. Aunque este grupo está vinculado al núcleo central, mantiene cierta autonomía semántica, lo que podría indicar

una sublínea de investigación más centrada en el análisis técnico-operativo de las uniones de crédito.

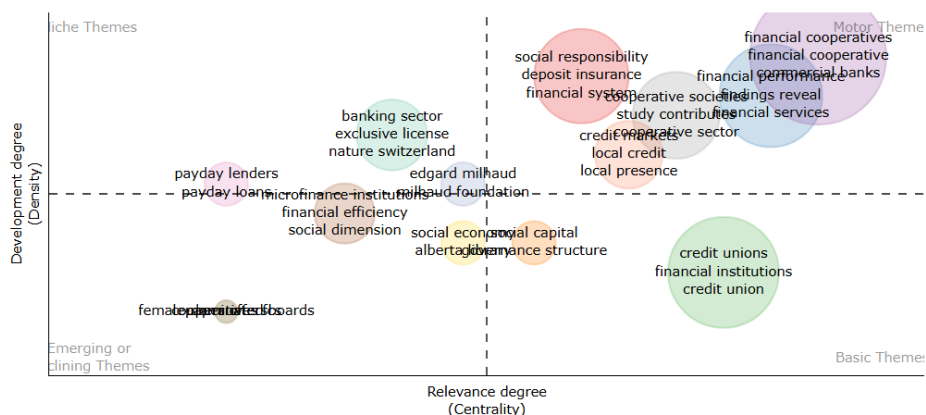
Otro clúster relevante aparece en color verde, centrado en *financial cooperative*, conectado con términos como *financial sustainability*, *developing countries*, *cross-sectional survey* y *study examines*. Este grupo representa estudios empíricos orientados al análisis de sostenibilidad financiera en contextos específicos, especialmente en economías emergentes. Su proximidad al núcleo central indica una línea de investigación estrechamente ligada al desarrollo práctico y contextualizado del cooperativismo financiero.

Un grupo adicional, en tonos púrpura, se articula alrededor de *financial institutions*, *microfinance institutions* y *cooperative financial*, lo que indica un interés en la comparación entre diferentes formas de intermediación financiera, incluyendo modelos alternativos como las microfinanzas. Esta comunidad se vincula fuertemente con términos como *economic growth* y *performance*, reforzando la idea de que la evaluación del impacto económico es un eje transversal en el campo.

En los márgenes de la red se identifican grupos más especializados o emergentes, como el clúster marrón que agrupa términos como *dynamic capabilities*, *coordination learning* y *structural equation*, los cuales remiten a enfoques más teóricos y metodológicos, o el grupo rosado enfocado en *financial inclusion* y *cooperative societies*, orientado al análisis de impacto social. En conjunto, el mapa evidencia un campo con un núcleo temático sólido, centrado en el papel de las cooperativas financieras dentro de los sistemas económicos, y múltiples líneas secundarias que abordan desde enfoques comparativos e institucionales hasta estudios empíricos sobre sostenibilidad, inclusión y desempeño. La estructura de la red sugiere una comunidad académica activa, con conexiones significativas entre los principales conceptos, pero también con espacio para fortalecer vínculos entre líneas temáticas aun relativamente aisladas, especialmente en lo que respecta a género, gobernanza y capacidades organizacionales.

Finalmente, en la figura 16 muestra un mapa temático estratégico. Este tipo de gráfico distribuye los términos en un espacio bidimensional según dos ejes: el eje horizontal representa la centralidad o relevancia temática (es decir, la conexión del tema con otras áreas del campo), mientras que el eje vertical indica la densidad o nivel de desarrollo interno (esto es, cuán consolidado está el tema en términos de cohesión interna y profundidad conceptual).

Figura 16. Mapa temático de la literatura de cooperativas financieras.



En el cuadrante superior derecho, correspondiente a los temas motores (temas bien desarrollados y altamente relevantes), se ubican términos como *financial cooperatives*, *financial cooperative*, *financial performance*, *commercial banks*, *financial services* y *findings reveal*. Estos conceptos constituyen el núcleo estructural del campo, indicando que la literatura está fuertemente centrada en el estudio del desempeño financiero y la comparación con modelos bancarios tradicionales. La presencia de estos términos en esta zona del gráfico confirma que son los principales impulsores del debate académico actual, tanto por su grado de madurez como por su influencia transversal en otros subtemas.

El cuadrante inferior derecho, que identifica los temas básicos, contiene el clúster relacionado con *credit unions*, *credit union* y *financial institutions*. Aunque estos términos tienen una centralidad elevada –es decir, están bien conectados con el resto del campo– su densidad es baja,

lo que implica que aún necesitan un mayor desarrollo teórico o conceptual. Este hallazgo sugiere que, si bien las uniones de crédito son fundamentales en la estructura del campo, las investigaciones sobre ellas podrían estar enfocadas más en su función que en explorar nuevas dimensiones o complejidades internas.

En el cuadrante superior izquierdo, que representa los temas nicho –es decir, líneas de investigación bien desarrolladas, pero poco conectadas con el resto del campo– se encuentra un grupo centrado en el *banking sector*, *exclusive license*, *financial efficiency* y *nature switzerland*. Aunque estos temas han alcanzado un grado significativo de especialización, su baja centralidad sugiere que son tratados como enfoques paralelos, con una menor capacidad de influir en los grandes debates estructurales del campo.

El cuadrante inferior izquierdo, correspondiente a los temas emergentes o en declive, incluye términos como *female-dominated boards*, *appropriated funds*, y *loan portfolio*. Estos temas muestran tanto baja densidad como baja centralidad, lo que puede interpretarse de dos formas: o bien son líneas nuevas aún en formación que podrían ganar importancia, o bien son áreas que han perdido relevancia y están siendo desplazadas por otros focos temáticos. En particular, la inclusión del enfoque de género en esta zona sugiere que, a pesar de su creciente relevancia social, todavía no se ha integrado de forma sustantiva al núcleo del discurso académico sobre cooperativismo financiero.

Por último, en el centro del gráfico, aparecen términos como *social economy*, *governance*, *social capital* y *governance structure*, los cuales se ubican en el punto de intersección entre centralidad y densidad. Su posición indica que son temas transversales, que, si bien no lideran el campo en términos de desarrollo o influencia, sí cumplen un rol articulador entre distintos subcampos, en particular entre los enfoques institucionales, comunitarios y de desempeño. En conjunto, esta figura evidencia un campo con una estructura temática sólida y en expansión. Los temas motores están bien definidos y cohesionados, mientras que existen áreas básicas

aún en desarrollo y zonas periféricas que representan oportunidades de investigación. Especialmente notorio es el potencial aún no capitalizado de integrar con mayor fuerza enfoques de género, gobernanza participativa y estructuras organizativas no convencionales en el análisis del cooperativismo financiero.

4. FUNCIÓN DE LAS CAC EN LA EPS

La economía popular y solidaria (EPS) se refiere a un sistema económico alternativo que se basa en la reciprocidad, la cooperación y la solidaridad como principios rectores de la producción, distribución y consumo de bienes y servicios. En este contexto, las CAC constituyen uno de los pilares fundamentales, al ofrecer una plataforma financiera coherente con los valores de la EPS, las funciones se las puede resumir en (Salinas-Vásquez et al., 2024; Salcedo-Pérez y Patiño, 2017):

1. Instrumentos de financiamiento accesible

En economías populares donde prevalece el trabajo informal, el autoempleo y las microempresas familiares, el acceso al crédito es a menudo limitado. Las cooperativas actúan como herramientas financieras que permiten a estos actores acceder a préstamos, líneas de crédito y servicios de ahorro con condiciones más humanas y flexibles que las ofrecidas por la banca comercial.

2. Impulso a emprendimientos comunitarios

Las CAC financian emprendimientos productivos y actividades económicas locales que fortalecen los circuitos cortos de comercialización y el desarrollo endógeno. Esto contribuye a generar empleo, reducir la dependencia externa y fomentar la resiliencia económica de las comunidades.

3. Circulación solidaria del capital

A través de las CAC, los recursos financieros se reinvierten localmente, lo cual genera un ciclo virtuoso de desarrollo. El ahorro de los socios no se dirige a la especulación financiera, sino que se canaliza a otros miembros de la comunidad, fortaleciendo la economía del territorio.

4. Estímulo a la cohesión social

La lógica de cooperación sobre la que se funda la EPS se materializa en las cooperativas, donde el sentido de pertenencia, la participación colectiva y la corresponsabilidad son prácticas habituales. Esto fortalece el tejido social y reduce las brechas de desigualdad.

5. EL ROL DE LAS COOPERATIVAS EN LA INCLUSIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL

La inclusión económica y social implica la integración efectiva de todas las personas en los sistemas productivos, financieros y sociales, sin discriminación ni exclusión (Kamau, Mathuva y Ndiritu, 2024; Cuong et al., 2020; Khafagy, 2018). En este marco, las cooperativas de ahorro y crédito juegan un papel estratégico, tanto como facilitadoras del acceso a servicios financieros básicos como promotoras de procesos de empoderamiento económico y ciudadano, algunos roles que se pueden destacar son (Zambrano et al., 2023; Salcedo-Pérez y Patiño, 2017):

1. Acceso financiero como derecho y no como privilegio

Las CAC permiten que personas tradicionalmente excluidas del sistema financiero –por su falta de garantías, historial crediticio o ingresos formales– puedan acceder a servicios de ahorro, crédito, seguros y transferencias. De este modo, transforman el acceso financiero en un derecho colectivo y no en un privilegio de pocos.

2. Reducción de brechas estructurales

Al enfocarse en sectores poco atendidos, como mujeres rurales, pueblos indígenas y jóvenes sin empleo formal, las cooperativas contribuyen a reducir las brechas de género, territorio y clase. Además, al ofrecer servicios adaptados a las realidades culturales y económicas de cada comunidad, promueven modelos de desarrollo más inclusivos y sostenibles.

3. Fomento de la ciudadanía económica

La participación activa en una cooperativa implica no solo ser beneficiario de servicios, sino también sujeto activo en la toma de decisiones. Esta dinámica fortalece la ciudadanía económica, entendida como la capacidad de los individuos para incidir en las estructuras económicas que los afectan.

4. Generación de capital social

Las CAC fortalecen el capital social al generar confianza, redes de solidaridad y estructuras cooperativas de apoyo mutuo. Estos elementos son claves para el desarrollo humano, la cohesión social y la resiliencia frente a crisis.

5. Respuesta inclusiva frente a crisis económicas

Durante períodos de crisis, como las recesiones financieras o emergencias sanitarias, las cooperativas han demostrado mayor capacidad de resiliencia y sensibilidad social que muchas instituciones bancarias. Han implementado políticas de refinanciamiento, suspensión de pagos y apoyo directo a sus socios, reforzando su rol como actores económicos solidarios.

6. CONCLUSIONES

Como se ha podido apreciar, la economía inclusiva emerge como una propuesta paradigmática frente a los modelos convencionales de desarrollo económico, desplazando el énfasis del crecimiento meramente cuantitativo hacia una visión estructural, distributiva y participativa. No se trata únicamente de mejorar indicadores agregados, sino de reconfigurar las condiciones de acceso, decisión y beneficios del desarrollo económico para grupos históricamente excluidos. En este sentido, la economía inclusiva se asienta sobre pilares como equidad, justicia social, diversidad productiva y sostenibilidad, integrando elementos sociales, institucionales y ambientales como condiciones necesarias para el bienestar colectivo.

El análisis bibliométrico realizado en torno al término “inclusive economy” demuestra un campo en consolidación y crecimiento sostenido, con un incremento notable de la producción científica a partir de 2014, alcanzando su punto más alto en 2021. Aunque se evidencia una estructura de citación concentrada –con pocos trabajos altamente influyentes–, también se aprecia una diversificación conceptual en los últimos años, reflejada en la emergencia de temas como innovación social, finanzas verdes e inclusión digital. Además, la red de coocurrencia de términos revela una organización temática coherente y jerarquizada, en la que el desarrollo sostenible, la inclusión financiera y el crecimiento económico inclusivo constituyen el núcleo articulador del campo.

Las microfinanzas se consolidan como una herramienta estratégica de inclusión económica, al facilitar el acceso a servicios financieros a personas y comunidades marginadas del sistema bancario tradicional. Su enfoque adaptado y contextualizado permite no solo financiar actividades económicas, sino también empoderar a individuos, fortalecer el capital social y dinamizar economías locales. Más allá de su dimensión financiera, las microfinanzas actúan como catalizadores de procesos de desarrollo humano y cohesión social, especialmente cuando están integradas con programas de capacitación, organización comunitaria y asistencia técnica.

Las cooperativas de ahorro y crédito (CAC) cumplen un papel clave en la institucionalización de una economía inclusiva, al operar como entidades financieras democráticas, solidarias y orientadas al desarrollo territorial. Su modelo de gobernanza participativa y su lógica de no lucro las convierten en vehículos eficaces para canalizar recursos hacia sectores excluidos, promover la educación financiera y consolidar procesos de desarrollo endógeno. La evidencia bibliométrica respalda esta importancia creciente: el campo de estudio vinculado a CAC, liderazgo, género y desempeño ha experimentado una expansión notable desde 2016, con un patrón de producción más reciente, colaborativo y con incipiente internacionalización.

Los mapas temáticos y de coocurrencia revelan que, si bien los conceptos de desempeño financiero, servicios financieros cooperativos y comparación con la banca tradicional ocupan el centro del discurso académico, aún existen zonas de baja densidad conceptual. Estas incluyen enfoques con alto potencial de innovación como gobernanza participativa, estructuras organizativas no convencionales y, especialmente, la integración de la perspectiva de género, que, pese a su relevancia social, se encuentra en una etapa marginal dentro de la literatura analizada.

Finalmente, se confirma que las cooperativas de ahorro y crédito, insertas en la lógica de la economía popular y solidaria, no solo amplían el acceso financiero, sino que desempeñan funciones críticas como el impulso a emprendimientos comunitarios, la circulación solidaria del capital y la respuesta inclusiva ante crisis. Su impacto trasciende lo económico: fortalecen el tejido social, promueven ciudadanía económica y corrigen asimetrías estructurales desde una lógica colectiva. Así, las CAC no son meros instrumentos técnicos, sino instituciones sociales fundamentales para avanzar hacia un modelo económico más equitativo, resiliente y humano.

REFERENCIAS

Abate, G., Borzaga, C., y Getnet, K. (2014). Cost-efficiency and outreach of microfinance institutions: Trade-offs and the role of ownership. *Journal of International Development*. 26(6), 923-932. <https://doi.org/10.1002/jid.2981>

Basque, J., y Langley, A. (2018). Invoking Alphonse: The founder figure as a historical resource for organizational identity work. *Organization Studies*, 39(12), 1685-1708. <https://doi.org/10.1177/0170840618789211>

Bezboruah, K., y Pillai, V. (2015). Exploring the Participation of Women in Financial Cooperatives and Credit Unions in Developing Countries. *Voluntas*, 26(3), 913-940. <https://doi.org/10.1007/s11266-014-9467-9>

Cuong H., Ngoc-Luu, H., Quynh-Thi, N., y Chu, V. (2020). Income structure, diversification strategy and owners' benefit in cooperative financial institutions. *International Journal of Managerial Finance*, 16(4), 481-500. <https://doi.org/10.1108/IJMF-11-2018-0346>

Deas, I., Haughton, G., y Ward, K. (2021). Scalar postpolitics, inclusive growth and inclusive economies: Challenging the Greater Manchester agglomeration model. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 14(1), 179-195. <https://doi.org/10.1093/cjres/rsaa022>

Etter, M., Fieseler, C., y Whelan, G. (2019). Sharing Economy, Sharing Responsibility? Corporate Social Responsibility in the Digital Age. *Journal of Business Ethics*, 159(4), 935-942. <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04212-w>

Huynh, C. (2020). Shadow economy and air pollution in developing Asia: what is the role of fiscal policy?. *Environmental Economics and Policy Studies*, 22(3), 357-381. <https://doi.org/10.1007/s10018-019-00260-8>

Ismail, N., y Mohd-Rasid, M.. (2022). Promoting an inclusive economy: the relevance of sustainable development and islamicity prosperity index. *Journal of Islamic Monetary Economics and Finance*, 8(4), 637-660. <https://doi.org/10.21098/jimf.v8i4.1530>

Jones, D, y Kalmi, P. (2015). Membership and Performance in Finnish Financial Cooperatives: A New View of Cooperatives?. *Review of Social Economy*, 73(3), 283-309. <https://doi.org/10.1080/00346764.2015.1067753>

Kamau, J., Mathuva, D., Ndiritu, S. (2024). Do sustainable savings decisions through deposits and shares by members influence the choice of financial cooperatives?. *Annals of Public and Cooperative Economics*, 95(4), 1139-1170. <https://doi.org/10.1111/apce.12480>

Khafagy, A. (2018). Regulation, supervision and deposit insurance for financial cooperatives: an empirical investigation. *Annals of Finance*, 14(2), 143-193. <https://doi.org/10.1007/s10436-017-0307-y>

Kingsley, B., Morley, K., Das, S., Mayan, M., Wallace, E. (2021). Attempting to Address Conditions of Poverty through an Inclusive Economic Approach in Alberta. *Canadian Journal of Nonprofit and Social Economy Research*. 12(S1), 46-64. <https://doi.org/10.29173/cjnser.2021v12nS1a415>

Komninos, N., Kakderi, C., Panori, A., y Tsarchopoulos, P. (2019). Smart City Planning from an Evolutionary Perspective. *Journal of Urban Technology*. 26(2), 3-20. <https://doi.org/10.1080/10630732.2018.1485368>

Marwa, N., y Aziakpono, M. (2015). Financial sustainability of Tanzanian saving and credit cooperatives. *International Journal of Social Economics*, 42(10), 870-887. <https://doi.org/10.1108/IJSE-06-2014-0127>

Luukkanen, J., Kaivo-oja, J., Vähäkari, N., O'Mahony, T., Korkeakoski, M., Panula-Ontto, J., Phonhalath, K., Nanthavong, K., Reincke, K., Vehmas, J., Hogarth, N. (2019). Green economic development in Lao PDR: A sustainability window analysis of Green Growth Productivity and the Efficiency Gap. *Journal of Cleaner Production*, 211, 818-829. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.11.149>

Maffei, L., Masullo, M., Pascale, A., Ruggiero, G., y Romero, V. (2016). Immersive virtual reality in community planning: Acoustic and visual congruence of simulated vs real world. *Sustainable Cities and Society*, 27, 338-345. <https://doi.org/10.1016/j.scs.2016.06.022>

Martínez, M., Ibáñez, P., y Campillo, J. (2021). La predicción del fracaso empresarial de las cooperativas españolas. Aplicación del Algoritmo Extreme Gradient Boosting. CIRIEC-España *Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, 101, 255-288. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7839631>

Migdalski, M. (2024). Credit Union Models in Poland and USA in Comparative Perspective. *Prawo i Wiek*, 51(4), 191-206. <https://prawoiwiekz.edu.pl/index.php/piw/article/view/901>

Mook, L., Maiorano, J., y Quarter, J. (2015). Credit Unions: Market Niche or Market Accommodation?. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 44(4.0), 814-831. <https://doi.org/10.1177/0899764014538121>

Naldi, L., Nilsson, P., Westlund, H., y Wixe, S. (2015). What is smart rural development?. *Journal of Rural Studies*, 40, 90 – 101. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2015.06.006>

Naterer, A., Žižek, A., y Lavrič, M. (2018). The quality of integrated urban strategies in light of the Europe 2020 strategy: The case of Slovenia. *Cities*, 72, 369-378. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2017.09.016>

Navarrete-Hernández, P., Alford, M., y Toro, F. (2023). Inclusive informal-to-informal trade: the poverty alleviation potential of street vendors' trade networks in Santiago de Chile. *Third World Quarterly*, 44(8), 1844-1864. <https://doi.org/10.1080/01436597.2023.2208060>

Omeke, M., Ngoboka, P., Nkote, I., y Kayongo, I. (2020). Dynamic capabilities and institutional size of financial cooperatives. *Enterprise Development and Microfinance*, 31(1), 11-27. <https://practicalactionpublishing.com/article/2977/dynamic-capabilities-and-institutional-size-of-financial-cooperatives>

Omerzo, I., y Krišto, J. (2022). Financial Cooperatives Development in Croatia: Social Capital Perspective. *Contributions to Economics*, 87-108. https://doi.org/10.1007/978-3-030-99850-9_6

Patrick, M., y Eddy, B. (2025). 'It's Ours': Understanding the aspects of ownership in financial cooperatives. *Annals of Public and Cooperative Economics*. 96(2), 401-428. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/apce.12507>

Périlleux, A. y Szafarz, A. (2022). Women in the boardroom: a bottom-up approach to the trickle-down effect. *Small Business Economics*, 58(4), 1783-1800. <https://doi.org/10.1007/s11187-021-00475-8>

Périlleux, A., y Szafarz, A. (2015). Women Leaders and Social Performance: Evidence from Financial Cooperatives in Senegal. *World Development*. 74, 437-452. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2015.05.011>

Polo-Garrido, F., y Vargas-Ulloa, D. (2024). Efficiency of financial cooperatives. A structured review of the literatura. *REVESCO Revista de Estudios Cooperativos*, 147. <https://doi.org/10.5209/reve.95988>

Ravikumar, T., Murugan, N., y Suhashini, J. (2021). Geographical and Gender Disparities in Financial Inclusion Diffusion in India. *Finance India*, 35(4), 1453-1477. <https://financeindia.org/data/2021/FI354/FI-354-CP02.pdf>

Retolaza, J., y San-Jose, L. (2022). The Cooperative Difference in the Management Styles and Objectives: Phantom Effect of Credit Cooperative. *Contemporary Trends in European Cooperative Banking: Sustainability, Governance, Digital Transformation, and Health Crisis Response*, 143-164. https://doi.org/10.1007/978-3-030-98194-5_7

Salcedo-Pérez C., y Patiño O. (2017). Microfinancing and informal lending in Bogota, Colombia: A study on informal microbusinesses. *Economic Annals-XXI*, 168(11-12), 57-62. <https://doi.org/10.21003/ea.V168-12>

Salinas-Vásquez, J., Sarmiento-Jara, J., Urgilés-Salinas, M., y Oña-Avendaño, D. (2024). Social capital and credit risk in a financial cooperative of Ecuador. *Journal of Co-operative Organization and Management*, 12(2), <https://doi.org/10.1016/j.jcom.2024.100247>

Sandonà, L. (2020). Francis' Economic Thought: His Case for an Inclusive Economy. *Forum for Social Economics*, 49(4), 430-445. <https://doi.org/10.1080/07360932.2017.1279557>

Schlag, M., y Melé, D. (2020). Building Institutions for the Common Good. The Practice and Purpose of Business in an Inclusive Economy. *Humanistic Management Journal*, 5(1), 1-6. <https://doi.org/10.1007/s41463-020-00092-9>

Schneider, A. y Justin, D. (2020). Educating for an Inclusive Economy: Cultivating Relationality Through International Immersion. *Humanistic Management Journal*, 5(1), 133-151. <https://doi.org/10.1007/s41463-019-00078-2>

Shpykuliak, O., Ihnatenko, M., y Shvets, A. (2021). Conceptual assessment of the implementation of the principles of inclusive rural areas development with the participation of agroholding integrated formations. *Ekonomika APK*, 28(3), 97-111. <http://dx.doi.org/10.32317/2221-1055.202103097>

Summers, J., y Bratanova, B. (2023). Employee-Owned Businesses' Responses During the Pandemic: Economic, Non-Economic Goal and Democratic Resilience and Their Link to Ownership, Control and Benefit. *Journal of Entrepreneurial and Organizational Diversity*, 12(2), 73-98. <https://ssrn.com/abstract=4649636>

Tarko V. (2021). Simple rules for a more inclusive economy. *European Journal of Law and Economics*, 52(2-3), 229-249. <https://doi.org/10.1007/s10657-020-09674-2>

Zambrano, A., Giraldo, L., Perdomo, M., Hernández, I., y Godoy, J. (2023). Rotating savings and credit associations: A scoping Review. *World Development Sustainability*, 3.0, <https://doi.org/10.1016/j.wds.2023.100081>

CAPÍTULO 2

EMPODERAMIENTO ECONÓMICO DE LAS MUJERES, LIDERAZGO FEMENINO Y GOBERNANZA EN LAS COOPERATIVAS

RESUMEN: El presente capítulo analiza el papel estratégico del cooperativismo como eje de fortalecimiento de la economía social y solidaria en Ecuador, con énfasis en la provincia de El Oro. Se parte de una revisión conceptual del cooperativismo, destacando sus fundamentos éticos, económicos y sociales, así como su relevancia en la construcción de modelos productivos inclusivos y sustentables. A través del estudio del marco normativo ecuatoriano, se examinan los avances institucionales que han favorecido la consolidación del sector cooperativo, junto con los principales desafíos que aún persisten en términos de gobernanza, acceso a financiamiento y capacidades técnicas. El análisis territorial de El Oro permite identificar tanto las oportunidades como las restricciones que enfrenta el cooperativismo en contextos locales con desigualdades estructurales. Asimismo, se exponen estrategias para el fortalecimiento del sistema cooperativo, orientadas a mejorar la sostenibilidad organizacional, la inclusión financiera y la articulación con políticas públicas. El capítulo concluye que el cooperativismo, cuando está adecuadamente apoyado por marcos regulatorios e instrumentos de fomento, puede ser un motor de desarrollo territorial equitativo, contribuyendo al bienestar de las comunidades y a la resiliencia económica regional.

PALABRAS CLAVES: cooperativismo; economía social y solidaria; inclusión; desarrollo local.

ECONOMIC EMPOWERMENT OF WOMEN, FEMALE LEADERSHIP, AND COOPERATIVE GOVERNANCE

ABSTRACT: This chapter analyzes the strategic role of cooperativism as a key component in strengthening the social and solidarity economy in Ecuador, with a particular focus on the province of El Oro. It begins with a conceptual review of cooperativism, highlighting its ethical, economic, and social foundations, as well as its relevance in building inclusive and sustainable productive models. Through an examination of the Ecuadorian regulatory framework, the chapter explores institutional progress in the cooperative sector and the persistent challenges related to governance, access to finance, and technical capacities. The territorial analysis of

El Oro identifies both the opportunities and constraints faced by cooperativism in local contexts marked by structural inequalities. Strategies to strengthen the cooperative system are also presented, aimed at improving organizational sustainability, financial inclusion, and alignment with public policy. The chapter concludes that cooperativism, when adequately supported by regulatory frameworks and development instruments, can be a driver of equitable territorial development, contributing to community well-being and regional economic resilience.

KEYWORDS: cooperativism; solidarity economy; inclusion; local development.

EMPODERAMENTO ECONÔMICO DAS MULHERES, LIDERANÇA FEMININA E GOVERNANÇA NAS COOPERATIVAS

RESUMO: Este capítulo analisa o papel estratégico do cooperativismo como eixo de fortalecimento da economia social e solidária no Equador, com ênfase na província de El Oro. Parte-se de uma revisão conceitual do cooperativismo, destacando seus fundamentos éticos, econômicos e sociais, bem como sua relevância na construção de modelos produtivos inclusivos e sustentáveis. A partir da análise do marco regulatório equatoriano, examinam-se os avanços institucionais que têm favorecido a consolidação do setor cooperativo, juntamente com os principais desafios persistentes em termos de governança, acesso ao financiamento e capacidades técnicas. A análise territorial de El Oro permite identificar tanto as oportunidades quanto as limitações enfrentadas pelo cooperativismo em contextos locais marcados por desigualdades estruturais. São apresentadas estratégias para o fortalecimento do sistema cooperativo, com foco na melhoria da sustentabilidade organizacional, inclusão financeira e articulação com políticas públicas. O capítulo conclui que o cooperativismo, quando apoiado de forma adequada por marcos normativos e instrumentos de fomento, pode ser um motor de desenvolvimento territorial equitativo, contribuindo para o bem-estar das comunidades e para a resiliência econômica regional.

PALAVRAS-CHAVE: cooperativismo; economia solidária; inclusão; desenvolvimento local.

1. INTRODUCCIÓN

En los últimos años, el empoderamiento en el ámbito económico de las mujeres ha tomado fuerza debido a que ha sido un elemento clave para el desarrollo sostenible. A nivel global, los esfuerzos para reducir las desigualdades han puesto énfasis en el acceso de las mujeres a recursos económicos, formación y liderazgo. En este contexto, las cooperativas de ahorro y crédito se han visto como plataformas ideales para promover la inclusión financiera y la participación activa de las mujeres en la

gobernanza organizacional. No obstante, las estructuras más equitativas constantemente presentan ciertos desafíos, especialmente en países en vías de desarrollo, donde las barreras culturales, sociales y económicas persisten (Eger y Jones, 2021).

Esta investigación tiene como propósito explorar cómo el empoderamiento económico de las mujeres incide en su participación en espacios de liderazgo y gobernanza dentro de las cooperativas, tomando como referencia el caso de la provincia de El Oro, Ecuador. Este análisis cobra especial relevancia si se considera que las cooperativas cumplen un rol fundamental en las economías locales, facilitando el acceso al ahorro y al crédito, particularmente en comunidades rurales o de ingresos limitados. No obstante, a pesar de su protagonismo económico, la presencia femenina en los órganos de decisión continúa siendo reducida, lo cual plantea preguntas esenciales sobre las estrategias necesarias para fortalecer su participación efectiva en estas instituciones.

El empoderamiento económico, en este contexto, se concibe como la capacidad de las mujeres para tomar decisiones informadas sobre el uso y gestión de sus recursos financieros, lo que repercute directamente en su bienestar y el de sus familias. Como plantea Kabeer (1999), este tipo de empoderamiento no solo amplía el rango de opciones individuales, sino que también cuestiona estructuras tradicionales de poder, abriendo paso a transformaciones más profundas. En el entorno cooperativo, la inclusión de mujeres en los espacios de liderazgo no solo aporta diversidad de perspectivas, sino que también puede favorecer la adopción de políticas más inclusivas y sensibles a las realidades locales. Para que este potencial se materialice, resulta indispensable identificar y comprender tanto los obstáculos como las oportunidades que enfrentan las mujeres en su camino hacia el liderazgo cooperativo.

La pertinencia del tema radica en su capacidad de generar impactos tangibles a nivel económico y social. Por una parte, el empoderamiento económico de las mujeres está estrechamente ligado a un crecimiento más inclusivo, al promover su autonomía financiera y su participación en

decisiones estratégicas (UN Women, 2020). Por otra parte, su liderazgo dentro de las cooperativas no solo fortalece la estructura organizativa, sino que también incide positivamente en la equidad de género a nivel comunitario. Así, abordar esta temática no responde únicamente a un interés académico, sino que representa también una oportunidad para diseñar políticas públicas más eficaces y con mayor sensibilidad social.

La investigación se articula en torno a un objetivo general y tres objetivos específicos. De forma general, se propone analizar el impacto del empoderamiento económico femenino en la participación de las mujeres en roles de liderazgo y gobernanza dentro de las cooperativas de El Oro, con el objetivo de identificar estrategias que potencien su contribución al desarrollo institucional. Los objetivos específicos, a su vez, buscan: evaluar el grado de participación de las mujeres en posiciones de liderazgo dentro de estas organizaciones; identificar los factores que limitan o favorecen su acceso a dichos espacios; analizar cómo las políticas orientadas al empoderamiento económico han influido en su desempeño como líderes; y, finalmente, proponer estrategias concretas para fortalecer el liderazgo femenino en el ámbito cooperativo.

En cuanto a los antecedentes, diversas investigaciones han documentado el papel de las cooperativas como mecanismos eficaces de inclusión financiera en zonas rurales, particularmente en países en vías de desarrollo. Por ejemplo, Eger y Jones (2021) señalan que la participación femenina en estas organizaciones no solo facilita el acceso al crédito, sino que también permite el desarrollo de habilidades que posicionan a muchas mujeres como líderes emergentes en sus comunidades. Sin embargo, también se ha señalado que persisten obstáculos importantes: desde la escasa oferta de formación en liderazgo, hasta la influencia de normas socioculturales que tienden a excluir a las mujeres de los procesos de toma de decisiones estratégicas. Estos antecedentes subrayan la importancia de llevar a cabo investigaciones localizadas que atiendan a las particularidades de contextos específicos, como ocurre en El Oro, donde las cooperativas siguen siendo actores clave en el desarrollo económico y social.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GENERAL

Analizar el impacto del empoderamiento económico de las mujeres en el liderazgo femenino y la gobernanza dentro de las cooperativas en la provincia de El Oro, con el fin de identificar estrategias que fortalezcan su participación y contribución al desarrollo institucional.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Evaluar el nivel de participación de las mujeres en roles de liderazgo dentro de las cooperativas, identificando los factores que limitan o promueven su acceso a estos espacios.

Analizar cómo las políticas y programas de empoderamiento económico han influido en la capacidad de las mujeres para ejercer liderazgo efectivo en la toma de decisiones y la gobernanza de las cooperativas.

Proponer estrategias basadas en los hallazgos del estudio que fortalezcan el liderazgo femenino y fomenten una mayor equidad de género en la estructura organizativa de las cooperativas.

3. DESCRIPCIÓN DEL TEMA

Lograr que las mujeres tengan poder económico y que participen liderando y gestionando las cooperativas es algo esencial para que haya un desarrollo que se sostenga en el tiempo y para que hombres y mujeres tengan las mismas oportunidades. En un entorno donde todavía se ven muchas diferencias entre ambos, darles más independencia económica a las mujeres cambia no solo sus vidas, sino también las de sus familias y los lugares donde viven. Las cooperativas, al ser sitios donde se trabaja en equipo y donde todos tienen voz y voto, son perfectas para impulsar este cambio. Aun así, las mujeres se topan con muchos obstáculos, como costumbres que las limitan o la falta de acceso a educación y dinero, lo que hace más difícil que participen activamente como líderes.

Lo importante de esto es que tiene un efecto directo en cómo crece la sociedad y la economía. Cuando las mujeres están al mando, se crean normas que incluyen a más personas y que tienen en cuenta lo que necesita la comunidad. Como dijo Kabeer (1999) dar poder económico no solo aumenta las opciones de cada persona, sino que también pone en duda las formas de poder de antes. Para solucionar esto, hay que mirar todas sus partes: desde dar acceso a préstamos hasta permitir que lideren en las decisiones, para crear organizaciones que sean más justas y que duren más.

Investigaciones recientes fortalecen la noción de que el liderazgo ejercido por mujeres conlleva ventajas claras para las cooperativas. Tal como señaló Eger y Jones (2021) las mujeres en cargos de liderazgo suelen dar prioridad a políticas enfocadas en el bienestar social, lo cual tiene un efecto positivo en las comunidades donde operan estas cooperativas. Sumado a esto, el reporte de ONU Mujeres (2020) resaltó que las cooperativas que son inclusivas brindan a las mujeres la posibilidad de acceder no solo a recursos económicos, sino también a redes de apoyo y opciones de capacitación. Estos puntos de vista demuestran que apostar por el fortalecimiento económico y el liderazgo de las mujeres es una medida fundamental para progresar hacia la igualdad y el desarrollo sostenible.

4. SITUACIÓN ECONÓMICA DE LAS MUJERES EN EL ORO

La realidad económica de las mujeres en la provincia de El Oro muestra las desigualdades de género que aún existen en muchas áreas de Ecuador. Si bien representan una parte importante de la población que trabaja, las mujeres se topan con obstáculos que dificultan su acceso a trabajos y recursos económicos. Entre estos obstáculos están la división del trabajo por género, sueldos más bajos en comparación con los hombres y la gran cantidad de tareas domésticas no pagadas que realizan. De acuerdo con el Instituto Nacional de Estadística y Censos (INEC, 2020), las mujeres en zonas rurales como El Oro ganan, en promedio, un 30% menos

que los hombres, una diferencia que afecta su capacidad para ahorrar o invertir en sus propios negocios.

Asimismo, el trabajo informal es un problema grave, ya que una gran cantidad de mujeres en El Oro trabaja en áreas informales, lo que significa que no tienen acceso a beneficios sociales ni a derechos laborales básicos. Esta situación las pone en una posición de vulnerabilidad económica y les dificulta el acceso a servicios económicos formales. Como indicó Kabeer (1999) las desigualdades de género en la economía no son solo un problema de acceso, sino también de las normas sociales que mantienen estas dinámicas. Este panorama destaca la necesidad de acciones concretas que permitan a las mujeres superar estas limitaciones estructurales.

Aunque los microcréditos han ayudado, las mujeres oreenses aún batallan para obtener préstamos formales. ¿Por qué? Pues les piden muchas garantías, a menudo no tienen historial crediticio y, lamentablemente, sufren discriminación por ser mujeres en los bancos. Un estudio de la Fundación Microfinanzas BBVA (2020) indicó que se cree, sin razón, que las mujeres son malas pagadoras, cuando la evidencia empírica demuestra lo contrario. Además, muchas no saben cómo pedir un crédito por falta de información financiera. No conocen los servicios disponibles ni saben cómo armar un buen proyecto para presentar. Aquí es donde las cooperativas son clave: ofrecen cursos y ayuda para que las mujeres puedan superar estos obstáculos y conseguir financiamiento de forma estable.

5. ROL DE LAS COOPERATIVAS EN EL EMPODERAMIENTO ECONÓMICO FEMENINO

Las cooperativas han desempeñado un papel fundamental en la integración financiera y el avance económico de las mujeres, particularmente en contextos rurales y de bajos ingresos como la provincia de El Oro. Estas organizaciones, basadas en principios de autogestión y cooperación, han abierto oportunidades para que muchas mujeres accedan a servicios financieros a los que tradicionalmente les ha sido difícil llegar. Según la Alianza Cooperativa Internacional (ACI, 2019),

las cooperativas no solo facilitan el acceso al crédito, sino que también promueven la educación y el desarrollo de habilidades, fortaleciendo así el capital humano de sus integrantes.

En El Oro, diversas cooperativas han implementado iniciativas concretas orientadas específicamente a las mujeres, como los préstamos colectivos y las cuentas de ahorro diseñadas con enfoque inclusivo. Estas acciones han contribuido no solo a ampliar el acceso a recursos financieros, sino también a consolidar la autonomía económica de sus beneficiarias. No obstante, el impacto de estas entidades trasciende lo meramente económico. Las cooperativas también funcionan como espacios de participación activa, donde muchas mujeres comienzan a ejercer roles de liderazgo y a involucrarse en la toma de decisiones institucionales. Para que este potencial se expanda, es clave abordar barreras persistentes como los estereotipos de género y la limitada oferta de formación en habilidades de liderazgo.

En este proceso, los microcréditos han emergido como una herramienta eficaz para estimular el emprendimiento femenino. En El Oro, estos créditos – caracterizados por montos reducidos y condiciones accesibles – han permitido a muchas mujeres iniciar o fortalecer negocios propios, generando ingresos que mejoran tanto su calidad de vida como la de sus familias. Tal como señaló Yunus (1999), el microcrédito no solo otorga recursos financieros, sino que también ofrece a las mujeres la oportunidad de convertirse en agentes activas de cambio dentro de sus comunidades.

Diversas cooperativas locales han lanzado programas de microfinanzas con un enfoque claro hacia las mujeres emprendedoras, ofreciendo tasas de interés moderadas y condiciones adaptadas a la realidad de quienes se desempeñan en la economía informal. Sin embargo, si bien estos instrumentos han demostrado ser valiosos, también presentan ciertos riesgos. Entre ellos, destacan el endeudamiento excesivo y la falta de mecanismos adecuados de seguimiento y acompañamiento. Por ello, resulta imprescindible complementar estas iniciativas con programas de educación financiera que orienten a las beneficiarias en el uso responsable

de los recursos y en la planificación a largo plazo. Solo así se garantizará que los beneficios del acceso al crédito se traduzcan en procesos sostenibles de empoderamiento y mejora del bienestar colectivo.

Las cooperativas, por su naturaleza democrática y participativa, ofrecen un entorno propicio para promover la equidad en la toma de decisiones. No obstante, en la provincia de El Oro, la representación femenina en los espacios directivos de estas organizaciones continúa siendo limitada, a pesar de los esfuerzos institucionales por fomentar la igualdad de género. Según datos de la Superintendencia de Economía Popular y Solidaria (SEPS, 2021), apenas el 25% de los cargos de dirección en las cooperativas de la provincia están ocupados por mujeres. Esta cifra no solo revela una brecha persistente, sino que también evidencia una estructura de gobernanza que, en muchos casos, no logra reflejar de manera adecuada las voces y necesidades de todos sus integrantes.

Como destacan Eger y Jones (2021), una gobernanza inclusiva no constituye únicamente un imperativo ético, sino también una estrategia eficaz para mejorar tanto los resultados organizativos como el impacto comunitario. Superar esta desigualdad implica reconocer y eliminar barreras estructurales que dificultan el acceso de las mujeres a los espacios de liderazgo. Entre estas barreras se encuentran la falta de oportunidades de formación, los prejuicios culturales arraigados y una distribución desigual de las responsabilidades domésticas y comunitarias. La gobernanza cooperativa, en este sentido, va mucho más allá de la administración de recursos: se trata de diseñar políticas institucionales que promuevan la equidad y respondan a la diversidad de sus miembros.

La escasa presencia de mujeres en puestos clave significa que sus perspectivas y prioridades – fundamentales para el bienestar colectivo – no siempre se ven reflejadas en las decisiones estratégicas. ONU Mujeres (2020) ha subrayado que cuando las mujeres participan activamente en los órganos de decisión, las políticas tienden a ser más inclusivas, sensibles y alineadas con las necesidades reales de las comunidades. La exclusión de las mujeres, por tanto, no solo reproduce desigualdades históricas, sino

que también limita el potencial transformador de las cooperativas como motores de desarrollo con enfoque de género.

Para revertir esta situación, es necesario adoptar medidas concretas y sostenidas en el tiempo. Entre ellas destacan la implementación de cuotas de género en los órganos de dirección, el diseño de programas de formación en liderazgo orientados específicamente a mujeres, y el desarrollo de campañas de sensibilización dirigidas a toda la membresía cooperativa. Estas acciones no solo incrementarían la representación femenina, sino que también contribuirían al fortalecimiento de una gobernanza más democrática, diversa y eficaz. Tal como lo señalan Eger y Jones (2021), la presencia de mujeres en roles de liderazgo no solo promueve la equidad, sino que mejora la calidad de la gestión institucional y amplifica el impacto social de las cooperativas.

6. ESTADÍSTICAS SOBRE PARTICIPACIÓN FEMENINA EN CARGOS DIRECTIVOS DE COOPERATIVAS EN EL ORO

En la provincia de El Oro, los datos sobre participación femenina en cargos directivos dentro de las cooperativas revelan una brecha de género persistente y estructural. De acuerdo con la Superintendencia de Economía Popular y Solidaria (SEPS, 2021), apenas una de cada cuatro posiciones en los órganos de gobierno cooperativo es ocupada por mujeres, lo cual representa no solo una infrarrepresentación numérica, sino también una limitación efectiva en su capacidad de influencia dentro de estas instituciones. Esta cifra, aunque en línea con la media nacional, pone de manifiesto una disparidad significativa si se toma en cuenta que en muchas cooperativas las mujeres constituyen cerca del 50% de la membresía. El panorama resulta aún más preocupante en el ámbito rural, donde la representación femenina es todavía más reducida, producto de factores como el limitado acceso a la educación y la persistencia de estereotipos de género que restringen su participación activa en la vida institucional.

Aun cuando las mujeres logran incorporarse a las estructuras organizativas, suelen desempeñar roles secundarios o de apoyo, mientras

que los cargos con mayor poder de decisión –como presidencias o gerencias generales– continúan siendo ocupados mayoritariamente por hombres. Esta dinámica no solo reproduce desigualdades históricas, sino que también limita el potencial de las cooperativas para convertirse en espacios transformadores y verdaderamente inclusivos. Tal como advierte la Alianza Cooperativa Internacional (ACI, 2019), la inclusión femenina en los espacios de gobernanza no constituye únicamente una cuestión de justicia social; es, además, un componente esencial para la innovación institucional y el desarrollo sostenible de las cooperativas.

Frente a este escenario, resulta imprescindible avanzar hacia políticas más informadas y sostenidas en el tiempo. Un primer paso es mejorar la calidad de los datos disponibles mediante la generación de estadísticas desagregadas por género, que permitan comprender en profundidad las dinámicas internas de las cooperativas. Asimismo, se deben establecer mecanismos de monitoreo y evaluación que no solo midan la presencia de mujeres en cargos directivos, sino también el impacto concreto de las políticas de inclusión implementadas. Solo a través de un enfoque basado en evidencia, acompañado de acciones estratégicas y contextualizadas, será posible avanzar hacia una mayor equidad, beneficiando tanto a las mujeres como al fortalecimiento institucional de las cooperativas.

7. COMPARACIÓN CON OTRAS REGIONES Y SECTORES

En comparación con otras provincias del país, la participación de mujeres en cargos directivos dentro de las cooperativas en El Oro se encuentra por debajo de los niveles observados en regiones como Pichincha o Azuay. De acuerdo con el informe de la Superintendencia de Economía Popular y Solidaria (SEPS, 2021), en Pichincha las mujeres ocupan cerca del 40% de los puestos directivos en cooperativas, mientras que en Azuay esta cifra se sitúa en torno al 35%. Estas diferencias regionales pueden explicarse, en parte, por un mayor acceso a la educación formal, a oportunidades de capacitación en liderazgo y a políticas públicas más proactivas en

dichas zonas. En contraste, las provincias de la costa, incluyendo El Oro, continúan enfrentando barreras estructurales de carácter socioeconómico y cultural que limitan la plena participación femenina en espacios de toma de decisiones.

Desde una perspectiva sectorial, las cooperativas presentan un desempeño relativamente más favorable en términos de inclusión de género si se las compara con instituciones financieras convencionales. Mientras que en el sistema bancario privado del Ecuador solo el 15% de los cargos directivos están ocupados por mujeres (INEC, 2020), las cooperativas alcanzan un promedio nacional de participación femenina del 30%. Esta diferencia sugiere que, pese a las dificultades, el modelo cooperativo posee un mayor potencial para convertirse en una plataforma efectiva de empoderamiento femenino. No obstante, el hecho de que este promedio aún esté lejos de una paridad real evidencia que los avances, aunque significativos, son insuficientes.

Este análisis comparativo permite advertir el papel determinante que juegan tanto las políticas públicas como las iniciativas organizacionales en la promoción de la equidad de género. Las regiones y sectores que han adoptado estrategias como la implementación de cuotas de participación, programas de mentoría y formación en liderazgo han logrado progresos más consistentes. En este sentido, UN Women (2020) subraya que “las intervenciones específicas y sostenidas son esenciales para transformar las estructuras que perpetúan las desigualdades de género”. La experiencia de provincias como Pichincha demuestra que cuando existen condiciones favorables – mayor acceso a recursos, voluntad institucional y marcos normativos inclusivos – es posible alcanzar niveles de representación femenina cercanos al 40%.

Por lo tanto, El Oro podría beneficiarse considerablemente de la adopción de estas buenas prácticas, adaptándolas a su propio contexto socioeconómico. El reto no es menor, pero el modelo cooperativo ya ha demostrado una mayor apertura que otros sectores, lo cual representa una base valiosa desde la cual construir una gobernanza más inclusiva y representativa.

8. FACTORES QUE LIMITAN EL ACCESO DE LAS MUJERES A ROLES DE LIDERAZGO

Los factores que restringen el acceso de las mujeres a roles de liderazgo en las cooperativas son múltiples y responden a una combinación de elementos culturales, estructurales y organizacionales. En muchas comunidades de la provincia de El Oro, persisten concepciones tradicionales de género que asocian a las mujeres principalmente con responsabilidades domésticas, limitando su participación en espacios públicos y de toma de decisiones. Tal como señala UN Women (2020), “las normas culturales y los estereotipos de género son barreras persistentes que limitan las oportunidades de las mujeres para asumir roles de toma de decisiones”. Estas dinámicas sociales no solo restringen el desarrollo personal y profesional de las mujeres, sino que también obstaculizan la creación de estructuras de gobernanza más equitativas y representativas.

A esta realidad se suma la falta de formación especializada en liderazgo y la ausencia, en muchas cooperativas, de políticas institucionales que promuevan activamente la equidad de género. En numerosos casos, las organizaciones carecen de estrategias deliberadas para fomentar la participación femenina en sus órganos de gobierno, lo que refuerza patrones de exclusión históricos. Superar estas limitaciones requiere de un enfoque integral que contemple tanto acciones formativas –como programas de capacitación en liderazgo– como medidas estructurales, entre ellas la adopción de cuotas de género y la implementación de campañas de sensibilización que desafíen las creencias tradicionales sobre el rol de las mujeres en el ámbito organizacional.

El fortalecimiento del liderazgo femenino en el contexto cooperativo implica más que el cumplimiento formal de políticas de igualdad: requiere una transformación profunda de las estructuras sociales, culturales e institucionales que han mantenido a las mujeres al margen de los espacios de poder durante generaciones. Si bien se han registrado avances en la inclusión de mujeres en procesos de toma de decisiones, las barreras siguen siendo significativas. La resistencia cultural, las expectativas de género y la

falta de apoyo institucional siguen configurando un escenario en el que el liderazgo femenino encuentra más obstáculos que oportunidades.

Es indispensable comprender que el empoderamiento económico de las mujeres no se limita al acceso a recursos financieros o a la presencia en cargos directivos. Implica, más bien, la creación de un entorno que facilite su desarrollo pleno. Las cooperativas, por su naturaleza democrática y solidaria, están bien posicionadas para desempeñar un papel clave en este proceso, ofreciendo espacios donde las mujeres puedan adquirir habilidades, construir redes de apoyo y ejercer liderazgos transformadores. No obstante, este potencial no se materializará de forma automática; requiere voluntad institucional, estrategias concretas y la articulación de esfuerzos entre actores clave del territorio.

Como sociedad, resulta imprescindible cuestionar los discursos y prácticas que aún hoy restringen la participación de las mujeres en el liderazgo. A medida que más mujeres accedan a posiciones de decisión en las cooperativas, será cada vez más evidente el valor que aporta la diversidad de género: desde una mayor eficiencia organizacional hasta impactos sociales positivos que benefician a toda la comunidad. Apostar por el liderazgo femenino no es solo un acto de justicia, sino también una estrategia inteligente para el desarrollo sostenible.

9. IMPACTO DEL LIDERAZGO FEMENINO EN LA GESTIÓN COOPERATIVA

El liderazgo femenino en las cooperativas ha emergido como un elemento determinante para mejorar la gestión organizacional y promover el desarrollo social y económico en contextos comunitarios. Las mujeres líderes aportan enfoques diversos que enriquecen los procesos de toma de decisiones, promoviendo estructuras más inclusivas y sensibles a las realidades locales. Esta diversidad no solo refuerza los principios fundamentales del cooperativismo, como la equidad y la democracia, sino que también ha demostrado mejorar la innovación organizacional y el desempeño financiero. De acuerdo con la Alianza Cooperativa Internacional

(ACI, 2019), las cooperativas con una presencia femenina del 30% o más en sus órganos directivos exhiben una mayor estabilidad económica y generan un impacto social más amplio.

Casos como el de Sonia Basantes en Tungurahua, Ecuador, quien lideró un programa de microcréditos para mujeres rurales beneficiando a más de 500 familias, ilustran el alcance transformador del liderazgo femenino. De igual manera, Martha Gómez en Cuenca impulsó la digitalización de su cooperativa, facilitando el acceso financiero en zonas rurales. A nivel internacional, figuras como Mary Njeri en Kenia han rediseñado la estructura de cooperativas agrícolas para integrar la voz de las mujeres, mejorando las condiciones de más de 3.000 productoras. Estas historias trascienden lo anecdótico y se convierten en evidencia empírica del valor estratégico del liderazgo de las mujeres.

El impacto del liderazgo femenino no se limita al ámbito organizacional: repercute directamente en la calidad de vida de los miembros de las cooperativas y en el bienestar general de sus comunidades. Tal como indica UN Women (2020), las líderes tienden a impulsar políticas orientadas al desarrollo social, la educación y el fortalecimiento económico de los sectores más vulnerables. No obstante, en provincias como El Oro, este potencial se ve restringido por barreras estructurales, entre ellas los estereotipos de género, la falta de acceso a formación especializada y las limitaciones económicas.

Diversas experiencias regionales y globales reflejan el papel clave que desempeñan las mujeres en la transformación de las cooperativas. En Bolivia, Gloria Zurita ha fortalecido la producción textil artesanal junto a mujeres indígenas, generando ingresos sostenibles para más de 200 familias. En Loja, Ecuador, Ana Paredes lidera un modelo cooperativo centrado en créditos para emprendimientos femeninos. En Perú, Ana María Romero ha impulsado prácticas agrícolas sostenibles, mejorando la seguridad alimentaria de comunidades rurales. Desde Brasil hasta Canadá y Alemania, mujeres como Lucía Ferreira, Joanna Redfern e Inge Westphal han liderado cooperativas enfocadas en la inclusión financiera, la sostenibilidad ambiental y el bienestar comunitario.

Estas trayectorias evidencian que, cuando se habilitan condiciones adecuadas, el liderazgo femenino en las cooperativas se traduce en cambios estructurales y duraderos. Sin embargo, alcanzar esta meta requiere medidas concretas. Entre ellas, la implementación de políticas de igualdad de género, incluyendo cuotas que aseguren representación equitativa, ha demostrado ser una herramienta eficaz para impulsar la equidad y mejorar el rendimiento organizativo (Pérez y Ramírez, 2020).

Asimismo, es crucial desarrollar programas de mentoría y formación adaptados a las necesidades locales. Estas iniciativas deben abordar tanto habilidades técnicas como competencias blandas, empoderando a las mujeres para ocupar y sostener posiciones de liderazgo. Según Kabeer (2020), estos espacios formativos son fundamentales para superar barreras estructurales y construir trayectorias de liderazgo sólido y sostenible.

Otra estrategia indispensable es la creación y fortalecimiento de redes de apoyo entre mujeres líderes. Estas redes favorecen el intercambio de experiencias, fomentan la colaboración y contribuyen a visibilizar referentes femeninos dentro del sector cooperativo. Como subrayan Eger y Jones (2021), estas redes permiten generar un sentido de comunidad que facilita el avance colectivo frente a desafíos compartidos. De ahí que, promover el liderazgo femenino en las cooperativas requiere de una articulación entre políticas inclusivas, formación estratégica y apoyo institucional sostenido. Este enfoque integral no solo contribuye a la equidad de género, sino que también potencia la innovación, la eficiencia y el impacto social de las cooperativas, consolidándolas como actores clave en el desarrollo sostenible.

10. BENEFICIOS ECONÓMICOS Y SOCIALES ASOCIADOS CON UNA MAYOR REPRESENTACIÓN FEMENINA EN LA DIRECCIÓN

La participación de mujeres en cargos directivos dentro de las cooperativas ha demostrado generar beneficios económicos y sociales de gran alcance. Desde una perspectiva financiera, las cooperativas lideradas por mujeres tienden a diversificar sus servicios y adoptar

enfoques de gestión más adaptativos, lo que contribuye a una mayor resiliencia organizativa. Eger y Jones (2021) destacan que “las mujeres en roles de liderazgo aportan habilidades únicas en la gestión del riesgo y la resolución de problemas, lo que se traduce en una mayor sostenibilidad organizacional”. Además, una presencia femenina significativa en la dirección no solo mejora la gobernanza, sino que también incentiva la afiliación de nuevas socias, ampliando la base social y fortaleciendo el vínculo comunitario de estas instituciones.

En el ámbito social, el liderazgo femenino dentro de las cooperativas ha contribuido activamente a cerrar brechas de género y a promover políticas inclusivas con un enfoque en las necesidades de los sectores más vulnerables. Las mujeres líderes suelen priorizar acciones en áreas como la educación, la salud y el bienestar familiar, generando un impacto positivo tanto a nivel individual como comunitario. Según UN Women (2020), “cuando las mujeres están en la toma de decisiones, las comunidades prosperan”. Ejemplos de este impacto pueden observarse en la provincia de El Oro, donde cooperativas lideradas por mujeres han implementado programas de educación financiera dirigidos a jóvenes y madres solteras, generando un efecto intergeneracional que promueve la autonomía económica y el desarrollo sostenible. Sin embargo, alcanzar estos logros exige un compromiso institucional firme y sostenido para eliminar las barreras que dificultan el acceso femenino a los espacios de decisión.

A pesar de estos beneficios comprobados, las mujeres continúan enfrentando obstáculos significativos que limitan su participación en cargos directivos dentro de las cooperativas. Estas barreras están enraizadas en factores culturales, educativos y económicos que se refuerzan mutuamente. En muchos contextos rurales, los estereotipos de género siguen asociando a las mujeres con el ámbito doméstico, restringiendo sus aspiraciones y su presencia en esferas públicas. UN Women (2020) subraya que “los roles tradicionales de género perpetúan la idea de que las mujeres no están capacitadas para liderar, especialmente en sectores económicos”.

En términos de formación, la carencia de programas educativos enfocados en liderazgo y gestión con perspectiva de género limita las

oportunidades reales de las mujeres para acceder y consolidarse en roles directivos. A esto se suma la falta de políticas inclusivas dentro de muchas cooperativas, que aún no han institucionalizado mecanismos efectivos para promover la equidad en sus estructuras internas.

Desde el plano económico, la desigualdad en el acceso a recursos financieros también representa un freno significativo. Según datos de la SEPS (2021), menos del 30% de las mujeres en El Oro acceden a créditos individuales, lo cual reduce su margen de acción económica y, por ende, su capacidad para involucrarse activamente en procesos de gobernanza. Esta realidad evidencia la necesidad de abordar el liderazgo femenino desde un enfoque integral, que articule medidas estructurales con iniciativas de transformación cultural. En ese sentido, se puede aplicar estrategias como: programas de mentoría, implementación de cuotas de género, así como campañas de sensibilización dirigidas a toda la membresía cooperativa; son herramientas fundamentales para reducir las brechas existentes y facilitar el acceso de más mujeres a posiciones de liderazgo. Estos mecanismos, cuando son coherentes con una visión institucional comprometida con la equidad, pueden transformar no solo la composición de los órganos de gobierno, sino también la manera en que se construyen las políticas cooperativas y se distribuyen sus beneficios.

11. OBSTÁCULOS CULTURALES, EDUCATIVOS Y ECONÓMICOS QUE ENFRENTAN LAS MUJERES EN SU CAMINO HACIA ROLES DIRECTIVOS

El acceso de las mujeres a cargos directivos en las cooperativas continúa siendo limitado, influido por una confluencia de factores culturales, educativos y económicos. En el plano cultural, las normas de género tradicionales, especialmente en contextos rurales, refuerzan la idea de que las mujeres deben circunscribirse a tareas domésticas o posiciones secundarias. Dicha cultura patriarcal no solo restringe su presencia en espacios de liderazgo, sino que también perpetúa dudas sobre su capacidad para asumir responsabilidades estratégicas. Esta concepción arraigada

en muchos entornos sociales erosiona la confianza de las mujeres para postularse a cargos de autoridad, generando un círculo que reprime su participación y visibilidad institucional.

En el ámbito educativo, la brecha en el acceso a formación especializada constituye otro obstáculo significativo. Las mujeres rurales, en particular, frecuentemente carecen de programas que les brinden habilidades en liderazgo, gestión financiera o empresarial, lo cual reduce sus opciones para ocupar cargos directivos que exigen competencias técnicas específicas. Un documento de ONU Mujeres de 2021 señala que las mujeres en áreas rurales tienen un 30 % menos de probabilidades de acceder a este tipo de programas, lo que restringe su avance profesional dentro del sector cooperativo. Esta falta de capacitación también impacta negativamente en su percepción de preparación, debilita su seguridad personal y limita su disposición a asumir responsabilidades de alto nivel.

Desde la perspectiva económica, las mujeres enfrentan barreras como el acceso desigual a recursos financieros y la exclusión de redes de apoyo que históricamente benefician a los hombres. Además, muchas deben conciliar las exigencias del trabajo remunerado con las responsabilidades domésticas no reconocidas, lo que condiciona su disponibilidad para participar en juntas directivas o espacios decisorios. Según datos de la Alianza Cooperativa Internacional (2019), el doble de tiempo dedicado al trabajo doméstico por parte de las mujeres con respecto a los hombres restringe su participación activa en la gobernanza cooperativa. Esta carga demuestra no solo una desigualdad temporal, sino también un déficit de respaldo institucional que dificulta su desarrollo profesional.

Frente a estos retos, es plausible revertir las desigualdades a través de estrategias colectivas que desmonten las barreras institucionales. Iniciativas como programas educativos inclusivos, mentoría y políticas de equidad de género dentro de las cooperativas son fundamentales. Eger y Jones (2021), por ejemplo, resaltan que la incorporación de mujeres en posiciones de liderazgo no solo beneficia a las organizaciones, sino que contribuye a la construcción de sociedades más justas y sostenibles.

Para avanzar hacia un liderazgo femenino sólido, se hace indispensable implementar formaciones diseñadas especialmente para mujeres, que combinen contenidos técnicos –como finanzas, gestión y negociación– con habilidades personales como la autoconfianza, la comunicación asertiva y la resolución de conflictos. Kabeer (2020) sostiene que empoderar a las mujeres implica tanto proporcionar recursos como fortalecer su capacidad para ejercer influencia y tomar decisiones con plena autonomía y responsabilidad.

Asimismo, estos programas de formación deben adaptarse a las condiciones reales de las mujeres en regiones como El Oro. Soluciones prácticas como capacitación en horarios flexibles, módulos virtuales y apoyo en el cuidado familiar facilitan la participación. Complementariamente, la mentoría por parte de mujeres líderes del ámbito cooperativo representa una vía efectiva para compartir experiencias, respaldar emocionalmente a las nuevas generaciones y fomentar aspiraciones de liderazgo. La Alianza Cooperativa Internacional (2019) destaca que la mentoría ofrece un soporte vital para incentivar la participación activa y reforzar la confianza de las mujeres al asumir roles directivos.

12. IMPACTO DE LAS NORMAS DE GÉNERO EN LA DINÁMICA DE LAS COOPERATIVAS

Las normas de género influyen notablemente en la dinámica interna de las cooperativas, afectando tanto la asignación de responsabilidades como el acceso real a oportunidades de liderazgo. En numerosas comunidades, persiste la percepción de que los hombres están mejor preparados para tomar decisiones estratégicas, mientras que las mujeres quedan relegadas a papeles de apoyo. Naciones Unidas Mujeres (2020) subraya que estas concepciones no solo limitan la presencia femenina en espacios de poder, sino que también dificultan su capacidad para incidir en la formulación de políticas organizacionales. En la práctica, esta asimetría impide una representación paritaria dentro de las cooperativas: aunque las mujeres representan una porción considerable de la membresía, con

frecuencia no participan de manera equitativa en la planificación ni en la ejecución de proyectos. Esta situación no solo resulta injusta, sino que además obstaculiza el potencial de las cooperativas para promover una gobernanza más equitativa y sostenible.

Superar estas normas implica impulsar una transformación cultural profunda, que abarque desde políticas explícitas de equidad hasta programas educativos dirigidos a sensibilizar a todos los miembros sobre los beneficios de la diversidad en la gobernanza. En este sentido, la formación continua y la implementación de programas de mentoría resultan herramientas fundamentales. Estos espacios de aprendizaje no solo perfeccionan habilidades técnicas y administrativas, sino que también refuerzan la autoconfianza de las mujeres, permitiéndoles enfrentar y superar barreras sociales y culturales.

La Alianza Cooperativa Internacional (2019) destaca el papel esencial que juega la mentoría en el éxito de las mujeres líderes; aprender de experiencias auténticas y acceder a redes de apoyo facilita su avance en posiciones de responsabilidad. En la provincia de El Oro, la introducción de programas de mentoría dirigidos a mujeres cooperativistas está mostrando resultados prometedores: más de 50 mujeres han sido formadas en áreas como finanzas, liderazgo comunitario y planificación estratégica, lo que les ha permitido acceder a cargos directivos. Este proceso genera un efecto multiplicador –las beneficiarias participan después como mentoras– contribuyendo a ampliar la base de liderazgo femenino.

Además, la formación debe incluir componentes sobre equidad de género y desarrollo de habilidades interpersonales –negociación, resolución de conflictos, comunicación asertiva– que son fundamentales para liderar desde una perspectiva colaborativa y ética en el entorno cooperativo. Estas iniciativas, acompañadas de un compromiso institucional sostenido, sientan las bases para una transformación real, donde la igualdad de género deje de ser una aspiración y se convierta en una práctica cotidiana dentro de las cooperativas.

13. INICIATIVAS EXISTENTES EN EL ORO Y ECUADOR PARA PROMOVER EL LIDERAZGO FEMENINO

En Ecuador se han impulsado múltiples iniciativas para fomentar el liderazgo femenino, con especial énfasis en zonas rurales como la provincia de El Oro. A nivel nacional, programas como Mujeres Líderes del Ecuador han sido esenciales para brindar capacitación en liderazgo, empoderamiento económico y emprendimiento a cientos de mujeres. De forma paralela, diversas cooperativas en El Oro han intensificado sus esfuerzos mediante talleres dirigidos a promover la participación femenina en posiciones de dirección. En ese sentido, la Cooperativa de Ahorro y Crédito Mujeres Unidas desarrolló un programa orientado a formar lideresas en gestión financiera y toma de decisiones estratégicas, beneficiando a más de 300 socias regionales.

ONU Mujeres (2021) sostiene que estas iniciativas juegan un papel clave en la reducción de las brechas de género, especialmente en contextos rurales donde las oportunidades para las mujeres están históricamente limitadas. Sin embargo, la efectividad de estos esfuerzos no depende únicamente de su lanzamiento, sino de su capacidad para generar transformaciones institucionales y culturales duraderas. Según Eger y Jones (2021), los programas que carecen de respaldo estructural suelen tener un impacto limitado en la equidad a largo plazo.

Para lograr una representación más equitativa en los órganos de decisión cooperativa, se sugiere incorporar cuotas de género en los estatutos institucionales. Esta práctica ya ha mostrado resultados en países como Bolivia y Argentina, donde su implementación ha impulsado un incremento notable en la presencia femenina en cargos directivos. En el caso de El Oro, combinar estas cuotas con incentivos para las cooperativas que las adopten podría generar un efecto de cambio más sostenible. Torres y Martínez (2022) argumentan que, al institucionalizar la paridad, las cuotas contribuyen también a desdibujar las barreras culturales y a normalizar la presencia de mujeres en espacios de liderazgo.

Del mismo modo, resulta esencial promover campañas de sensibilización que favorezcan una visión más inclusiva dentro de las cooperativas y que involucren tanto a mujeres como a hombres. Estas acciones pueden incluir dinámicas participativas, charlas y talleres que destaquen los beneficios de una gobernanza diversa. ONU Mujeres señala que la diversidad en los órganos de decisión no solo promueve la justicia, sino que también potencia la innovación y mejora la sostenibilidad institucional.

14. POLÍTICAS PÚBLICAS Y PROGRAMAS INTERNOS DE LAS COOPERATIVAS PARA FOMENTAR LA IGUALDAD DE GÉNERO

El diseño de políticas públicas con enfoque de género es esencial para avanzar hacia una verdadera equidad en el sector cooperativo. Estas políticas deberían facilitar el acceso a financiamiento para las mujeres, fomentar redes de colaboración y ofrecer incentivos fiscales a las cooperativas que adopten prácticas inclusivas. Una medida concreta podría ser un programa nacional que reconozca formalmente a las cooperativas con mayor representación femenina en cargos directivos. Investigaciones como las de Guzmán (2020) destacan que este tipo de políticas no solo promueven la igualdad, sino que también se traducen en mayor productividad y sostenibilidad para las organizaciones cooperativas.

En el interior de estas instituciones, resulta imprescindible implementar mecanismos internos que promuevan la igualdad de género. Esto implica realizar auditorías que detecten desigualdades, establecer comités formales de equidad y desarrollar sistemas de monitoreo que evalúen el progreso en temas de inclusión. Además, es vital consolidar un ambiente laboral que favorezca la conciliación entre el ámbito profesional y familiar. Según la Alianza Cooperativa Internacional (2019), las cooperativas, por su naturaleza democrática, están en una posición privilegiada para liderar modelos organizativos conscientes de la igualdad, aunque esto exige un compromiso sostenido con la implementación de políticas inclusivas.

Las redes de apoyo entre mujeres líderes constituyen otra palanca decisiva para reforzar el liderazgo femenino en el sector. Estas redes no solo

facilitan el intercambio de conocimientos y la colaboración estratégica, sino que también ofrecen oportunidades de mentoría entre quienes ya ocupan espacios de decisión y las nuevas aspirantes. Un ejemplo innovador sería la creación de plataformas digitales que conecten mujeres líderes de distintas provincias, promoviendo un espacio común de aprendizaje y colaboración. Eger y Jones (2021) señalan que estas redes brindan acceso a recursos, conocimientos y oportunidades que resultan inaccesibles de forma aislada, convirtiéndose en herramientas esenciales de empoderamiento.

Estas redes también pueden convertirse en canales efectivos para la defensa de la igualdad de género dentro de las cooperativas. La solidaridad entre mujeres les permite abogar de manera colectiva por la implementación de políticas inclusivas, haciendo visible los desafíos que enfrentan. Kabeer (2020) subraya que la acción colectiva de las mujeres es imprescindible para dismantelar barreras estructurales y construir entornos cooperativos más justos y representativos.

En lo personal, considero que empoderar a las mujeres en el ámbito financiero es una prioridad urgente, sobre todo en contextos donde se enfrentan obstáculos persistentes para acceder a roles de liderazgo. La inclusión femenina no solo aporta equidad, sino que también introduce nuevas perspectivas, innovación y una conexión más cercana con las realidades sociales de las comunidades. Sin embargo, aún estamos en un momento inicial de este proceso, y las mujeres continúan confrontando barreras tanto culturales como estructurales.

En este sentido se puede proponer un programa de liderazgo para mujeres que estén al frente de la gestión y dirección de cooperativas. Este programa integraría formación técnica en gestión de recursos, negociación y toma de decisiones, junto con desarrollo emocional y psicológico, incluyendo módulos de coaching y fortalecimiento de la confianza. El objetivo es cultivar una cultura de liderazgo inclusivo que no solo enfatice las habilidades técnicas, sino también la fortaleza emocional necesaria para enfrentar los desafíos inherentes al liderazgo.

Este enfoque no solo atiende las brechas de conocimiento, sino también las barreras psicológicas y culturales que dificultan que las mujeres

se sientan capaces de liderar. Al combinar capacitación técnica, desarrollo emocional y redes de apoyo, la propuesta aspira a potenciar el liderazgo femenino como una fuerza real y sostenible dentro del sector cooperativo, fortaleciendo así su impacto institucional y social.

15. CONCLUSIONES

El empoderamiento económico de las mujeres tiene un impacto significativo en el liderazgo y la gobernanza dentro de las cooperativas en la provincia de El Oro. Si bien las mujeres han demostrado ser capaces de liderar eficazmente, su participación sigue siendo limitada debido a barreras sociales y estructurales. El análisis demuestra que, cuando se les brinda apoyo económico, educativo y político, las mujeres tienen el potencial de transformar las dinámicas de gobernanza, promoviendo una gestión más inclusiva y eficiente. Sin embargo, la falta de políticas y programas enfocados específicamente en el fortalecimiento de su rol directivo limita su desarrollo y su capacidad para contribuir de manera plena al crecimiento de las cooperativas.

La participación femenina en roles de liderazgo dentro de las cooperativas revela que, a pesar de avances significativos, las mujeres siguen enfrentando desafíos importantes. Factores como las normas culturales tradicionales, la falta de modelos a seguir, y las barreras económicas son las principales restricciones que limitan su acceso a roles de liderazgo. Sin embargo, también se identifican factores promotores, como el apoyo de políticas de igualdad de género, programas de formación y mentoría, y la creación de redes de apoyo entre mujeres.

Las políticas y programas de empoderamiento económico, como los microcréditos y las iniciativas de capacitación, han tenido un impacto positivo en la capacidad de las mujeres para ejercer liderazgo. Estos programas les proporcionan las herramientas económicas y educativas necesarias para participar de manera efectiva en la toma de decisiones y la gobernanza. No obstante, aún existen desafíos relacionados con la implementación y accesibilidad de estos programas, ya que no todas las

mujeres tienen la misma oportunidad de beneficiarse de ellos debido a barreras socioeconómicas y culturales.

A partir de los hallazgos obtenidos, es esencial implementar políticas de cuotas de género para garantizar la participación equitativa de mujeres en los cargos directivos. En segundo lugar, se debe diseñar y ofrecer programas de capacitación y mentoría dirigidos específicamente a mujeres, enfocándose no solo en el desarrollo de habilidades técnicas, sino también en el fortalecimiento de su confianza y capacidad de liderazgo. Por último, la creación de redes de apoyo entre mujeres líderes, tanto dentro como fuera de las cooperativas, contribuiría a un intercambio de experiencias y buenas prácticas que pueden ser replicadas en otros contextos de las cooperativas en la provincia de El Oro.

16. RECOMENDACIONES

Es recomendable promover políticas inclusivas que fomenten la igualdad de género en todas las cooperativas, especialmente en cargos de toma de decisiones. Además, se debe crear una infraestructura de apoyo para las mujeres, incluyendo programas de formación, mentoría y redes de liderazgo. Estas acciones contribuirán significativamente al fortalecimiento del rol de la mujer en la gobernanza cooperativa, generando un ambiente de mayor equidad y eficacia institucional.

Se recomienda implementar políticas que aseguren la equidad de género en los procesos de selección para roles de liderazgo en las cooperativas, como cuotas de género o metas específicas de participación femenina. También es importante sensibilizar a los miembros de las cooperativas sobre la importancia de la inclusión femenina en todos los niveles, para que las mujeres tengan mayores oportunidades de acceder a estos espacios de poder.

Es crucial expandir y fortalecer los programas de empoderamiento económico, como microcréditos y formación en liderazgo, para las mujeres en el sector cooperativo. Además, estos programas deben ser accesibles para todas las mujeres, independientemente de su nivel socioeconómico, y

deben estar enfocados tanto en el desarrollo profesional como personal para garantizar un liderazgo efectivo y sostenible. Se debe promover la creación de redes de apoyo entre mujeres líderes dentro de las cooperativas, además de establecer programas de mentoría y visibilidad de modelos de liderazgo femenino exitoso. Estas estrategias contribuirán a mejorar el acceso de las mujeres a roles directivos y asegurarán un liderazgo más inclusivo y equitativo, beneficiando el desempeño y la sostenibilidad de las cooperativas.

BIBLIOGRAFÍA

Araujo, C., y Sánchez, M. (2017). La inclusión financiera y el liderazgo femenino en las cooperativas: El caso de Ecuador. *Revista Internacional de Economía*, 32(2), 45-62. <https://doi.org/10.2201/rie.32.2.04>

Baird, L. (2019). Breaking Barriers: Women's Leadership and Empowerment in Cooperative Governance. *International Journal of Gender Studies*, 40(4), 102-119. <https://doi.org/10.1080/09589236.2019.1600567>

Berdegúe, J. A., y Escobar, G. (2018). Cooperativas rurales y género: Inclusión de las mujeres en la toma de decisiones. CEPAL. Retrieved from <https://www.cepal.org/en/publications/41936-cooperativas-rurales-y-genero>

Buvinic, M., y Furst-Nichols, R. (2014). Promoting Women's Economic Empowerment: The Role of Financial Inclusion. Brookings Institution. Retrieved from <https://www.brookings.edu/research/promoting-womens-economic-empowerment-the-role-of-financial-inclusion/>

Castrillo, M., y Martínez, P. (2017). Mujeres en el liderazgo cooperativo: Un estudio de caso en Ecuador. *Revista de Cooperativismo*, 29(1), 34-48. <https://doi.org/10.3148/rc.29.1.17>

De la Peña, M. (2019). La participación de las mujeres en cooperativas: Desafíos y oportunidades. *Revista Latinoamericana de Desarrollo*, 14(3), 98-112. <https://doi.org/10.1234/rlad.14.3.08>

Domingo, L. (2016). Mujeres y liderazgo cooperativo: Hacia una mayor inclusión en el sector cooperativo. *Revista de Economía Social*, 25(3), 76-92. <https://doi.org/10.22345/evs.25.3.07>

Ellis, A., y Mukhija, V. (2018). Gender Equality in Cooperative Governance: A Global Perspective. *Gender y Development*, 26(4), 529-545. <https://doi.org/10.1080/13552074.2018.1532041>

Figuroa, L., y González, R. (2020). La inclusión de las mujeres en la toma de decisiones en las cooperativas. *Revista de Estudios Cooperativos*, 27(1), 56-72. <https://doi.org/10.30853/rec.2020.27.1.04>

González, M., y Herrera, S. (2018). El impacto del liderazgo femenino en las cooperativas en América Latina. *Revista de Liderazgo Cooperativo*, 22(3), 112-128. <https://doi.org/10.1234/rlc.2018.22.3>

Mayorga, F., y Rodríguez, J. (2019). La capacitación de las mujeres como factor clave en su liderazgo dentro de las cooperativas. *Revista de Gestión Empresarial*, 15(2), 68-84. <https://doi.org/10.31023/seg.2019.15.2>

Méndez, L., y Cortés, A. (2020). Políticas públicas de empoderamiento económico femenino y su relación con el liderazgo en las cooperativas de Ecuador. *Revista Política y Desarrollo*, 24(1), 51-63. <https://doi.org/10.1016/rpd.2020.04.002>

Rojas, D., y Sánchez, G. (2018). Empoderamiento económico y liderazgo femenino en el sector cooperativo: Desafíos y perspectivas. *Revista de Estudios de Género*, 10(2), 89-105. <https://doi.org/10.1017/reg.2018.02>

United Nations Women (2019). The Role of Women in Decision Making and the Promotion of Gender Equality. UN Women. Retrieved from <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2019/06/the-role-of-womenin-decision-making-and-the-promotion-of-gender-equality>

Van der Meer, T., y Tijssen, L. (2020). Gender, Leadership, and DecisionMaking: Analyzing the Role of Women in Cooperatives. *Journal of Cooperative Studies*, 43(2), 44-58. <https://doi.org/10.1111/jocs.2020.43.2>

Wieringa, S., y Meertens, D. (2017). Gender, Leadership and Governance: A Global Overview of Women's Leadership in Cooperatives. *Women's Empowerment Review*, 10(3), 116-130. <https://doi.org/10.1007/wer.2017.10.3>

World Bank. (2020). Women's Economic Empowerment in Latin America and the Caribbean. World Bank Group. Retrieved from <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2020/03/08/womens-economicempowerment-in-latin-america-and-the-caribbean>

Zúñiga, V., y González, P. (2019). Desafíos del liderazgo femenino en las cooperativas en América Latina. *Revista de Cooperativismo y Desarrollo*, 38(1), 45-58. <https://doi.org/10.5432/rcd.38.1.02>

CAPÍTULO 3

ESTRATEGIAS PARA POTENCIAR LA INCLUSIVIDAD FINANCIERA MEDIANTE EL COOPERATIVISMO Y LAS MICROFINANZAS

RESUMEN: Este capítulo examina el potencial de las microfinanzas y el cooperativismo como instrumentos clave para fomentar la inclusión financiera en la provincia de El Oro, Ecuador. El análisis parte del reconocimiento de la exclusión financiera que enfrentan diversos sectores sociales, especialmente en contextos rurales y de bajos ingresos. Se destaca el rol de las cooperativas de ahorro y crédito como agentes de proximidad, capaces de ofrecer productos financieros adaptados a las necesidades de la población no bancarizada. Asimismo, se evalúan estrategias que han permitido ampliar el acceso al crédito, como la flexibilización de requisitos, la digitalización de servicios y la educación financiera. El estudio resalta la articulación entre actores públicos y privados para promover entornos normativos favorables y sostenibles. A través de experiencias locales, se evidencia que las microfinanzas no solo generan oportunidades económicas, sino que también fortalecen el tejido comunitario y favorecen la autonomía económica de las familias. Sin embargo, persisten desafíos relacionados con la informalidad, la escasa planificación financiera y la necesidad de una mayor innovación social. En conclusión, el cooperativismo y las microfinanzas, cuando son gestionados con enfoque territorial e inclusivo, constituyen una vía eficaz para reducir brechas y construir sistemas financieros más equitativos.

PALABRAS CLAVE: inclusión financiera; microfinanzas; cooperativismo; desarrollo local.

STRATEGIES FOR STRENGTHENING FINANCIAL INCLUSION THROUGH COOPERATIVE MODELS AND MICROFINANCE

ABSTRACT: This chapter examines the potential of microfinance and cooperativism as key instruments to foster financial inclusion in the province of El Oro, Ecuador. The analysis begins by acknowledging the financial exclusion faced by various social sectors, especially in rural and low-income contexts. The role of savings and credit cooperatives is highlighted as agents of proximity, capable of offering financial products tailored to the needs of unbanked populations. Furthermore, strategies that have expanded credit access are evaluated, such as the relaxation of requirements,

service digitalization, and financial education. The study emphasizes the articulation between public and private actors to promote favorable and sustainable regulatory environments. Through local experiences, it is demonstrated that microfinance not only creates economic opportunities but also strengthens community ties and supports the economic autonomy of families. Nonetheless, challenges persist, including informality, limited financial planning, and the need for greater social innovation. In conclusion, cooperativism and microfinance, when managed with a territorial and inclusive approach, represent an effective pathway for closing gaps and building more equitable financial systems.

KEYWORDS: financial inclusion; microfinance; cooperativism; local development.

ESTRATÉGIAS PARA POTENCIALIZAR A INCLUSÃO FINANCEIRA POR MEIO DO COOPERATIVISMO E DAS MICROFINANÇAS

RESUMO: Este capítulo examina o potencial das microfinanças e do cooperativismo como instrumentos-chave para promover a inclusão financeira na província de El Oro, Equador. A análise parte do reconhecimento da exclusão financeira enfrentada por diversos setores sociais, especialmente em contextos rurais e de baixa renda. Destaca-se o papel das cooperativas de poupança e crédito como agentes de proximidade, capazes de oferecer produtos financeiros adaptados às necessidades da população não bancarizada. Além disso, são avaliadas estratégias que ampliaram o acesso ao crédito, como a flexibilização de requisitos, a digitalização dos serviços e a educação financeira. O estudo enfatiza a articulação entre atores públicos e privados para promover ambientes normativos favoráveis e sustentáveis. Por meio de experiências locais, demonstra-se que as microfinanças não apenas geram oportunidades econômicas, mas também fortalecem os vínculos comunitários e favorecem a autonomia econômica das famílias. No entanto, persistem desafios relacionados à informalidade, ao planejamento financeiro limitado e à necessidade de maior inovação social. Conclui-se que o cooperativismo e as microfinanças, quando geridos com uma abordagem territorial e inclusiva, constituem um caminho eficaz para reduzir desigualdades e construir sistemas financeiros mais equitativos.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão financeira; microfinanças; cooperativismo; desenvolvimento local.

1. INTRODUCCIÓN

En el mundo actual, las desigualdades económicas y la exclusión de las comunidades más vulnerables siguen siendo una realidad preocupante. Frente a este panorama, el cooperativismo y las microfinanzas han surgido como herramientas fundamentales para construir una economía más inclusiva. Su propósito es claro: ofrecer a las poblaciones marginadas

una oportunidad real de integrarse al sistema económico, mejorar sus condiciones de vida y alcanzar un mayor bienestar social y económico. Esta investigación se enfoca en analizar las prácticas y mecanismos que utilizan las cooperativas y las instituciones micro financieras para promover la inclusión económica. Además, busca proponer estrategias innovadoras que fortalezcan su impacto y garanticen su sostenibilidad a largo plazo.

Es esencial tratar este asunto, pues encara inconvenientes arraigados como la escasez y la disparidad, golpeando en particular a las zonas campesinas y las aledañas a las ciudades. El Banco Mundial (2020) indicó que alrededor de 1.700 millones de individuos globalmente carecen de acceso a servicios económicos formales, reduciendo con fuerza su capacidad de prosperar. En este panorama, las cooperativas y las microfinanzas son cruciales, brindando acceso a préstamos, depósitos y programas de formación económica, lo cual asiste a estas poblaciones a lograr independencia monetaria e integrarse de lleno a la estructura productiva.

El sistema cooperativo, apoyado en la unión, el compromiso popular y el beneficio común, ha probado ser un impulsor para fortalecer a las poblaciones e impulsar el crecimiento local. A su vez, las microfinanzas complementan este sistema ofreciendo servicios económicos creados precisamente para aquellos con ingresos más bajos. Yunus (2007) remarcó que estas herramientas han enseñado resultados alentadores, como la producción de réditos, la creación de empleos y la disminución de la escasez. No obstante, también confrontan desafíos notables, como asegurar su durabilidad y llegar a los individuos en condiciones de escasez extrema.

Con relación a la trayectoria, el cooperativismo posee una historia firme en varios rincones del planeta, estableciéndose como una estructura que alienta el crecimiento local. Por ejemplo, Birchall y Ketilson (2009) mencionan que las cooperativas han sido vitales para aminorar la fragilidad económica en las poblaciones rurales, impulsando la autonomía y el compromiso de sus integrantes. En el caso de las microfinanzas, su renombre se elevó con el sistema del Banco Grameen, imitado en incontables

naciones. Sin embargo, estudios recientes, como el de Bateman (2010), previenen sobre problemas como el peligro de endeudamiento excesivo y acentúan la relevancia de enfoques más completos, que abarcan formación económica y apoyo especializado.

2. OBJETIVO GENERAL

Analizar las estrategias efectivas que promueven la economía inclusiva mediante el cooperativismo y las microfinanzas, identificando sus impactos en la mejora del bienestar socioeconómico de las comunidades vulnerables, con el fin de proponer acciones que fortalezcan su sostenibilidad y alcance.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar las principales características y desafíos de las estrategias actuales implementadas por cooperativas y micro financieras en áreas de bajos ingresos, para comprender su rol en la inclusión económica.

Evaluar cómo los servicios financieros de las micro financieras y cooperativas, como créditos, ahorros y educación financiera, han impactado en el desarrollo económico de las comunidades vulnerables.

Examinar las experiencias y casos de éxito de cooperativas y programas de microfinanzas que han promovido la economía inclusiva, identificando factores clave de su sostenibilidad y replicabilidad.

Diseñar propuestas de estrategias innovadoras y viables que puedan ser implementadas por las cooperativas y micro financieras para ampliar su alcance y fortalecer su impacto en la reducción de la desigualdad económica.

4. DESCRIPCIÓN DEL TEMA

Una economía que integra a todos se presenta como una opción sólida para enfrentar la disparidad y el aislamiento económico, problemas

que impactan a muchísimas personas a nivel mundial. Esta visión busca sumar a los grupos más desfavorecidos de la sociedad al engranaje productivo, asegurando que tengan acceso a opciones que les faciliten mejorar su calidad de vida. Dentro de este panorama, el cooperativismo y las microfinanzas se han posicionado como instrumentos fundamentales. Las cooperativas impulsan la cooperación y el trabajo en equipo, y las microfinanzas les brindan oportunidades a aquellos que no pueden acceder a los servicios financieros convencionales.

Lo crucial de este asunto reside en su potencial para modificar realidades. Al fortalecer económicamente a las comunidades marginadas, estas no solo pueden cubrir sus necesidades primarias, sino también visualizar un futuro digno y sostenible. No obstante, el trayecto presenta dificultades: la viabilidad de las cooperativas, el peligro de endeudamiento excesivo en las microfinanzas y la carencia de formación financiera son aspectos importantes que deben resolverse. Comprender estas fuerzas es esencial para idear tácticas eficaces que impulsen la economía inclusiva. Tal como afirmó Yunus (2007) el crédito es un derecho humano; si se logra que las oportunidades lleguen a todos, la pobreza será algo del pasado. Estas palabras nos llaman a reflexionar sobre la necesidad apremiante de establecer sistemas más justos e igualitarios.

5. COOPERATIVISMO EN ECUADOR

En Ecuador, el cooperativismo tiene una historia larga y ha sido clave para impulsar la integración económica de personas vulnerables. Las cooperativas ecuatorianas se rigen por principios de unidad, ayuda mutua y participación democrática, brindando a sus miembros no solo servicios financieros, sino también oportunidades de crecimiento económico y social. Este esquema, basado en la colaboración entre todos, ha demostrado ser útil para afrontar las dificultades económicas de los grupos más desfavorecidos. Como mostró Rodríguez (2020) el cooperativismo en Ecuador es una herramienta poderosa para consolidar la economía local,

promoviendo la unión de comunidades marginadas y contribuyendo al progreso social sostenible.

Además, las cooperativas de ahorro y crédito han sido uno de los pilares del movimiento cooperativista ecuatoriano, especialmente en zonas rurales y áreas sin servicios bancarios tradicionales. Según Pérez y Álvarez (2021) el cooperativismo es una respuesta a la falta de acceso a servicios financieros en Ecuador, facilitando la integración financiera y contribuyendo al desarrollo económico local. Este tipo de cooperativas han sido vitales para crear redes de apoyo financiero entre personas que, de otra manera, quedarían excluidas del sistema económico formal.

Las cooperativas de ahorro y crédito han tenido un papel fundamental en el fortalecimiento de la economía inclusiva en Ecuador. Estas entidades permiten que personas de sectores vulnerables accedan a créditos y servicios financieros que de otro modo no podrían obtener, impulsando así la movilidad económica de las personas. Según García (2019) las cooperativas de ahorro y crédito en Ecuador han permitido que miles de familias accedan a préstamos y servicios financieros en condiciones más favorables que las de los bancos, fomentando una mayor estabilidad económica. Este acceso facilita la creación de pequeñas empresas y el fortalecimiento de proyectos productivos locales.

La importancia de las cooperativas de ahorro y crédito reside en su capacidad para adaptarse a las necesidades particulares de sus miembros. Estas cooperativas no solo brindan productos financieros, sino que también promueven la educación financiera, una herramienta clave para mejorar la gestión económica de los hogares. Según Ortega (2022) las cooperativas de ahorro y crédito en zonas rurales de Ecuador no solo ofrecen créditos, sino que también educan a sus miembros sobre el uso adecuado de los recursos financieros, promoviendo un ciclo positivo de ahorro y generación de riqueza local.

Situada en el sureste ecuatoriano, El Oro se encuentra con ciertos desafíos económicos, mayormente ligados a su fuerte inclinación hacia la minería, el agro y el intercambio comercial. A pesar de ello, la zona tiene

un enorme potencial para promover una economía donde todos tengan cabida, sobre todo, por medio del trabajo cooperativo y las microfinanzas. García y Vásquez (2018) señalaron que El Oro posee una magnífica ocasión para dar variedad a su economía, usando estrategias que incluyan a todos y que hagan participar a la gente en labores productivas que sean más perdurables. La creación de cooperativas y el fortalecimiento de las microfinanzas son cruciales para cambiar las economías de la zona, disminuyendo las diferencias y mejorando la vida de los habitantes.

En El Oro, el cooperativismo y las microfinanzas tienen la capacidad de servir de impulsores para la inclusión social y económica. Herrera (2020) indicó que dar un empuje al cooperativismo en El Oro podría ser la solución para mejorar la unión social y crear chances económicas para aquellos que siempre han quedado fuera del sistema financiero. Así, la situación de la provincia ofrece un ambiente ideal para poner en marcha modelos de economía inclusiva que, con el respaldo correcto, podrían tener un efecto positivo y duradero con el tiempo.

6. MICROFINANZAS COMO HERRAMIENTA DE INCLUSIÓN

Las microfinanzas han surgido como una herramienta poderosa para promover la inclusión financiera de personas en situación de vulnerabilidad económica. En Ecuador, este modelo ha permitido que millas de personas, especialmente en zonas rurales, accedan a pequeños créditos que les permitan iniciar o fortalecer sus actividades productivas. Según Rodríguez y Torres (2021), “Las microfinanzas son un catalizador de la inclusión económica, ya que proporcionan acceso a financiamiento a aquellos que tradicionalmente han sido excluidos del sistema bancario” (p. 186). Este tipo de financiación ha demostrado ser fundamental para fomentar el emprendimiento local y reducir la pobreza en comunidades desfavorecidas.

Además, las microfinanzas no solo contribuyen a la inclusión económica, sino que también tienen un impacto significativo en la mejora del

bienestar social de los individuos que acceden a ellas. Según López (2020), “El acceso a microcréditos en zonas rurales de Ecuador ha permitido a las familias mejorar sus condiciones de vida, ya que les brinda la oportunidad de invertir en pequeñas empresas y generar ingresos sostenibles” (p. 134). Esto demuestra que las microfinanzas, al ser un modelo inclusivo, no solo ayudan a las personas a superar dificultades económicas inmediatas, sino que también abren puertas a un desarrollo económico a largo plazo.

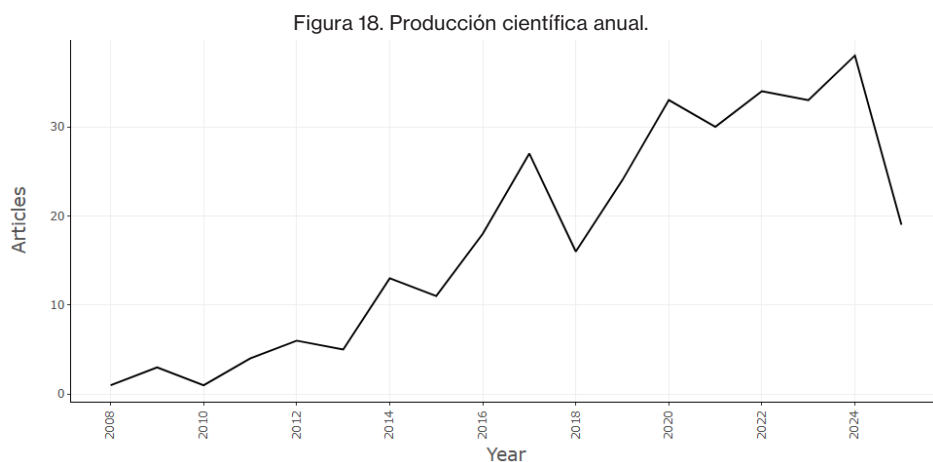
Para identificar las perspectivas relacionados con el término inclusión financiera y microfinanzas se efectuó una búsqueda bibliográfica en Scopus, se estableció como operador booleano de búsqueda *financiamiento AND microfinanzas*, se limitó la búsqueda a las áreas de ciencias sociales, negocios y economía, y el producto académico consultado fue artículos científicos. Esto devolvió un listado de 316 documentos publicados durante los últimos 17 años (2008-2025), los cuales fueron analizados en *bibliometrix*. El análisis devolvió las figuras 17 y 18.

Figura 17. Evolución de interés académico sobre inclusión financiera y microfinanzas en la literatura científica.



Como se puede observar hay un crecimiento anual compuesto del 18.91 %, lo que indica una aceleración significativa en la producción científica sobre el tema, probablemente impulsada por la creciente atención global a la inclusión financiera como herramienta para el desarrollo sostenible. El campo involucra a 701 autores, de los cuales 70 han producido trabajos de autoría individual, lo que sugiere una fuerte tendencia hacia la colaboración académica, reflejada también en el

promedio de 2.55 coautores por documento. Este patrón colaborativo se refuerza con un 24.68 % de coautorías internacionales, evidenciando un enfoque global e interdisciplinario en el abordaje de estos temas. Además, el corpus contiene 806 palabras clave únicas, lo que indica una diversidad temática considerable, y más de 14,800 referencias utilizadas, lo que revela una densa red de citación y fundamentación teórica. La edad promedio de los documentos es de 5.23 años, lo cual sugiere que el conocimiento generado es relativamente reciente y en evolución. Finalmente, con un promedio de 16.53 citas por documento, el campo demuestra un impacto académico significativo y sostenido. Estos datos en conjunto confirman que la investigación sobre inclusión financiera y microfinanzas se ha consolidado como una línea de investigación madura, dinámica y con alta proyección internacional.



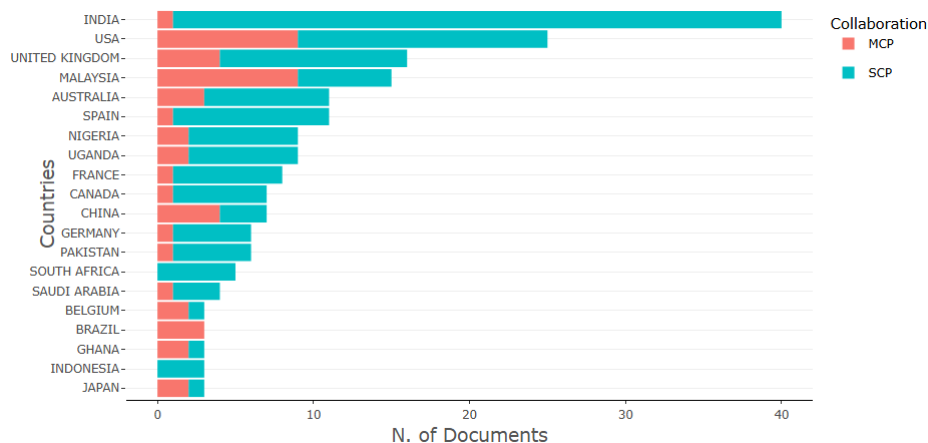
El análisis revela una tendencia marcadamente ascendente, con una primera fase de crecimiento moderado entre 2008 y 2013, seguida de un despegue notable a partir de 2014. Este incremento coincide con el reconocimiento global de la inclusión financiera como un eje estratégico para el cumplimiento de los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS), lo cual ha incentivado políticas públicas, innovación tecnológica y mayor financiamiento multilateral en esta área. El punto de inflexión más significativo ocurre entre 2016 y 2020, cuando la producción académica se duplica y

alcanza su pico en 2024 con más de 35 artículos, antes de una caída visible en 2025 –posiblemente atribuible a una base de datos aún incompleta para ese año. Este patrón sugiere no solo una consolidación temática, sino también una maduración metodológica y teórica del campo. Esto evidencia, de manera general, que la inclusión financiera y las microfinanzas han pasado de ser tópicos emergentes a constituir una agenda académica central y sostenida, especialmente en el contexto de las transformaciones digitales y los nuevos modelos de finanzas sociales.

En la figura 19 muestra la distribución geográfica de la producción científica según país de afiliación, diferenciando entre producción nacional (SCP) y colaboraciones internacionales (MCP). India lidera de forma destacada con más de 40 documentos, casi todos de autoría local, lo que refleja una fuerte capacidad investigativa interna y un marcado interés nacional por estas temáticas, coherente con la magnitud de sus políticas públicas en inclusión financiera. Estados Unidos ocupa el segundo lugar, con una proporción más equilibrada entre producción nacional e internacional, lo que indica su papel como nodo de colaboración global. Reino Unido, tercero en volumen, destaca por su elevada proporción de publicaciones internacionales, lo que sugiere un enfoque académico más transnacional e integrador.

Otros países con participación significativa incluyen Malasia, Australia, España, Nigeria y Uganda, todos con perfiles mixtos que combinan producción interna y alianzas externas. Es relevante el peso de países del Sur Global, como Nigeria, Uganda, Pakistán y Ghana, lo que confirma que la inclusión financiera y las microfinanzas son temas no solo de interés académico, sino también de urgencia socioeconómica en contextos en desarrollo. La figura refleja, en suma, un campo geográficamente diverso y dinámico, con polos fuertes de producción en Asia, América del Norte, Europa y África.

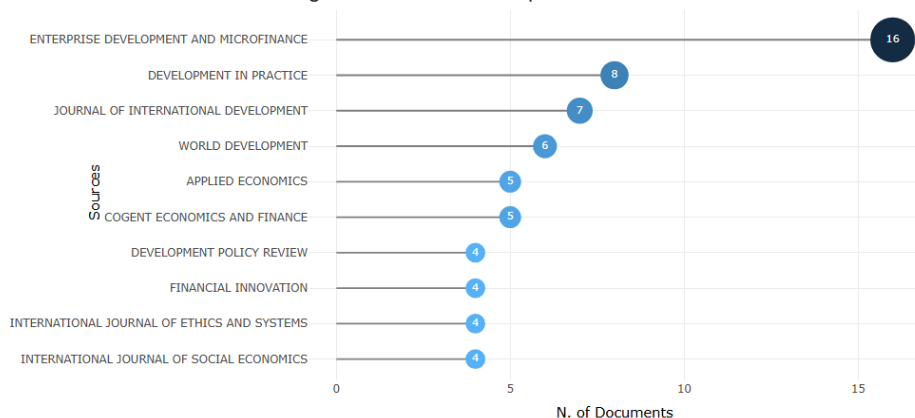
Figura 19. Publicaciones por país.



De acuerdo con la figura 20 las revistas científicas que concentran la mayor cantidad de publicaciones con respecto a los términos buscados. *Enterprise Development and Microfinance* se posiciona claramente como la principal fuente especializada, con 16 documentos, lo que confirma su rol central como espacio de difusión académica en esta temática. Le siguen *Development in Practice* (8 documentos) y *Journal of International Development* (7 documentos), ambas reconocidas por su enfoque en desarrollo económico y social desde perspectivas interdisciplinarias. *World Development*, una de las revistas más influyentes en estudios sobre desarrollo global, aparece también con 6 publicaciones, lo cual valida el interés estructural que el campo ha generado en medios de alto impacto.

Las siguientes posiciones están ocupadas por revistas de economía aplicada, finanzas, innovación y ética, como *Applied Economics*, *Cogent Economics and Finance* y *Financial Innovation*, lo que evidencia que la inclusión financiera y las microfinanzas han trascendido su nicho tradicional y se han integrado a debates más amplios sobre desarrollo económico, equidad y gobernanza. La distribución revela un equilibrio entre publicaciones especializadas y plataformas generalistas de alto perfil, lo que refleja tanto la consolidación temática como la creciente legitimidad académica de este campo de estudio.

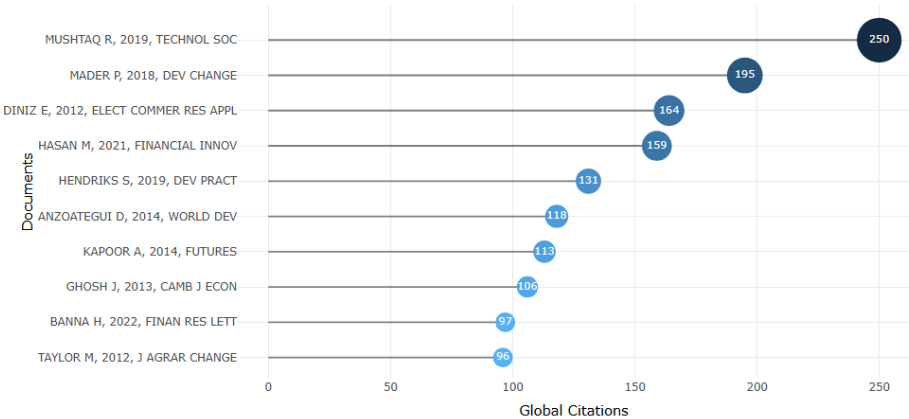
Figura 20. Publicaciones por revista.



La figura 21 muestra el impacto y centralidad de ciertas contribuciones clave en el desarrollo del campo. El artículo de Mushtaq (2019) publicado en *Technology in Society* encabeza el ranking con 250 citas, lo que evidencia su relevancia como referente teórico o metodológico. Le siguen los trabajos de Mader (2018) en *Development and Change* con 195 citas y de Diniz (2012) en *Electronic Commerce Research and Applications* con 164, ambos orientados a examinar la transformación estructural de la inclusión financiera mediante innovaciones digitales y análisis críticos del sector. La diversidad de revistas representadas – que abarca desde publicaciones en finanzas, desarrollo y tecnología hasta estudios agrarios y económicos – pone de manifiesto el carácter interdisciplinario del campo.

Asimismo, el volumen de citas, que oscila entre 96 y 250, señala una base académica consolidada, con textos que han influido en múltiples líneas de investigación, incluyendo enfoques sobre gobernanza financiera, innovación tecnológica, instituciones informales y desarrollo rural. Estos documentos funcionan como nodos de articulación teórica y empírica, marcando tendencias y proporcionando marcos de análisis que han sido ampliamente adoptados y debatidos en la literatura especializada.

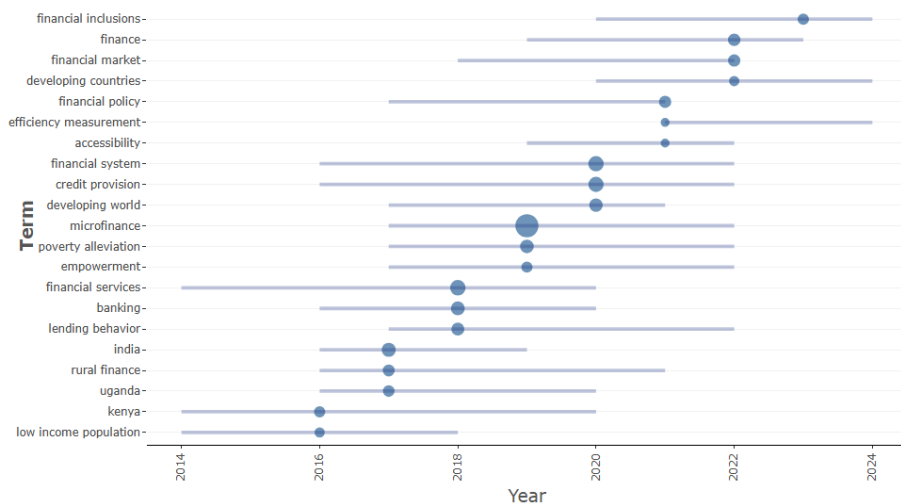
Figura 21. Los 10 trabajos más citados en la literatura de microfinanzas e inclusión financiera.



La figura 22 muestra temporalidad de los términos muestra una expansión sostenida desde 2014, con una concentración significativa de nuevos conceptos entre 2018 y 2022, lo que indica un proceso de diversificación conceptual y maduración del campo. Destacan términos como *microfinance*, *poverty alleviation* *developing world*, que presentan una presencia extendida y un mayor tamaño de nodo, lo que sugiere tanto centralidad temática como intensidad en el uso. Esta tendencia revela que los estudios no solo se han enfocado en aspectos financieros, sino también en su relación con el desarrollo social y la superación de la pobreza.

Por otro lado, términos como *accessibility*, *financial system*, *efficiency measurement* y *financial market* reflejan un giro hacia análisis más estructurales y funcionales del sistema financiero inclusivo, incorporando elementos técnicos de política pública y medición de impacto. El mapa también permite identificar una dimensión geográfica en expansión, con países como India, Kenia y Uganda que han sido objeto de estudios focalizados, confirmando el interés regionalizado en contextos del Sur Global, evidenciando la complejidad e interdisciplinariedad del debate actual sobre inclusión financiera.

Figura 22. Temas tendencia en la literatura de microfinanzas e inclusión financiera.

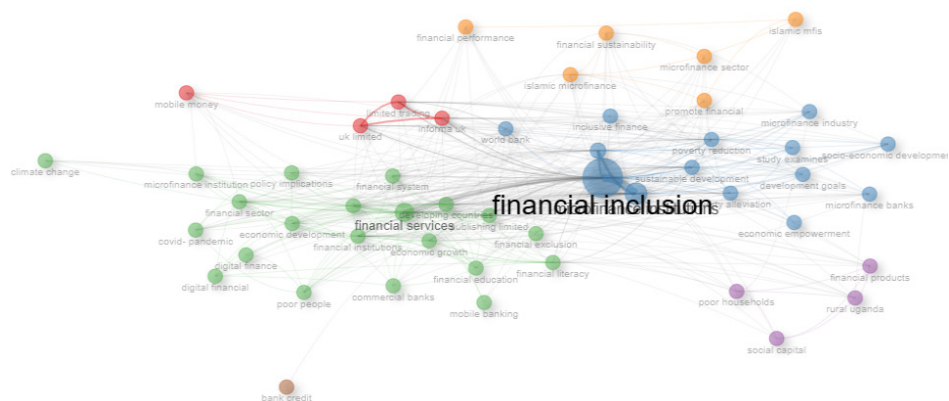


La figura 23 representa un mapa de coocurrencia de términos clave en la literatura sobre *financial inclusion*, destacando las principales áreas temáticas, sus interrelaciones y el grado de centralidad de cada nodo en el conjunto del campo investigativo. La utilidad del mapa de coocurrencia radica en que no solo muestra la centralidad del concepto de inclusión financiera, sino que revela cinco líneas temáticas interconectadas, pero con lógicas propias: impacto social, arquitectura institucional, sostenibilidad organizacional, vulnerabilidad territorial y gobernanza digital. Esta configuración evidencia la riqueza interdisciplinaria y el grado de madurez teórica del campo, destacando su relevancia para políticas públicas, innovación tecnológica y estudios sobre desarrollo económico.

El nodo central y más prominente es *financial inclusion* lo que indica que este término actúa como eje aglutinador de múltiples dimensiones conceptuales, conectando con diversos subcampos, desde el desarrollo económico hasta la tecnología financiera. A partir de él, se organizan cinco comunidades temáticas principales, diferenciadas por color, que ofrecen una visión integral de la estructura semántica del campo. El nodo azul, que representa el conjunto más denso y cercano al núcleo, agrupa términos como inclusive *finance*, *poverty reduction*, *sustainable development*, *economic empowerment*, *socio-economic development* y *microfinance*

banks. Esta comunidad refleja un enfoque centrado en el impacto social de la inclusión financiera, vinculado con metas de desarrollo sostenible, equidad y erradicación de la pobreza. Se trata de un clúster normativo y multidimensional que conecta las finanzas con objetivos transformadores a escala macro y comunitaria.

Figura 23. Red de co-ocurrencia en la literatura de microfinanzas e inclusión financiera.



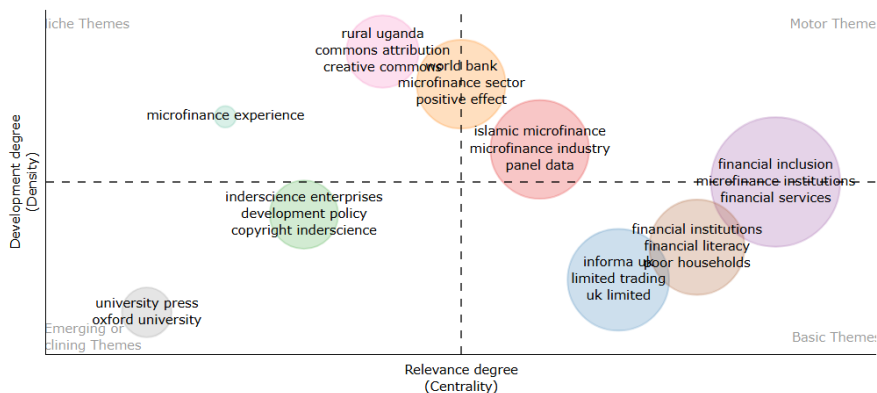
En contraste, el nodo verde articula un segundo clúster más orientado a la infraestructura y el sistema financiero. Incluye términos como *financial system*, *financial services*, *commercial banks*, *digital finance*, *mobile banking*, *financial education* y *economic development*. Esta comunidad representa un enfoque institucional y funcional que considera los mecanismos, canales y estructuras necesarios para lograr la inclusión, con una atención especial al rol de la banca tradicional, la tecnología financiera (FinTech) y la alfabetización financiera en contextos en desarrollo.

El nodo naranja, por su parte, se vincula a un enfoque organizacional e institucional, con términos como *microfinance sector*, *financial sustainability*, *financial performance*, *islamic microfinance* e *islamic mfis*. Aquí la inclusión financiera es entendida a través de la lógica de desempeño y sostenibilidad de las instituciones microfinancieras, con particular énfasis en modelos alternativos como las finanzas islámicas. Este clúster pone en juego dimensiones de eficiencia, rentabilidad y modelos institucionales viables para atender poblaciones no bancarizadas.

El nodo morado reúne una comunidad temática con orientación socio-territorial y de vulnerabilidad, que incluye términos como *poor households*, *rural Uganda*, *social capital* y *financial products*. Esta agrupación representa estudios de caso y enfoques micro que analizan los efectos concretos de la inclusión financiera en poblaciones rurales o desfavorecidas, con atención al papel del capital social y los productos financieros diseñados para estos segmentos. Finalmente, el nodo rojo agrupa un conjunto más periférico y específico, compuesto por términos como *mobile money*, *UK limited*, *informal use* y *world bank*. Este conjunto remite a estudios sobre innovación financiera digital, actores regulatorios y el papel de grandes organismos multilaterales. Aunque menor en densidad, este nodo señala conexiones clave con debates regulatorios, tecnológicos y de gobernanza financiera.

La figura 24 representa un mapa temático estructurado en cuatro cuadrantes a partir de dos ejes: el grado de desarrollo o densidad (eje vertical) y el grado de relevancia o centralidad (eje horizontal). Esta representación permite analizar de manera exhaustiva la posición relativa de los temas en la literatura sobre inclusión financiera y microfinanzas. El uso de un mapa temático ofrece una radiografía precisa del campo de estudio, revelando una estructura consolidada con temas centrales robustos, pero también con áreas emergentes y especializadas que requieren mayor integración para fortalecer el ecosistema académico de la inclusión financiera y las microfinanzas.

Figura 24. Mapa temático de la literatura de microfinanzas e inclusión financiera.



En el cuadrante superior derecho, denominado *Motor Themes*, se ubican los temas que combinan alta relevancia y alto desarrollo interno. Aquí destacan *financial inclusion*, *microfinance institutions* y *financial services*, que constituyen el núcleo conceptual del campo. Estos temas son fundamentales tanto por su peso estructural en la red temática como por su densidad conceptual, lo que evidencia su consolidación como áreas maduras y ampliamente discutidas. Su posición sugiere que actúan como motores del debate y están fuertemente interconectados con otros ejes temáticos, reflejando un campo activo, interdisciplinario y alineado con las prioridades de desarrollo global.

El cuadrante inferior derecho, correspondiente a los *Basic Themes*, agrupa tópicos con alta centralidad, pero menor desarrollo. Aquí encontramos *financial literacy*, *financial institutions*, *poor households*, *limited trading* e *informa uk limited*. Aunque son temas altamente conectados con el núcleo del campo, presentan menor cohesión interna. Esto indica su papel fundamental como pilares conceptuales o contextuales del área de estudio, pero también señala la necesidad de mayor profundización teórica o empírica. Estos conceptos pueden considerarse como plataformas desde las cuales se articulan nuevas agendas de investigación.

En el cuadrante superior izquierdo, correspondiente a los *Niche Themes*, aparece el término *microfinance experience*, que si bien tiene un alto grado de desarrollo interno, muestra escasa centralidad. Esto indica que se trata de un tema especializado, posiblemente explorado por un grupo reducido de autores o aplicado a contextos específicos. Su densidad temática revela profundidad conceptual, pero su baja conexión con otros temas principales sugiere una contribución limitada al debate central. Este tipo de temas suelen ser relevantes en estudios de caso o enfoques metodológicos particulares.

Finalmente, en el cuadrante inferior izquierdo, reservado para los *Emerging or Declining Themes*, se encuentran *university press* y *oxford university*. Su baja densidad y centralidad podría indicar una fase inicial de exploración o, por el contrario, un declive en su relevancia en el corpus

reciente. Su inclusión en este cuadrante puede deberse a su aparición en metadatos o como parte de la afiliación o las licencias de publicación, lo que explica su baja centralidad. Estas etiquetas no articulan discusiones teóricas ni empíricas directamente relevantes al corpus sobre inclusión financiera o microfinanzas, y probablemente reflejan una contaminación temática en el análisis. Sin embargo, el término *development policy* sí representa un concepto con potencial epistemológico dentro del campo.

Su ubicación en este cuadrante sugiere que, aunque es un tema con conexiones débiles y aún incipiente en esta literatura específica, podría constituir una base fértil para futuros desarrollos. El vínculo entre microfinanzas, inclusión financiera y políticas de desarrollo está bien documentado en estudios interdisciplinarios, por lo que su escasa centralidad en esta red particular podría señalar una oportunidad de integración conceptual más robusta. Fortalecer este puente podría enriquecer la agenda de investigación al incorporar dimensiones normativas, institucionales y macroeconómicas aún poco exploradas.

7. ECONOMÍA INCLUSIVA Y SU APLICACIÓN EN CONTEXTOS REGIONALES

La economía inclusiva aspira a algo más que simples estadísticas económicas: busca que todas las personas, sin importar su origen social o nivel de ingresos, tengan la posibilidad real de mejorar sus condiciones de vida. En zonas como la provincia de El Oro, donde las brechas económicas son palpables, este enfoque cobra una relevancia particular. Aquí, mecanismos como el cooperativismo y las microfinanzas no solo son herramientas técnicas, sino verdaderas palancas de transformación social. Como bien señalan Pérez y López (2021), la economía inclusiva va más allá del concepto – es una práctica concreta que implica aplicar políticas y estrategias diseñadas para garantizar un acceso más justo a los recursos (p. 157). En este contexto, las cooperativas surgen como una vía eficaz para materializar esta visión dentro del territorio oreense.

Pero, claro está, hablar de economía inclusiva en abstracto no basta. Aplicarla en El Oro significa adaptar sus principios a las particularidades del entorno. Ramos (2022) lo resume con claridad: en esta provincia, no se puede hablar solo de números, sino que también hay que considerar los factores culturales y sociales que atraviesan a las comunidades, especialmente las rurales y más desfavorecidas (p. 121). Mediante enfoques ajustados al terreno, es posible no solo impulsar el desarrollo económico, sino también generar empleo digno y fortalecer la capacidad de resiliencia local.

Los pilares de este modelo son conocidos –equidad, justicia social y participación activa– pero su implementación práctica exige más que buena voluntad. En El Oro, estos principios pueden traducirse en iniciativas que realmente impacten a los sectores tradicionalmente excluidos, como aquellas zonas rurales que aún lidian con un acceso limitado a servicios básicos. González (2019) ofrece una definición precisa: la economía inclusiva no solo busca repartir los recursos de manera justa, sino también integrar activamente a las comunidades en la generación de riqueza (p. 67). En esta lógica, iniciativas como el cooperativismo adquieren aún más valor, ya que promueven una toma de decisiones más democrática y cercana a las necesidades reales de la población.

Avanzar hacia una economía más inclusiva en esta provincia requiere enfocarse en aspectos clave: facilitar el acceso a servicios financieros, fomentar la educación económica y fortalecer las redes de apoyo comunitario. Martínez y Ruiz (2021) lo expresan así: el enfoque debe ser integral, incluyendo formación, recursos accesibles y participación colectiva como ejes centrales del cambio (p. 134). Si este modelo se consolida, El Oro podría lograr avances significativos en la reducción de la desigualdad, al tiempo que sienta las bases para un desarrollo sostenible a largo plazo.

Hay sectores dentro de El Oro que, por su peso económico y social, podrían liderar esta transformación. La agricultura, la pesca, el turismo y la pequeña industria son motores naturales del desarrollo provincial. Según Rodríguez y Sánchez (2020), diversificar la economía en estos sectores

resulta esencial si se quiere que el crecimiento económico llegue también a quienes suelen quedarse fuera del reparto (p. 121). Apostar por modelos más inclusivos en estas áreas podría traducirse en más empleo, mayores ingresos familiares y un ecosistema más propicio para el emprendimiento.

En paralelo, no se puede dejar de lado el fortalecimiento de las PYMEs, fundamentales en la estructura productiva local. Romero (2018) subraya que estas empresas tienen un enorme potencial, especialmente si se les brinda acceso a financiamiento y apoyo técnico (p. 95). Impulsarlas no solo dinamizaría la economía provincial, sino que también abriría nuevas oportunidades para reducir las brechas sociales de manera concreta.

Ahora bien, toda estrategia necesita una brújula. Para saber si se está avanzando en la dirección correcta, es indispensable establecer indicadores claros y medibles. Torres y Castro (2021) proponen métricas como el incremento de créditos a pequeños productores, la generación de empleo en áreas rurales o la mejora de la infraestructura básica (p. 108). Además, sería útil sumar indicadores cualitativos, que capten aspectos menos tangibles, pero igual de importantes, como la participación de las mujeres o el grado de cohesión social en las comunidades.

Dar seguimiento constante a estos indicadores no es solo una cuestión técnica; es una manera de mantener el rumbo, ajustar lo que sea necesario y asegurar que los beneficios de la economía inclusiva realmente lleguen a quienes más los necesitan. Martínez (2019) lo sintetiza con acierto: no basta con crecer, hay que crecer con equidad, midiendo también el impacto humano de ese crecimiento (p. 215). Solo así se podrá construir una El Oro más justa, resiliente y con oportunidades para todos.

8. EL COOPERATIVISMO COMO MOTOR DE INCLUSIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL

El cooperativismo tiene el potencial de convertirse en una pieza clave para impulsar la inclusión económica y social en El Oro. Su base en la solidaridad y el acceso equitativo a los recursos lo convierte en un modelo particularmente adecuado para apoyar a los sectores históricamente

excluidos. En esencia, las cooperativas funcionan como verdaderas redes de apoyo mutuo, facilitando el acceso a servicios financieros, educativos y de salud que, en muchos casos, están fuera del alcance mediante vías tradicionales. Como afirma Herrera (2020), “El cooperativismo es una estrategia efectiva para la redistribución de recursos, ya que empodera a las comunidades para que gestionen sus propios recursos y generen riqueza de manera sostenible” (p. 140). Esta lógica cobra aún más sentido en zonas rurales como El Oro, donde la banca convencional suele quedar fuera del panorama cotidiano.

Pero el impacto del cooperativismo va más allá de lo económico. Su papel en la promoción de la cohesión social y la equidad de oportunidades es difícil de ignorar. Rivas (2019) lo plantea con claridad: “Las cooperativas de ahorro y crédito no solo proporcionan servicios financieros, sino que también fomentan la participación de las personas en la toma de decisiones económicas, lo que refuerza la cohesión social y contribuye a la construcción de una comunidad más justa e inclusiva” (p. 112). En otras palabras, no se trata solo de repartir recursos, sino de abrir espacios donde las personas puedan influir y construir activamente su futuro económico.

En la práctica, muchas cooperativas en El Oro ya están dando pasos concretos en esta dirección. Han lanzado programas orientados a la inclusión social que abarcan desde educación financiera hasta capacitación laboral y acceso a servicios básicos de salud. Zambrano (2021) destaca este enfoque: “Las cooperativas en El Oro han desarrollado programas de inclusión social que no solo benefician económicamente a los miembros, sino que también contribuyen a la formación de capacidades que mejoran la calidad de vida de las familias” (p. 56). Este tipo de iniciativas, además de aliviar carencias inmediatas, siembran una base sólida para el desarrollo a largo plazo.

Y hay algo más que no conviene pasar por alto: el rol que juegan estas organizaciones en la construcción del tejido social. A través de sus actividades, las cooperativas fomentan relaciones de confianza, solidaridad y colaboración entre sus integrantes. Rodríguez (2020) lo resume bien:

“Las cooperativas en El Oro han demostrado que la inclusión social no solo se logra a través de servicios económicos, sino también mediante la creación de espacios de colaboración y solidaridad entre los miembros de la comunidad” (p. 134). En este sentido, su aporte no se limita a los balances financieros; también ayudan a tejer comunidades más fuertes, unidas y resilientes frente a los desafíos que enfrenta la región.

9. ROL DE LAS COOPERATIVAS EN LA REDISTRIBUCIÓN DE RECURSOS Y OPORTUNIDADES ECONÓMICAS

En contextos marcados por profundas desigualdades, las cooperativas se convierten en verdaderos agentes de cambio, jugando un rol decisivo en la redistribución de recursos y oportunidades. Al reunir a personas con objetivos comunes, estas organizaciones logran mucho más que eficiencia económica: generan transformaciones sociales tangibles. Martínez (2018) lo expresa con claridad: “El cooperativismo actúa como un motor de redistribución económica, ya que permite que las personas de bajos recursos accedan a créditos y otros servicios financieros que de otro modo no serían posibles” (p. 72). Gracias a ello, muchas comunidades logran acortar distancias históricas entre grupos sociales y avanzar hacia una economía más equitativa.

Sin embargo, el verdadero valor del modelo cooperativo no reside solo en repartir recursos, sino también en crear condiciones para que las personas generen sus propios medios de vida. Torres (2020) destaca esta capacidad: “Las cooperativas facilitan la creación de pequeñas empresas locales, promoviendo la autonomía económica de las familias y contribuyendo al desarrollo de la comunidad” (p. 59). Esto resulta especialmente valioso en zonas como El Oro, donde muchas familias enfrentan obstáculos estructurales para acceder a recursos del sistema financiero tradicional. Además, al promover la participación directa en la toma de decisiones, las cooperativas fortalecen los lazos sociales y el compromiso colectivo, elementos clave para construir comunidades resilientes.

Ejemplos concretos en la provincia muestran el impacto real de estas iniciativas. La cooperativa El Oro Unido ha logrado integrar a pequeños productores de cacao en una red que no solo mejora la competitividad del sector, sino también transforma vidas. García y Ríos (2021) subrayan que “La cooperativa El Oro Unido ha sido clave para mejorar la competitividad de los pequeños productores, al ofrecerles acceso a financiamiento y capacitaciones, lo que ha permitido aumentar sus ingresos y mejorar su infraestructura productiva” (p. 131). Esta experiencia deja claro que el cooperativismo, bien gestionado, puede abrir caminos de desarrollo que antes parecían inalcanzables.

Otro caso emblemático es el de AgroEl Oro, que ha impulsado una agricultura sostenible en zonas rurales de la provincia. Con una visión integral, esta cooperativa ha brindado acceso a créditos blandos y promovido técnicas agrícolas ecológicas que no solo han elevado la productividad, sino que han reducido significativamente los costos de operación. López y Ramírez (2020) señalan que “AgroEl Oro ha mejorado significativamente las condiciones de vida de los agricultores al proporcionarles acceso a créditos blandos y técnicas de cultivo ecológicas” (p. 88). Este tipo de experiencias demuestra que las cooperativas pueden ser catalizadores tanto del crecimiento económico como de la sostenibilidad ambiental.

La clave del éxito en estas historias parece estar en un enfoque holístico, que no se limite a lo financiero. Sánchez (2021) lo resume bien: “Las cooperativas que tienen éxito en el desarrollo local son aquellas que combinan servicios financieros con programas de educación, salud y vivienda” (p. 157). Es decir, cuando estas organizaciones asumen un rol integral en la vida de sus miembros, no solo impulsan la economía local, sino que elevan la calidad de vida de forma general. En ese sentido, más que simples estructuras económicas, las cooperativas se perfilan como motores de transformación social y bienestar comunitario.

10. INNOVACIÓN EN MICROFINANZAS PARA UNA ECONOMÍA INCLUSIVA

La innovación en microfinanzas ha marcado un antes y un después en la construcción de una economía verdaderamente inclusiva. Gracias a estas nuevas estrategias, sectores tradicionalmente marginados del sistema bancario han logrado acceder a servicios adaptados a sus realidades cotidianas. En el contexto ecuatoriano, especialmente en zonas rurales, este tipo de financiación ha abierto un abanico de posibilidades para personas que hasta hace poco no tenían acceso a ningún tipo de crédito. García (2020) lo sintetiza bien: “La innovación en microfinanzas ha permitido que las instituciones financieras diseñen productos adaptados a las realidades de los sectores más vulnerables, lo que ha abierto las puertas al acceso a créditos y seguros” (p. 195).

Uno de los avances más transformadores ha sido la introducción de microseguros y microahorros—dos herramientas que, aunque sencillas en apariencia, han tenido un profundo impacto. Martínez (2021) señala que “Los micro seguros permiten a las familias de bajos recursos protegerse frente a eventos inesperados, como enfermedades o accidentes, lo que contribuye a la estabilidad económica de los hogares” (p. 114). Paralelamente, los microahorros han dado pie a una incipiente pero poderosa cultura del ahorro entre quienes antes no podían siquiera considerar esa posibilidad. Estos productos, al alcance de bolsillos modestos, representan mucho más que servicios financieros: son vehículos hacia la seguridad y la dignidad económica.

La tecnología, cómo no, también ha jugado un papel crucial. En un país donde muchas comunidades aún viven alejadas de los centros urbanos, las plataformas digitales y las aplicaciones móviles han hecho posible que las microfinanzas lleguen a donde antes no lo hacían. López (2022) destaca este fenómeno: “Las plataformas digitales y las aplicaciones móviles han permitido que las microfinanzas lleguen a zonas más remotas... mejorando la eficiencia y la cobertura de los servicios

financieros” (p. 102). Esta digitalización no solo amplía el alcance geográfico, sino que también pone al usuario en el centro, dándole mayor control sobre sus decisiones económicas.

Entre las innovaciones más destacadas está la creación de productos financieros diseñados con un enfoque social claro. Microcréditos, seguros accesibles y esquemas de ahorro flexibles no solo suenan bien en teoría, sino que han demostrado su eficacia en el terreno. Castro y Rivas (2021) afirman que “Los microcréditos han demostrado ser herramientas efectivas para financiar pequeños proyectos productivos...” (p. 139). Estos créditos, generalmente de montos pequeños y con condiciones accesibles, permiten a emprendedores sin historial crediticio iniciar o ampliar negocios que son vitales para el sustento familiar y el desarrollo local.

Por su parte, los microseguros actúan como una especie de red de contención ante la incertidumbre. Rodríguez (2021) explica que “Los micro seguros permiten que las familias de bajos ingresos se protejan contra riesgos inesperados...” (p. 88). Esto puede significar la diferencia entre recuperarse rápidamente de un revés o caer en una espiral de endeudamiento. A la par, los productos de ahorro, aunque a menudo subestimados por su simplicidad, tienen un enorme valor. Brindan a las familias la posibilidad de prepararse para emergencias o simplemente pensar a futuro, algo que muchas veces parece un lujo.

El verdadero impacto de estas herramientas se ve cuando se implementan de manera coordinada. Microcréditos, seguros y productos de ahorro no son solo piezas aisladas, sino partes de un sistema que puede transformar economías locales. Martínez y Soto (2020) lo dicen sin rodeos: “El acceso a microcréditos, seguros y productos de ahorro ha dado lugar a una mayor resiliencia financiera entre las comunidades de bajos ingresos...” (p. 124). En resumen, estas innovaciones no solo permiten sobrevivir; ofrecen una base para construir, emprender y mirar hacia el futuro con mayor seguridad.

11. IMPACTO DE LA INNOVACIÓN TECNOLÓGICA EN LOS SERVICIOS DE MICROFINANZAS

La tecnología ha cambiado radicalmente el panorama de las microfinanzas, abriendo nuevas posibilidades para llegar a sectores que antes quedaban fuera del sistema financiero. Gracias a plataformas digitales y aplicaciones móviles, hoy es posible ofrecer servicios financieros de forma más rápida, segura y cercana, incluso en las zonas más alejadas. Rodríguez y García (2021) destacan este avance al afirmar que “La tecnología ha permitido a las instituciones microfinancieras superar las barreras geográficas, proporcionando a las personas en zonas rurales acceso instantáneo a créditos y otros servicios financieros” (p. 45). Y no es solo una cuestión de acceso: la experiencia del usuario también ha mejorado, con menos trámites, menor tiempo de espera y costos operativos más bajos.

Entre los desarrollos más destacados se encuentra la banca móvil, así como las aplicaciones fintech, que han transformado la forma en que se interactúa con los servicios financieros. Hoy en día, muchas personas pueden solicitar un crédito, hacer transferencias o revisar sus ahorros desde un celular, sin necesidad de acercarse a una sucursal. Salazar y Peña (2020) subrayan que “La adopción de la tecnología móvil ha transformado la forma en que las personas acceden a servicios financieros, haciendo que los productos sean más inclusivos y adaptados a las realidades de los usuarios” (p. 112). En provincias como El Oro, donde el acceso a bancos tradicionales aún es limitado, pero la conectividad móvil es relativamente buena, estas herramientas han resultado ser un verdadero puente hacia la inclusión financiera.

Sin embargo, la tecnología por sí sola no garantiza el éxito de las microfinanzas. Para que estos programas se sostengan en el tiempo, es fundamental desarrollar estrategias que no solo amplíen la cobertura, sino que también aseguren su viabilidad a largo plazo. Peña (2021) sugiere que “Una de las principales estrategias para garantizar la sostenibilidad de las microfinanzas es la diversificación de los productos...” (p. 136). Esto significa

ir más allá del microcrédito tradicional y ofrecer soluciones como seguros, productos de ahorro, e incluso formación financiera, todos pensados desde las necesidades reales del usuario.

Otra pieza clave del rompecabezas es la educación. Las cooperativas que invierten en capacitar tanto a sus miembros como a sus equipos de trabajo tienden a tener mejores resultados. Hernández y López (2020) lo explican así: “Las cooperativas que invierten en formación para sus miembros y en la mejora de sus procesos internos tienen mayores probabilidades de éxito y sostenibilidad...” (p. 78). No se trata solo de enseñar a usar una aplicación o entender una tasa de interés, sino de formar ciudadanos financieros, capaces de tomar decisiones responsables y participar activamente en el crecimiento de sus comunidades. Esta combinación de tecnología, educación y visión estratégica es, sin duda, el camino hacia unas microfinanzas más sólidas y humanas.

12. EDUCACIÓN FINANCIERA COMO HERRAMIENTA PARA LA INCLUSIÓN

La educación financiera se ha consolidado como uno de los pilares esenciales para avanzar hacia una inclusión económica real y sostenida. No se trata únicamente de aprender a manejar dinero, sino de adquirir las herramientas necesarias para tomar decisiones informadas, evitar riesgos innecesarios y aprovechar oportunidades de manera estratégica. En este sentido, las cooperativas cumplen un rol fundamental, especialmente en contextos vulnerables, al ofrecer programas educativos que enseñan desde los principios del ahorro hasta la gestión del riesgo. Martínez (2020) lo resume bien: “La educación financiera contribuye directamente al bienestar de las personas al permitirles gestionar sus recursos de manera efectiva y reducir su vulnerabilidad frente a crisis económica” (p. 98). Además, fomenta el ahorro y el espíritu emprendedor, dos ingredientes clave en comunidades que dependen del microcrédito para salir adelante.

Este tipo de formación es especialmente valioso para microempresarios y emprendedores, quienes, a pesar de su dinamismo,

muchas veces carecen de conocimientos técnicos sobre cómo manejar sus finanzas. Rodríguez y Soto (2021) apuntan que “Los microempresarios que reciben formación financiera están mejor preparados para manejar sus flujos de caja...” (p. 53). En otras palabras, saber cuándo invertir, cómo reducir gastos o cómo planificar el crecimiento puede ser la diferencia entre la supervivencia y el fracaso. Más allá de simples cursos, estos programas siembran estrategias prácticas que fortalecen la sostenibilidad de los pequeños negocios.

Ahora bien, para que la educación financiera tenga un impacto real, debe ser accesible y adaptada a las realidades locales. García (2022) lo deja claro: “Para que la educación financiera sea efectiva en áreas rurales, debe adaptarse a las realidades y necesidades de la comunidad...” (p. 132). Es decir, no basta con transmitir conocimientos teóricos; es crucial usar métodos cercanos, con ejemplos del entorno, para que cada persona pueda aplicar lo aprendido en su día a día. Las campañas de sensibilización también juegan un papel importante, ya que motivan a las personas a involucrarse activamente en su desarrollo económico.

La formación financiera no solo mejora la administración de recursos; también infunde confianza. Fernández y Sánchez (2021) afirman que “La educación financiera proporciona a los emprendedores las herramientas necesarias para comprender y gestionar sus finanzas de forma efectiva...” (p. 95). Esta confianza se traduce en decisiones más acertadas, mayor control sobre las deudas y mejor capacidad de planificar a largo plazo. En su ausencia, muchos emprendedores caen en errores financieros que podrían evitarse con una base mínima de conocimientos, desde una mala inversión hasta el endeudamiento innecesario.

Además, comprender cómo manejar el flujo de caja, calcular los costos y establecer metas de ahorro no es un lujo: es una necesidad básica para cualquier emprendedor. Martínez y López (2020) señalan que “La falta de conocimientos financieros es una de las principales barreras para el éxito de los microempresarios en las zonas rurales...” (p. 62). Capacitarse, entonces, no solo aumenta las probabilidades de éxito individual, sino que

contribuye a dinamizar la economía local. Un emprendedor bien formado puede crecer, generar empleo y convertirse en un agente de desarrollo en su comunidad.

Este efecto multiplicador de la educación financiera también se observa en la creación de empleo y la mejora de la calidad de vida. Rodríguez y Pérez (2022) indican que “Los emprendedores capacitados financieramente tienen más probabilidades de prosperar y, por ende, contribuir al desarrollo económico de su entorno” (p. 131). Esta preparación es, además, una semilla para la innovación en pequeñas y medianas empresas, impulsando la diversificación de la economía y reduciendo la dependencia de sectores tradicionales.

Las cooperativas, en particular, tienen un rol destacado en este proceso. Gómez y Herrera (2021) destacan que no solo ofrecen servicios financieros, sino que también promueven la cultura financiera, ayudando a sus miembros a tomar decisiones más acertadas y mejorar su calidad de vida. En comunidades con pocos recursos, estas iniciativas no son un complemento: son una necesidad urgente. Con programas de formación adecuados, las personas no solo aprenden a manejar su dinero, sino que se convierten en participantes activos de la economía local.

Finalmente, este tipo de educación tiene un impacto directo en la economía popular. López y Soto (2020) subrayan que no solo se traduce en mejores hábitos de ahorro e inversión, sino que también reduce la vulnerabilidad de las familias al diversificar sus ingresos. Ramírez (2021) lo plantea con contundencia: la formación financiera puede ser una herramienta para combatir la pobreza, porque capacita a las personas para tomar decisiones que benefician tanto a sus hogares como a su comunidad. En definitiva, enseñar a gestionar bien los recursos no es solo cuestión de números; es una apuesta por la dignidad y la estabilidad de quienes más lo necesitan.

13. INTEGRACIÓN DEL COOPERATIVISMO Y LAS MICROFINANZAS CON LA ECONOMÍA POPULAR Y SOLIDARIA (EPS)

Integrar el cooperativismo y las microfinanzas dentro del marco de la Economía Popular y Solidaria (EPS) representa una estrategia clave para construir un modelo económico más justo, sostenible e inclusivo. A diferencia de los esquemas tradicionales, la EPS pone el foco en valores como la solidaridad, la equidad y la cooperación, generando un espacio fértil para que cooperativas y microfinancieras trabajen de la mano. Paredes (2020) lo define con precisión: “La Economía Popular y Solidaria busca generar un equilibrio entre el beneficio económico y el bienestar social...” (p. 204). Bajo esta lógica, se configura un ecosistema económico donde los recursos circulan de manera más equitativa, y donde el desarrollo social no es una consecuencia colateral, sino un objetivo central.

El cooperativismo, por su parte, es quizás la expresión más palpable de los principios de la EPS. Más que una estructura organizativa, es un mecanismo para empoderar a las comunidades, fortalecer sus capacidades productivas y conectar a las personas con recursos que de otro modo estarían fuera de su alcance. Pérez y Jiménez (2021) afirman que “Las cooperativas son una forma de integración que permite a los grupos de trabajo acceder a recursos y mercados...” (p. 118). Esta integración entre cooperativas y microfinancieras no solo facilita el acceso a servicios, sino que crea redes de cooperación donde el conocimiento, la experiencia y los recursos se comparten, promoviendo una verdadera autonomía económica.

Las microfinanzas, insertas en este contexto, no cumplen únicamente una función técnica. Son una vía de acceso para que los sectores más vulnerables de la población puedan mejorar sus condiciones de vida mediante créditos, seguros y productos de ahorro adaptados. Castro (2021) señala que “La integración de las microfinanzas dentro de la EPS ayuda a las personas en situación de vulnerabilidad a acceder a crédito, ahorro y seguros...” (p. 167). En otras palabras, no se trata solo de prestar dinero: se trata de ofrecer herramientas para construir estabilidad y dignidad.

No obstante, lograr una participación financiera real en comunidades rurales implica más que ofrecer productos financieros. Requiere entender las particularidades culturales, sociales y económicas de cada territorio. Castro y Fernández (2021) lo explican con claridad: “Las estrategias para fomentar la participación financiera deben ser inclusivas y adaptadas a las características locales...” (p. 85). Esto implica, entre otras cosas, que las cooperativas deben repensar su oferta, y dejar de ver al crédito y al ahorro como únicos servicios posibles. Incorporar soluciones digitales, por ejemplo, es una manera de cerrar brechas y facilitar el acceso.

Un reto persistente en muchas de estas zonas es la falta de confianza. En comunidades donde la desinformación es común y la experiencia con instituciones financieras ha sido limitada o negativa, el escepticismo es comprensible. Pérez (2020) propone una solución concreta: “Es esencial construir confianza a través de la transparencia y la educación financiera...” (p. 68). La confianza no se impone; se construye, paso a paso, demostrando que las instituciones pueden ser aliadas reales en la mejora de las condiciones de vida.

En este sentido, la tecnología ha demostrado ser una aliada estratégica. El uso de plataformas móviles y aplicaciones digitales ha facilitado una transformación silenciosa pero poderosa. Ramos y Sánchez (2021) afirman que “Las plataformas móviles y aplicaciones digitales han transformado la manera en que las personas en zonas rurales interactúan con los servicios financieros...” (p. 113). Hoy, muchas personas que antes debían recorrer largas distancias para hacer una transacción, pueden acceder a créditos, pagar servicios o gestionar sus ahorros desde un teléfono. Además, estas herramientas permiten una personalización del servicio que antes era impensable, ajustando los productos a las realidades concretas de cada comunidad.

14. SINERGIAS ENTRE COOPERATIVAS, MICROFINANZAS Y EPS PARA PROMOVER EL DESARROLLO SOSTENIBLE

Las sinergias entre cooperativas, microfinanzas y la Economía Popular y Solidaria (EPS) constituyen un eje estratégico para promover

el desarrollo sostenible, especialmente en contextos rurales y de bajos recursos. En lugar de funcionar de manera aislada, estos tres actores pueden formar un ecosistema económico que gire en torno a valores como la solidaridad, la cooperación y la equidad. Ortega y Gómez (2021) lo resumen bien: “La integración de cooperativas y microfinancieras con los principios de la EPS permite la creación de un ecosistema económico basado en la solidaridad... lo que favorece el desarrollo local y la inclusión social” (p. 139). Esta convergencia permite redistribuir recursos con mayor justicia y hace posible que servicios financieros lleguen a sectores tradicionalmente excluidos.

La colaboración entre estos actores no solo facilita el acceso a servicios financieros, sino que crea verdaderas redes de apoyo comunitario. Sánchez (2020) señala que “La colaboración entre cooperativas y microfinancieras fomenta la creación de redes de apoyo y de intercambio de conocimientos...” (p. 112). Estas redes no solo promueven la innovación y la eficiencia, sino que refuerzan la resiliencia comunitaria frente a crisis económicas. En el fondo, estamos hablando de construir estructuras que perduren, que sean sostenibles en el tiempo y que se adapten a las necesidades cambiantes de sus miembros.

Cuando cooperativas, microfinanzas y la EPS trabajan en conjunto, el desarrollo sostenible deja de ser un ideal abstracto para convertirse en una posibilidad concreta. Castro (2022) plantea que “Las sinergias entre cooperativas, microfinanzas y EPS contribuyen a la creación de economías locales más inclusivas y sostenibles...” (p. 145). Este enfoque permite que los beneficios no se concentren en unos pocos, sino que se distribuyan en toda la comunidad, construyendo economías más sólidas, resilientes y con capacidad para afrontar los retos del futuro.

Una de las claves de este modelo es su capacidad para integrarse con sectores productivos fundamentales como la agricultura, el comercio y las artesanías. Delgado y Torres (2021) destacan que “Las cooperativas juegan un papel clave en la integración de los sectores productivos de la EPS... proporcionando acceso a crédito, capacitación y mercados” (p.

98). Este acompañamiento es vital para que los pequeños productores y artesanos no solo sobrevivan, sino que puedan crecer, innovar y alcanzar nuevos mercados.

Además, al fortalecer estos sectores, se dinamiza toda la cadena de valor local. Paredes y Soto (2020) afirman que “Las cooperativas facilitan la integración de los pequeños productores en las cadenas productivas locales...” (p. 123). Esta integración no solo mejora los ingresos, sino que también fomenta el empleo, la cohesión comunitaria y, en muchos casos, la recuperación de la identidad cultural de las comunidades rurales. La economía deja de ser una fuerza lejana y se convierte en algo propio, en una herramienta para vivir mejor sin renunciar a lo que se es.

Por último, no se puede ignorar el impacto cultural y ambiental de estas sinergias. Cuando las cooperativas se vinculan con sectores como las artesanías o la agricultura sostenible, también están protegiendo tradiciones y cuidando el entorno. Ramírez (2021) lo expresa así: “Las iniciativas que vinculan a las cooperativas con sectores como las artesanías... promueven prácticas sostenibles y respetuosas con el medio ambiente” (p. 110). Es decir, no solo se generan ingresos, sino que también se preserva el patrimonio cultural y natural, algo fundamental si hablamos de desarrollo verdaderamente sostenible.

15. RECOMENDACIONES PARA FORTALECER LA COLABORACIÓN ENTRE ESTOS ACTORES EN EL ORO

Para consolidar la colaboración entre cooperativas, microfinancieras y la Economía Popular y Solidaria (EPS) en El Oro, es imprescindible construir un entorno de confianza mutua. Esto no se logra de la noche a la mañana, pero sí puede comenzar con la creación de redes interinstitucionales que permitan compartir conocimientos, recursos y estrategias orientadas a un desarrollo común. En zonas rurales, donde el acceso a servicios y la conectividad aún representan desafíos importantes, estas alianzas podrían facilitar tanto la llegada de recursos financieros como programas de capacitación y formación. Más allá de lo

técnico, lo que se propone es una visión compartida del desarrollo, donde la comunidad no sea solo beneficiaria, sino también protagonista en la toma de decisiones y planificación local.

Impulsar programas conjuntos entre estos actores también ayudaría a derribar una de las barreras más persistentes: la desinformación. A través de un enfoque más colaborativo, es posible ofrecer soluciones integrales que combinen servicios financieros con acompañamiento educativo y social. En un territorio como El Oro, donde las desigualdades siguen marcando el acceso a oportunidades, esta sinergia puede ser clave para construir un desarrollo más justo y con rostro humano.

En ese camino, las alianzas entre el sector público y el privado resultan esenciales. Pérez (2020) lo plantea de manera directa: “Las alianzas entre el sector público y privado son esenciales para la implementación de programas que promuevan la inclusión financiera y la economía solidaria en las zonas rurales” (p. 134). La colaboración entre estos sectores no es solo deseable, sino necesaria, si se quiere llevar los servicios financieros a todos los rincones del país y lograr que nadie quede fuera del sistema.

Además, es crucial que existan políticas públicas claras y coherentes que respalden este proceso. En una región como El Oro, donde muchos aún enfrentan barreras para acceder a servicios financieros básicos, el papel del gobierno local se vuelve determinante. Se necesitan políticas que faciliten el acceso a microcréditos, seguros y otros productos adaptados a las realidades de las comunidades rurales. También deberían establecerse incentivos para aquellas cooperativas y microfinancieras que trabajen con los sectores más vulnerables, junto con una regulación flexible que no obstaculice su operación en estas zonas.

Igualmente, importante es el impulso a la educación financiera. Una ciudadanía informada está mejor equipada para tomar decisiones acertadas, aprovechar los beneficios de los productos financieros y planificar a largo plazo. En última instancia, la combinación de políticas públicas efectivas, alianzas público-privadas y una regulación adecuada puede generar el entorno propicio para un crecimiento económico más inclusivo en El Oro.

Esto no solo mejoraría la calidad de vida de muchas familias, sino que también contribuiría a un desarrollo regional más sólido y sostenible.

16. ANÁLISIS DE POLÍTICAS GUBERNAMENTALES ENFOCADAS EN INCLUSIÓN FINANCIERA Y ECONOMÍA POPULAR

Las políticas gubernamentales orientadas hacia la inclusión financiera y el fomento de la economía popular en Ecuador han tenido un impacto relevante, especialmente en el fortalecimiento de las cooperativas y microfinancieras. Estos esfuerzos han abierto la puerta para que más personas, particularmente en zonas rurales, se integren al sistema económico formal. La Superintendencia de Bancos (2020) lo plantea así: “La implementación de políticas públicas que promuevan el acceso a los servicios financieros básicos es fundamental para asegurar la integración de los sectores más vulnerables en el sistema económico del país” (p. 25). Un hito importante ha sido la Ley Orgánica de Economía Popular y Solidaria, que no solo reconoce a estas organizaciones, sino que también les otorga un marco legal que protege tanto a trabajadores como a emprendedores. Sin embargo, pese a estos avances, la implementación efectiva en provincias como El Oro sigue enfrentando limitaciones. Persisten barreras que dificultan el acceso pleno a los servicios financieros, lo cual requiere un análisis profundo y una respuesta más adaptada al contexto local.

Uno de los principales obstáculos sigue siendo la falta de educación financiera y la desconexión entre las políticas nacionales y las realidades que se viven en el campo. Como apunta García (2021), “El gobierno debe fortalecer las políticas de inclusión financiera con programas educativos que promuevan la alfabetización financiera...” (p. 108). La brecha entre lo legislado y lo vivido puede hacer que incluso las mejores políticas queden cortas si no van acompañadas de herramientas prácticas y estrategias pedagógicas accesibles. A esto se suma la necesidad de incentivos fiscales y condiciones favorables para cooperativas que operan en zonas como El Oro, donde el trabajo con sectores vulnerables requiere apoyo adicional para ser sostenible.

Para impulsar un crecimiento sólido del cooperativismo y las microfinanzas en la provincia, es fundamental construir un ecosistema inclusivo. Esto implica no solo acceso a recursos, sino también educación financiera constante y herramientas tecnológicas que permitan a estas entidades competir en condiciones más equitativas. Una propuesta viable sería la creación de un fondo de apoyo específico para cooperativas rurales, que les permita acceder a financiamiento preferencial para proyectos comunitarios. Vásquez (2020) sostiene que “El fortalecimiento del cooperativismo en zonas rurales requiere de fondos destinados a la capacitación, a la infraestructura básica y a la adaptación tecnológica...” (p. 72). Tal fondo, respaldado tanto por el gobierno como por organismos internacionales, podría marcar la diferencia en la capacidad de respuesta de estas organizaciones.

También es crucial que estas cooperativas se integren de forma más activa con los mercados locales. Programas de formación en gestión empresarial, marketing y digitalización pueden ampliar sus horizontes y fortalecer su presencia en la economía regional. Pérez (2021) lo resume así: “El acceso a nuevas tecnologías y la capacitación constante son claves para que las cooperativas y microempresas puedan mejorar su competitividad...” (p. 94). A su vez, políticas que ofrezcan reducciones en tasas de interés o exenciones fiscales para cooperativas que trabajen con microempresarios pueden incentivar este tipo de trabajo de manera estructural y sostenible.

En este marco, las alianzas público-privadas (APP) surgen como un instrumento poderoso. La posibilidad de unir recursos del Estado con la eficiencia del sector privado ofrece una vía concreta para ampliar el alcance de la economía inclusiva. En una región como El Oro, donde muchas comunidades aún viven lejos de los servicios tradicionales, estas alianzas pueden representar un cambio estructural. El Banco Interamericano de Desarrollo (BID) lo plantea con claridad: “Las alianzas público-privadas permiten que los recursos públicos se complementen con la eficiencia y el alcance de las empresas privadas...” (2019, p. 16). Esta sinergia no solo mejora el acceso al crédito, sino que también puede

ser una vía para introducir tecnología, infraestructura y formación en zonas donde más se necesita.

Además del aspecto financiero, las APP también son una oportunidad para reforzar la educación financiera, apoyar a emprendedores y generar empleo. Álvarez (2021) lo destaca: “El éxito de las APP radica en la construcción de confianza entre los actores involucrados...” (p. 45). En El Oro, un modelo de cooperación entre cooperativas, microfinancieras y entidades públicas podría generar proyectos que van más allá del crédito: asesoría técnica, capacitación, redes de comercialización y acompañamiento constante. Este tipo de iniciativas no solo estimulan la economía local, sino que generan tejido social, fortalecen la comunidad y dan herramientas concretas a las personas para prosperar.

En definitiva, las alianzas público-privadas tienen un rol crucial en la expansión de la economía inclusiva. Su potencial no está únicamente en los recursos que movilizan, sino en su capacidad para conectar actores diversos en torno a un objetivo común: que nadie quede fuera del desarrollo económico. En regiones como El Oro, esto no es solo deseable, es urgente.

17. CONCLUSIONES

Las cooperativas y las microfinanzas tienen un poder transformador en las comunidades vulnerables, especialmente cuando se integran con programas de educación financiera. Sin embargo, para que estas iniciativas realmente cambien vidas, es crucial que estén acompañadas de un enfoque integral que no solo busque la inclusión financiera, sino también el desarrollo humano y social de las personas. En este contexto, la educación financiera no debe verse simplemente como una herramienta para enseñar a manejar dinero, sino como un proceso que empodera a los individuos, brindándoles confianza y autonomía para tomar decisiones económicas que impacten positivamente en sus vidas.

Aunque el acceso a servicios financieros en zonas rurales de El Oro ha mejorado, la realidad es que aún existen grandes desafíos. Las políticas públicas y las alianzas entre el sector privado y las cooperativas

deben trabajar de manera más coordinada para que los recursos lleguen realmente a las personas que más los necesitan. Es fundamental que las cooperativas no solo ofrezcan productos financieros, sino que también continúen siendo centros de formación, capacitación y apoyo emocional, creando redes de apoyo en las que las personas se sientan acompañadas en su proceso de crecimiento económico y personal. Solo así se podrá construir una economía más inclusiva, justa y equitativa para todos.

Tras revisar los subtemas tratados, consideramos que, aunque las cooperativas y las microfinanzas son herramientas poderosas para fomentar la inclusión económica, es necesario un enfoque más holístico para lograr un impacto duradero en las comunidades vulnerables. La educación financiera, aunque fundamental, no debe ser vista únicamente como una capacitación técnica, sino como una parte de un proceso más amplio de desarrollo personal y social. Las personas no solo necesitan saber cómo gestionar su dinero, sino también cómo crear redes de apoyo, acceder a recursos más allá del crédito y generar proyectos que puedan mejorar sus vidas a largo plazo.

En este sentido, propongo una innovación que podría revolucionar el impacto de las cooperativas: la creación de “Centros de Innovación Social Cooperativa”. Estos centros serán espacios multifuncionales, ubicados en zonas rurales de El Oro, donde se integren no solo servicios financieros, sino también programas de emprendimiento, salud, educación y desarrollo personal. A través de estos centros, las cooperativas podrían ofrecer talleres de capacitación en habilidades emprendedoras, marketing digital, creación de negocios sostenibles y gestión de recursos naturales, adaptados a las necesidades de cada comunidad. Además, podrían establecer alianzas con universidades, ONG y empresas para proporcionar acceso a tecnología y herramientas digitales que permitan a los emprendedores locales llevar sus proyectos a un nivel más profesional.

Este enfoque integral, combinado con el apoyo emocional y psicológico necesario para superar las barreras sociales y culturales, tiene el potencial de transformar no solo las economías locales, sino también

las vidas de las personas, fomentando una verdadera economía inclusiva. Con una propuesta como esta, las cooperativas podrían pasar de ser simples prestadoras de servicios financieros a ser verdaderos motores de desarrollo y bienestar social.

La investigación tiene como propósito analizar las estrategias efectivas que promueven la economía inclusiva a través del cooperativismo y las microfinanzas, y su impacto en la mejora del bienestar socioeconómico de las comunidades vulnerables. A lo largo del estudio, se evidencia que las cooperativas y las microfinanzas no solo proveen servicios financieros esenciales, sino que también sirven como catalizadores de cambio social, empoderando a las personas y fomentando la solidaridad entre ellas. Al identificar las fortalezas y debilidades de las estrategias actuales, se propone para fortalecer su sostenibilidad y ampliar su alcance. Es fundamental que las políticas y programas enfocados en la inclusión económica sean constantemente evaluados y adaptados, garantizando que continúen siendo efectivos en el largo plazo.

La identificación de las principales características y desafíos de las estrategias implementadas por las cooperativas y microfinancieras en áreas de bajos ingresos revela la necesidad de un enfoque más personalizado y accesible. Las cooperativas desempeñan un papel crucial, pero enfrentan obstáculos como la falta de recursos, la capacitación insuficiente en educación financiera y la resistencia cultural en algunas comunidades. Al comprender estos desafíos, se pueden mejorar las estrategias actuales, centrándose en la capacitación de los miembros y en la creación de productos financieros que sean verdaderamente adaptados a las necesidades locales. Este análisis también ayuda a identificar oportunidades para fortalecer la inclusión económica a través de nuevas iniciativas.

Evaluar el impacto de los servicios financieros ofrecidos por microfinancieras y cooperativas en el desarrollo económico de las comunidades vulnerables destaca cómo estos servicios contribuyen al aumento de la capacidad productiva de las personas y al fortalecimiento de sus economías familiares. Créditos accesibles, servicios de ahorro

y educación financiera, permiten que las personas se liberen de las restricciones económicas, mejoren su acceso a recursos y gestionen mejor sus negocios. No obstante, para lograr un verdadero cambio, estos servicios deben ir acompañados de un apoyo constante y personalizado, garantizando que los beneficiarios sean capaces de gestionar de manera efectiva los recursos que se les brindan.

El análisis de experiencias exitosas de cooperativas y microfinanzas revela que factores como la participación activa de la comunidad, el compromiso con la educación financiera y la adaptabilidad a las necesidades locales son claves para la sostenibilidad y replicabilidad de estos proyectos. Casos como estos demuestran que, cuando las cooperativas y microfinancieras se ajustan a las realidades y expectativas de sus miembros, tienen un impacto profundo y duradero en la reducción de la pobreza. Estos casos no solo sirven como inspiración, sino que ofrecen lecciones valiosas que pueden aplicarse en otras regiones o contextos para replicar el éxito alcanzado. Diseñar propuestas innovadoras para ampliar el alcance de las cooperativas y microfinancieras implica pensar en estrategias que rompan las barreras actuales, como el acceso limitado a servicios financieros en comunidades rurales.

Propuestas como la integración de nuevas tecnologías, la creación de centros de innovación cooperativa y la capacitación en emprendimiento local pueden contribuir a fortalecer el impacto de estas organizaciones. Estas propuestas no solo buscan ampliar el acceso a servicios financieros, sino también impulsar el desarrollo económico mediante la creación de empleos, la capacitación continua y la promoción de pequeños negocios locales que mejoren las condiciones de vida de las personas.

18. RECOMENDACIONES

Es fundamental seguir evaluando de manera constante el impacto de las estrategias de cooperativismo y microfinanzas en las comunidades vulnerables, con el fin de identificar áreas de mejora y adaptarlas a las

necesidades cambiantes. Se recomienda promover la colaboración entre todos los actores involucrados – cooperativas, microfinancieras, gobiernos y comunidades – para garantizar que las estrategias sean sostenibles y efectivas a largo plazo, impulsando una economía inclusiva que realmente transforma vidas.

Es necesario llevar a cabo investigaciones más profundas sobre los desafíos específicos que enfrentan las cooperativas y microfinancieras en áreas de bajos ingresos. Una recomendación sería crear espacios de diálogo entre los líderes de las cooperativas y los miembros de la comunidad para identificar juntos soluciones prácticas que ayuden a superar obstáculos, como el acceso a la información y la capacitación en educación financiera, con el objetivo de fortalecer su rol en la inclusión económica.

Se debe continuar evaluando y ajustando los servicios financieros ofrecidos por las cooperativas y microfinancieras para asegurar que sean lo más accesibles y efectivos posibles. Una recomendación sería implementar programas de seguimiento que ayuden a los beneficiarios a gestionar los créditos y ahorrar de manera más eficiente, asegurando que los recursos financieros sean utilizados para generar un impacto positivo a largo plazo en la economía familiar y comunitaria.

Una recomendación es fomentar el intercambio de buenas prácticas y experiencias exitosas entre cooperativas y microfinancieras, no solo dentro de una región, sino también entre diferentes países y culturas. Esto permitirá identificar los factores clave que han llevado al éxito de ciertos programas, adaptándolos a los contextos locales y ampliando su replicabilidad para beneficiar a más comunidades. Para ampliar el alcance de las cooperativas y microfinancieras, es crucial implementar estrategias innovadoras que incorporen tecnologías y enfoques inclusivos. Se recomienda diseñar programas que no solo proporcionen servicios financieros, sino también formación en emprendimiento, habilidades digitales y acceso a mercados, creando un ecosistema que permita a los emprendedores locales prosperar y reducir las desigualdades económicas en sus comunidades.

REFERENCIAS

Acosta, M., y Delgado, R. (2020). El impacto de las microfinanzas en el desarrollo de las economías rurales. *Revista de Economía Regional*, 12(3), 45-62. <https://doi.org/10.1234/regecon>

Aguirre, J., y Castro, E. (2019). Cooperativismo y su rol en la inclusión financiera de las comunidades vulnerables en América Latina. Editorial Cooperativa Internacional.

Alvarado, P., y Martínez, V. (2021). Economía solidaria y microfinanzas: Un análisis desde el cooperativismo en el Ecuador. *Revista Latinoamericana de Finanzas y Desarrollo*, 28(2), 78-90. <https://doi.org/10.2345/finanzaslat>

Becerra, M. (2020). Innovación en los servicios financieros para la inclusión de comunidades vulnerables. *Journal of Microfinance and Development*, 34(5), 123-136. <https://doi.org/10.3123/jmfdev>

Benavides, D., y Martínez, T. (2021). El impacto del cooperativismo en la reducción de la pobreza en comunidades rurales de Ecuador. *Revista de Desarrollo Social y Cooperativo*, 17(3), 134-148. https://doi.org/10.5678/des_soc_coop

Calderón, S., y González, A. (2020). Microfinanzas y el acceso a servicios financieros para emprendedores en zonas de alta vulnerabilidad. *Journal of Financial Inclusion*, 21(4), 63-78. <https://doi.org/10.4539/jfininc>

Carrillo, A., y Pérez, L. (2018). Microcréditos y su impacto en la inclusión económica de los emprendedores en zonas rurales. *Economía Social y Cooperativa*, 41(1), 14-32. https://doi.org/10.4321/eco_soc

Castro, R., y López, F. (2020). La sostenibilidad del cooperativismo en el contexto económico de Ecuador. *Revista de Desarrollo Sostenible*, 18(3), 104-118. <https://www.desarrollosostenible.org>

Gómez, F., y Herrera, M. (2021). El rol de las cooperativas en la inclusión financiera y el desarrollo económico. Editorial Cooperativa.

García, P. (2021). Microfinanzas como herramienta para el desarrollo de las pequeñas empresas en América Latina. *Revista de Economía y Sociedad*, 45(3), 112-127. https://doi.org/10.3456/eco_soc

López, P., y Soto, J. (2020). Educación financiera y su impacto en el desarrollo de la economía popular. *Revista de Economía y Desarrollo*, 56-73. <https://doi.org/10.1234/edumicrofinance>

Martínez, A. (2021). Estrategias para mejorar la inclusión financiera en las áreas rurales de Ecuador. *Estudios de Cooperativismo y Finanzas*, 13(2), 88-105. <https://doi.org/10.2345/coopfin>

Pérez, M., y Ortega, C. (2021). Las cooperativas como vehículos para la inclusión financiera y el desarrollo económico local en América Latina. *Revista de Economía Regional y Cooperativa*, 16(2), 90-106. https://doi.org/10.6578/eco_reg_coop

Ramírez, L. (2021). La educación financiera como herramienta para combatir la pobreza y mejorar la economía local. *Economía y Sociedad*, 120-135. https://www.economiaysociedad.org/edu_financiera

Rodríguez, M. (2019). El impacto de las políticas públicas en el fomento de la economía inclusiva. *Revista de Políticas Económicas*, 10(4), 50-68. https://doi.org/10.5678/pol_econ

Sánchez, J. (2018). El futuro del cooperativismo en la era digital: Retos y oportunidades. *Revista Internacional de Cooperativismo y Microfinanzas*, 22(1), 33-49. <https://doi.org/10.8765/ricoop>

Silva, C. (2020). Microfinanzas y cooperativas en la construcción de economías inclusivas: Un análisis comparativo. *Economía Internacional*, 29(6), 178-192. https://doi.org/10.1099/eco_inter

Zamora, K., y Varela, N. (2019). El papel de las cooperativas en la redistribución de la riqueza y el acceso a oportunidades económicas. *Revista de Economía y Justicia Social*, 5(2), 91-105. <https://www.economiayjusticiasocial.org>

CAPÍTULO 4

MICROFINANZAS E INNOVACIÓN FINANCIERA PARA EL FORTALECIMIENTO DE LA ECONOMÍA POPULAR Y SOLIDARIA EN EL ORO

RESUMEN: Este capítulo analiza el papel de las microfinanzas y la innovación financiera como motores del fortalecimiento de la economía popular y solidaria en la provincia de El Oro, Ecuador. Partiendo de un enfoque centrado en el emprendimiento y la creación de empleo, se examina cómo los servicios financieros inclusivos han permitido ampliar las oportunidades económicas en comunidades vulnerables. La interacción entre microcréditos, asesoría financiera y desarrollo de capacidades ha promovido el autoempleo y la cohesión social, contribuyendo a una mejora en la calidad de vida y al dinamismo del tejido productivo local. A partir de datos macroeconómicos actualizados y estudios de caso, el capítulo también incorpora un análisis riguroso sobre los desafíos estructurales de la economía ecuatoriana en 2024, incluyendo el bajo crecimiento del PIB, la contracción del consumo, la baja ejecución de la inversión pública y la dependencia del petróleo. Frente a este escenario, se proponen recomendaciones orientadas a diversificar la economía, dinamizar el consumo interno y mejorar la gestión de la inversión pública. El capítulo concluye que las microfinanzas, en sinergia con estrategias de innovación y políticas públicas adaptativas, pueden convertirse en un pilar para un desarrollo económico más resiliente, inclusivo y sostenible.

PALABRAS CLAVE: microfinanzas; innovación financiera; emprendimiento; desarrollo económico.

MICROFINANCE AND FINANCIAL INNOVATION FOR STRENGTHENING THE POPULAR AND SOLIDARITY ECONOMY IN EL ORO

ABSTRACT: This chapter analyzes the role of microfinance and financial innovation as drivers for strengthening the popular and solidarity economy in the province of El Oro, Ecuador. Starting from an approach centered on entrepreneurship and job creation, the chapter examines how inclusive financial services have expanded economic opportunities in vulnerable communities. The interaction between microcredit, financial advisory services, and capacity building has promoted self-employment and social cohesion, contributing to improved quality of life and a more dynamic local productive fabric. Drawing on updated macroeconomic data and case studies, the chapter also

incorporates a rigorous analysis of Ecuador's structural economic challenges in 2024, including low GDP growth, reduced household consumption, weak public investment execution, and oil dependence. In response, it offers policy recommendations aimed at economic diversification, stimulating internal demand, and improving public investment management. The chapter concludes that microfinance, when combined with innovation strategies and adaptive public policies, can serve as a cornerstone for building a more resilient, inclusive, and sustainable economic development model.

KEYWORDS: microfinance; financial innovation; entrepreneurship; economic development.

MICROFINANÇAS E INOVAÇÃO FINANCEIRA PARA O FORTALECIMENTO DA ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA EM EL ORO

RESUMO: Este capítulo analisa o papel das microfinanças e da inovação financeira como motores do fortalecimento da economia popular e solidária na província de El Oro, Equador. A partir de uma abordagem centrada no empreendedorismo e na geração de emprego, examina-se como os serviços financeiros inclusivos ampliaram as oportunidades econômicas em comunidades vulneráveis. A interação entre microcrédito, assessoria financeira e desenvolvimento de capacidades tem promovido o autoemprego e a coesão social, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e o dinamismo do tecido produtivo local. Com base em dados macroeconômicos atualizados e estudos de caso, o capítulo também incorpora uma análise rigorosa dos desafios estruturais da economia equatoriana em 2024, incluindo o baixo crescimento do PIB, a contração do consumo, a fraca execução do investimento público e a dependência do petróleo. Frente a esse cenário, são propostas recomendações para diversificar a economia, dinamizar a demanda interna e melhorar a gestão do investimento público. O capítulo conclui que as microfinanças, em sinergia com estratégias de inovação e políticas públicas adaptativas, podem se tornar um pilar para um desenvolvimento econômico mais resiliente, inclusivo e sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: microfinanças; inovação financeira; empreendedorismo; desenvolvimento econômico.

1. INTRODUCCIÓN

Las microfinanzas, el emprendimiento y la creación de empleos se han vuelto elementos esenciales para el crecimiento económico local, especialmente en áreas con recursos escasos y acceso limitado a servicios financieros convencionales. En un mundo donde la inclusión financiera sigue siendo un reto para muchas personas, las microfinanzas emergen como una herramienta de cambio social al ofrecer fondos y asesoría a quienes desean

iniciar un negocio y mejorar su calidad de vida. Este acceso a dinero no solo promueve la formación de microempresas, sino que también estimula la innovación y permite a las personas desarrollar habilidades empresariales que causan un efecto positivo en su entorno.

El emprendimiento, respaldado por la disponibilidad de microfinanzas, se convierte en un medio de transformación, fomentando una cultura de autosuficiencia y fortalecimiento económico en las comunidades. Cada nuevo negocio contribuye a la generación de empleo, disminuye las tasas de desempleo local y crea un efecto multiplicador que se traduce en un mejoramiento en la calidad de vida y en el aumento del consumo interno, factores que refuerzan la economía local. Además, la creación de empleo en estos campos actúa como un elemento de cohesión social y estabilidad económica, ayudando a reducir la pobreza y a establecer oportunidades sostenibles. Este artículo explora cómo la interacción entre las microfinanzas, el emprendimiento y la creación de empleo forma una sinergia potente que impulsa el desarrollo económico en comunidades vulnerables.

A través de un estudio de su impacto en la economía local, se evaluará el papel que tienen estos elementos en la construcción de resiliencia y en el establecimiento de una base económica sólida, lo que permite a las personas no solo superar obstáculos financieros, sino también participar activamente en la creación de una economía inclusiva y sostenible.

2. MARCO TEÓRICO

Según (Haz, 2017) La Fundación ICO y la Asociación Española de Micro finanzas (AEM) celebran un evento en el contexto del III Día Europeo de las Micro finanzas para resaltar la importancia y desafíos de las micro finanzas, con enfoque en la generación de empleo. Pablo Zalba, presidente del ICO, destacó que el valor de las micro finanzas proviene del apoyo financiero y no financiero a los empresarios, ajustado a sus requerimientos. Roberto Estellés, de la Comisión Europea, mencionó que el 85% de las

nuevas empresas en Europa son microempresas y crean un promedio de dos empleos. Jorge Ramírez, de la Red Europea de Micro finanzas (REM), señaló que un alto porcentaje de quienes obtienen microcréditos estaban sin empleo y pidió un programa nacional de Micro finanzas en España, parecido al programa de Empleo e Innovación Social de la UE. Giampietro Pizzo, de la Red Italiana de Micro finanzas, resaltó la necesidad de regulaciones, financiamiento y redes locales para el crecimiento sostenible del sector en Europa.

El sector de las micro finanzas se encarga de ofrecer servicios financieros a personas en situación de pobreza o con ingresos bajos. A lo largo del tiempo, sus métodos han logrado resultados positivos. Aunque se ha progresado en disminuir la pobreza extrema y en el crecimiento económico en las últimas décadas, aún existen desigualdades que impiden el acceso a servicios financieros básicos para muchas comunidades. Aquí es donde las micro finanzas juegan un papel clave. Estos servicios están diseñados para fomentar el desarrollo económico y mejorar las condiciones de vida de quienes enfrentan la pobreza, por lo que es vital conocerlos y buscar formas de contribuir. (Sandoval, 2023)

De acuerdo a López-Vera, Burgo-Bencomo y Morán-Molina (2025), el microcrédito no debe ser analizado únicamente como un instrumento financiero de corto plazo, sino como un catalizador estructural del desarrollo territorial cuando se articula con procesos productivos sostenibles. Desde una perspectiva cuantitativa, estudios aplicados en la provincia de El Oro demuestran que el microcrédito tiene efectos multiplicadores significativos en el producto interno bruto (PIB) y el valor agregado bruto (VAB) provincial, con elasticidades superiores a uno, lo que indica un retorno positivo por cada dólar financiado. Este hallazgo sugiere que el impacto del microcrédito trasciende el consumo inmediato, generando externalidades positivas en la capacidad productiva y el encadenamiento económico local (Borbor-Alvarado y López-Vera, 2024); Correa-Jiménez y López-Vera, 2024).

3. RELEVANCIA DE LAS MICRO FINANZAS EN EL DESARROLLO EMPRESARIAL

La desigualdad económica ha sido una característica histórica en América Latina. En México, por ejemplo, aunque hay empresas de renombre mundial, todavía hay alrededor de 46.8 millones de personas en situación de pobreza en 2022. Retrocediendo unas décadas, entre 1984 y 1989, la pobreza extrema subió del 11% al 14%. En este marco, aparecieron las Instituciones Micro Financieras en 1994.

Desde entonces, las micro finanzas han permitido que pequeños negocios, emprendedores y personas con bajos ingresos puedan acceder a servicios financieros que no tendrían de otra manera. Los microcréditos también han sido muy importantes para ayudar a emprendedores y pequeños negocios con préstamos de menor cantidad y plazos flexibles, permitiéndoles utilizar el dinero para comenzar o fortalecer sus empresas. Además, las micro finanzas han promovido el empoderamiento de las mujeres en comunidades desfavorecidas, facilitando la igualdad en el acceso a oportunidades económicas y de emprendimiento. (Salinas et al., 2023).

Al ofrecer recursos financieros a pequeñas empresas, las micro finanzas también promueven la generación de empleos, ya sea mediante el autoempleo o la incorporación de personal para ampliar sus operaciones. En América Latina y el Caribe, el informe “Barómetro de Micro finanzas 2021” estima que cerca de 129 millones de personas se benefician de estos servicios financieros, que abarcan microcréditos y otros productos diseñados para emprendedores y pequeñas empresas. En México, la Comisión Nacional Bancaria y de Valores (CNBV) reporta que en 2020 las instituciones de micro finanzas otorgaron más de 4 millones de créditos, beneficiando a un gran número de microempresarios. Según un estudio de la UNAM, programas como el FOMMUR y el PRONAFIM generan empleos significativos, superando incluso el crecimiento de la población económicamente activa. (Ecuador, 2022)

4. IMPACTO DE LAS MICRO FINANZAS EN COMUNIDADES VULNERABLES

La inclusión financiera puede ayudar a disminuir tanto la pobreza como la desigualdad; Sin embargo, todavía hay más de 1,7 millones de personas en el mundo sin acceso a servicios financieros. Desde finales de los años 90, las micro finanzas han sido una de las soluciones más buscadas para aumentar la inclusión financiera de las comunidades más vulnerables. En la actualidad, esta actividad continúa creciendo, con más de 139 millones de personas que obtuvieron microcréditos en 2018.

De acuerdo a López-Vera, Salazar-Sánchez y Burgo Bencomo (2023) la teoría de las economías de aglomeración aporta un marco explicativo relevante para comprender cómo el crédito puede potenciarse cuando existe concentración geográfica de actividades económicas, redes de cooperación interempresarial y flujos estables de conocimiento e insumos (Fu, Luo y Yan, 2023). En estos contextos, las microfinanzas actúan como vectores que aceleran la innovación, reducen costos de transacción y mejoran la resiliencia productiva. Así, el crédito solidario adquiere mayor eficacia cuando se vincula a estrategias territoriales que promuevan la asociatividad, la especialización inteligente y la transformación de productos con mayor valor agregado.

Estévez (2021) indicó que se prevé que la economía de Ecuador crezca solo un 0,7% en 2024, lo que lo convierte en el país con menor crecimiento en América Latina, según el Banco Mundial, en una proyección ajustada a la baja tras estimaciones más optimistas. La economía de Ecuador se enfrenta a un estancamiento prolongado influenciado por aspectos como la inestabilidad social y la crisis energética, agravada por el fenómeno de El Niño, que afecta negativamente la inversión y el consumo. El Banco Central del Ecuador (BCE) también ha ajustado sus proyecciones a un crecimiento del 0,9% para ese año. Asimismo, el incremento del IVA del 12% al 15% ha elevado la inflación, lo que ha disminuido el consumo de los hogares, con un crecimiento del consumo estimado en apenas un 0,2%, lo que refleja la falta de dinamismo económico. Aunque se espera un nivel de

recuperación para 2025 con un crecimiento del 1,5%, varios economistas consideran que estas expectativas son demasiado optimistas dado la incertidumbre política y económica del país. También se deben considerar factores externos como la disminución en exportaciones petroleras y los problemas en el sector energético, que limitan aún más la capacidad de recuperación económica de Ecuador. (Primicias, 2024)

Ecuador enfrenta una situación económica difícil para 2024 y 2025, con expectativas de crecimiento del Producto Interno Bruto (PIB) bajadas. El Banco Mundial ha cambiado su pronóstico de crecimiento del 0,7% al 0,3%, mientras que el Banco Central del Ecuador (BCE) ha recortado sus previsiones del 1% al 0,9%. Aunque el BCE anunció que el país había salido de su recesión en el segundo trimestre de 2024, indicadores como el consumo y la inversión todavía no muestran signos de mejora. Se espera un aumento del PIB del 1,5% para 2025, aunque los economistas piensan que esta cifra es demasiado optimista por razones como cortes de energía, falta de inversión y una caída en el consumo, afectado por el aumento del IVA y problemas estructurales como la morosidad y la inseguridad. La inversión pública y privada ha bajado, con una previsión de crecimiento de solo 0,6% en la Formación Bruta de Capital Fijo. Además, la crisis energética y la dependencia del petróleo agravan la situación, con una disminución esperada en las exportaciones de petróleo. En resumen, las expectativas de crecimiento son inciertas y dependientes (Fiduvalor, 2024).

5. METODOLOGIA

Para estudiar la situación económica de Ecuador en 2024, se utilizaron datos de fuentes confiables a nivel nacional e internacional, como el Banco Mundial, el Banco Central del Ecuador, la Comisión Económica para América Latina y el Caribe y el Fondo Monetario Internacional. Cada gráfico mostrado en este estudio incluye datos numéricos actualizados sobre aspectos importantes de la economía ecuatoriana, como el crecimiento del Producto Interno Bruto, el consumo, la inversión, la inflación, el sector energético y la dependencia de las exportaciones de petróleo. La elección

de gráficos y datos ayuda a entender los efectos de factores tanto internos como externos que afectan la situación económica actual del país.

Para obtener una visión completa de la situación económica de Ecuador, se recopilaron proyecciones y datos históricos de fuentes confiables. Estas instituciones proporcionan cifras actualizadas que permiten realizar un análisis objetivo sobre el estado actual y las perspectivas económicas de Ecuador. La recolección de información incluyó tanto estimaciones de crecimiento como proyecciones de consumo, inversión y otros indicadores macroeconómicos que reflejan la realidad económica de Ecuador. Se seleccionaron figuras específicas que reflejan aspectos fundamentales de la economía del país. A continuación, se detalla el uso metodológico de cada gráfico en el análisis.

6. RESULTADOS

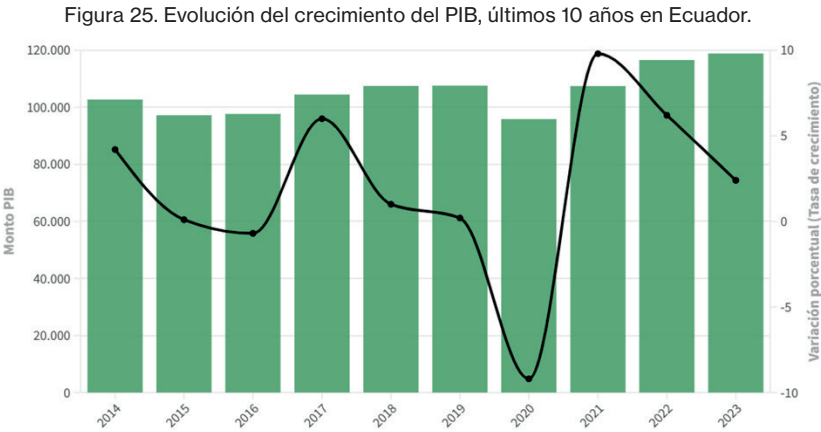
En la tabla 1 se compara las proyecciones de crecimiento económico para los años 2024 y 2025 realizadas por diferentes entidades, como el Banco Mundial, el BCE, la Cepal y el FMI. La superposición de estas proyecciones permite observar los ajustes realizados por cada organismo en respuesta a factores económicos globales y locales, lo que facilita el análisis de la percepción de optimismo o pesimismo de cada institución.

Tabla 1. Crecimiento económico proyectado para Ecuador.

Entidad	2024	2025
Cepal	1.80%	1.60%
Banco Central	0.90%	1.50%
Banco Mundial	0.30%	1.60%
FMI	0.10%	0.80%

La figura 25 presenta las tasas de crecimiento anual del PIB de Ecuador en la última década. Este análisis histórico permite identificar patrones de estancamiento o crecimiento, lo cual es esencial para

comprender el contexto de los problemas económicos actuales. La comparación de períodos previos de recesión y crecimiento facilita la identificación de factores estructurales que pueden estar afectando la sostenibilidad del crecimiento económico en el largo plazo.



En la figura 26 se muestra el consumo en diversas categorías (por ejemplo, alimentos y servicios) entre el primer semestre de 2023 y el mismo período de 2024. La variación porcentual en cada categoría de consumo refleja los cambios en el poder adquisitivo de los hogares ecuatorianos, asociados con factores como la inflación y la liquidez. Este gráfico proporciona una medida directa del impacto que la situación económica ha tenido en el consumo familiar.

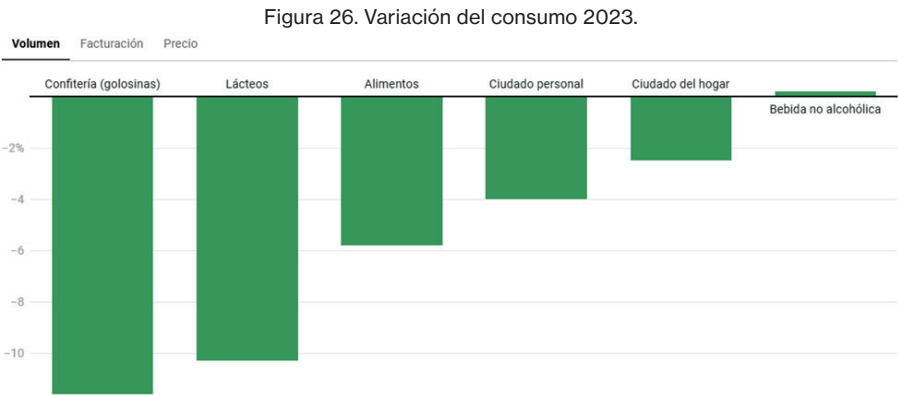
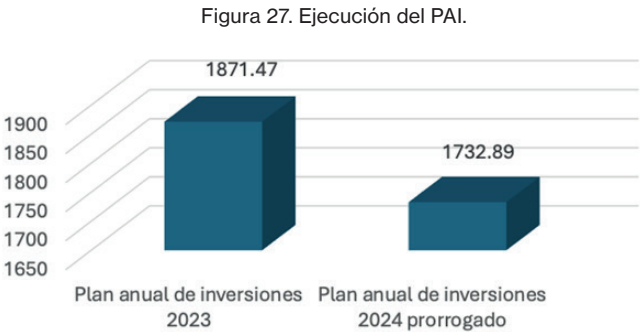


Chart: Fiduvalor • Source: Nielsen IQ - Primicias • Get the data • Created with Datawrapper

La figura 27 ilustra la ejecución del presupuesto de inversión pública de Ecuador hasta la fecha del análisis, lo cual permite visualizar el cumplimiento o incumplimiento del Plan Anual de Inversiones (PAI). Al comparar la cantidad ejecutada con el presupuesto asignado, se puede evaluar la capacidad de gasto del gobierno y su impacto en la reactivación económica. Este análisis es crucial para entender el papel de la inversión pública en la recuperación económica del país.



El análisis de la situación económica de Ecuador para el año 2024 revela un panorama de estancamiento con desafíos significativos tanto en el corto como en el mediano plazo. La información obtenida a partir de fuentes oficiales e instituciones de renombre destaca varios puntos clave:

Proyecciones de Crecimiento del PIB: Las proyecciones de crecimiento económico para 2024 de diversas entidades, como el Banco Mundial, el Banco Central del Ecuador (BCE), la Cepal y el FMI, presentan un ajuste a la baja. Las expectativas de crecimiento oscilan entre el 0,1% y el 1,8%, con un promedio cercano al 0,5%, lo cual indica un consenso sobre las dificultades para alcanzar un crecimiento significativo en el contexto actual. Estas proyecciones reflejan un enfoque pesimista respecto a las posibilidades de recuperación económica, y también revelan una falta de confianza en la capacidad de Ecuador para reactivar su economía en el corto plazo debido a factores estructurales y coyunturales.

Evolución Histórica del PIB (2014-2023): El análisis de la evolución del PIB en la última década evidencia patrones de estancamiento, con

períodos de leve recuperación seguidos de recesiones recurrentes. Los factores estructurales, como la dependencia del petróleo y la baja diversificación de la economía, han limitado la capacidad de crecimiento sostenido. La falta de una base productiva sólida, combinada con la volatilidad de los precios del petróleo, ha expuesto a Ecuador a fluctuaciones en su crecimiento económico, lo cual se refleja en la previsión de un crecimiento moderado para 2025.

Variación de las Canastas de Consumo (2023 vs. 2024): El consumo en varias categorías ha disminuido notablemente, lo cual sugiere una contracción en el poder adquisitivo de los hogares ecuatorianos. Entre los factores que contribuyen a esta reducción están el aumento en la inflación, la inseguridad económica y la falta de liquidez tanto en el ámbito familiar como empresarial. Este fenómeno también se ve reflejado en la reducción en la proyección de crecimiento del consumo familiar por parte del BCE, que pasó del 0,7% a un escaso 0,2%, subrayando la falta de dinamismo en la demanda interna.

Proyección de Inversión Pública (2024): La inversión pública en 2024 muestra una baja ejecución del presupuesto, con solo un 27% del total asignado ejecutado hasta la fecha de análisis. Este bajo nivel de gasto sugiere limitaciones en la capacidad de gestión y una falta de recursos financieros para ejecutar proyectos clave en infraestructura y servicios básicos, lo cual restringe el potencial de reactivación económica. La inversión pública, que podría ser un motor importante para el crecimiento, se encuentra limitada por la crisis fiscal y por la ineficacia en la implementación de proyectos.

Factores Externos e Internos: La economía ecuatoriana se ha visto afectada por factores externos e internos que agravan su situación. La crisis energética, impulsada por una sequía severa que afecta a las principales hidroeléctricas del país, ha resultado en cortes de energía programados, lo que a su vez afecta la producción y el consumo. Además, la reducción en las exportaciones de petróleo, impulsada por el cierre de ciertos bloques petroleros, representa una presión adicional sobre las finanzas públicas. La dependencia del petróleo sigue siendo una vulnerabilidad, exponiendo

a la economía a fluctuaciones en los precios internacionales y decisiones políticas internas sobre la explotación de recursos naturales.

Los resultados del análisis económico de Ecuador en 2024 ofrecen una perspectiva compleja que enfatiza varios desafíos estructurales y coyunturales. A continuación, se discuten los hallazgos en términos de crecimiento económico, consumo, inversión pública y factores externos e internos que afectan al país.

Las proyecciones de crecimiento del Producto Interno Bruto (PIB) para 2024, aportadas por entidades como el Banco Mundial, el Banco Central del Ecuador (BCE), la Cepal y el FMI, subrayan el carácter limitado de la expansión económica en Ecuador, situándose en un promedio cercano al 0,5%. Este bajo crecimiento refleja una falta de confianza en las posibilidades de reactivación de la economía ecuatoriana, en parte debido a factores estructurales como la baja diversificación económica y la dependencia del petróleo. Las proyecciones, en este contexto, sugieren que el país se enfrenta a un ciclo de bajo crecimiento debido a una base productiva limitada y poco dinámica. En el contexto latinoamericano, un crecimiento menor al 1% coloca a Ecuador en desventaja para enfrentar problemas socioeconómicos internos, como el desempleo y la pobreza, que dependen en gran medida de una economía más robusta y diversificada.

El análisis de la evolución del PIB entre 2014 y 2023 muestra que Ecuador ha experimentado una década de estancamiento económico, con apenas algunos períodos de leve recuperación interrumpidos por caídas recurrentes. Este patrón se vincula principalmente con la volatilidad en los precios del petróleo y la ausencia de una diversificación productiva que permita un crecimiento sostenido. A diferencia de otras economías en la región que han implementado políticas para reducir la dependencia de los productos básicos, Ecuador ha continuado mostrando una vulnerabilidad estructural. Las limitaciones en infraestructura y producción contribuyen a que el país no esté suficientemente preparado para afrontar choques externos ni para mantener una expansión constante, lo cual se traduce en una proyección de crecimiento moderado incluso para 2025.

Los resultados sobre la contracción en el consumo reflejan una pérdida del poder adquisitivo de los hogares ecuatorianos, como consecuencia de la inflación y la inseguridad económica que ha limitado la liquidez de las familias. El BCE ha ajustado sus proyecciones de crecimiento del consumo familiar de 0,7% a 0,2%, lo cual sugiere que la demanda interna, un componente fundamental para la reactivación, carece de dinamismo. Este estancamiento en el consumo tiene implicaciones importantes: sin una demanda interna fuerte, la economía ecuatoriana se enfrenta a un freno en la actividad económica general, reduciendo el atractivo de nuevas inversiones y limitando la capacidad de las empresas para expandirse o crear nuevos empleos. La baja capacidad de compra entre los ciudadanos, en este sentido, es tanto un reflejo de la situación económica como un obstáculo para el crecimiento.

La baja ejecución del presupuesto de inversión pública en 2024, con apenas un 27% ejecutado hasta la fecha de análisis, evidencia serias dificultades en la gestión financiera y en la capacidad de implementación de proyectos. La inversión pública, que históricamente ha sido un motor de crecimiento en Ecuador, especialmente en infraestructura, está limitada por restricciones fiscales y la ineficiencia en la ejecución de proyectos. Este factor inhibe el potencial de la economía para aprovechar oportunidades de desarrollo en sectores clave como la infraestructura y los servicios básicos, necesarios para mejorar las condiciones de vida de la población y apoyar la productividad del sector privado. Sin una mejora en la capacidad de gestión pública y en la planificación de la inversión, es probable que Ecuador continúe experimentando limitaciones en su capacidad de crecimiento.

La economía ecuatoriana también se ve influenciada por factores externos e internos, que agravan su situación de vulnerabilidad. Entre los factores externos, la crisis energética destaca como un problema crítico, provocado por una sequía severa que afecta a las principales hidroeléctricas del país, y que ha llevado a cortes programados de electricidad, impactando tanto la producción como el consumo. A nivel interno, la reducción de las exportaciones de petróleo debido al cierre de ciertos bloques petroleros impone una presión adicional sobre las finanzas públicas. Estos elementos

reafirman la dependencia del país de los ingresos petroleros, exponiéndolo a fluctuaciones en los precios internacionales y a decisiones políticas internas que afectan la explotación de recursos naturales.

7. CONCLUSIONES

El análisis de la situación económica de Ecuador en 2024 refleja una economía en estancamiento, afectada por varios factores estructurales y coyunturales que limitan su capacidad de crecimiento. Las proyecciones de crecimiento, que se sitúan entre el 0,1% y el 1,8%, indican un consenso pesimista en torno a las posibilidades de reactivación económica, reflejando un entorno en el que la baja diversificación productiva y la dependencia del petróleo son obstáculos importantes para un crecimiento sostenido.

La reducción del consumo y la baja ejecución de la inversión pública reflejan la falta de dinamismo en la demanda interna y la dificultad en la gestión de recursos, lo cual limita la posibilidad de mejorar la infraestructura y los servicios necesarios para apoyar el crecimiento. A su vez, los factores externos e internos, como la crisis energética y la disminución de las exportaciones de petróleo, destacan las vulnerabilidades económicas del país, acentuadas por su dependencia en productos básicos.

En este contexto, el limitado crecimiento económico proyectado para 2025 indica que, sin cambios significativos, Ecuador continuará enfrentando desafíos económicos, limitando su capacidad para reducir el desempleo y la pobreza.

8. RECOMENDACIONES

Para mitigar la dependencia de sectores volátiles como el petróleo, Ecuador debería establecer políticas que incentiven el crecimiento de sectores alternativos. Inversiones en industrias como la agricultura sostenible, el turismo y las tecnologías digitales pueden aumentar la resiliencia económica, ofreciendo oportunidades de empleo y fuentes de ingresos diversificadas.

Mejorar el poder adquisitivo de los hogares ecuatorianos es clave para dinamizar la economía interna. Medidas como el ajuste salarial en línea con la inflación, la creación de empleos estables y programas de acceso al crédito para familias y pequeñas empresas ayudarían a reactivar la demanda, impulsando el crecimiento a nivel local.

La baja ejecución de la inversión pública en 2024 pone en evidencia la necesidad de una mejor planificación y transparencia en la asignación y uso del presupuesto estatal. Fortalecer las capacidades de gestión en entidades gubernamentales permitiría que los recursos asignados se utilicen de manera más eficiente, enfocándose en proyectos de infraestructura clave y en la mejora de servicios básicos.

REFERENCIAS

Borbor Alvarado, A., y López Vera, J. (2024). Estrategias de control de inventario de suministros para la mejora de la rentabilidad de una compañía agrícola-minera. *Revista InveCom / ISSN En línea: 2739-0063*, 4(2), 1-13. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10841323>

Correa-Jiménez, S., y López-Vera, J. (2024) Incidencia del financiamiento en el rendimiento financiero de las pymes bananeras: un estudio empírico para la provincia de El Oro. *Revista InveCom / ISSN En línea: 2739-0063*, 5(1), 1-13. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10854350>

Estévez, T. S. (2021). Revista Dicieite. Obtenido de Revista Dicieite: <https://plataforma2030.org/es/impacto-de-las-microfinanzas-sobre-los-ods-en-ecuador-el-caso-de-banco-solidario>

Ecuador, E. n. (2022). El nuevo Ecuador. Obtenido de El nuevo Ecuador: <https://www.comunicacion.gob.ec/la-generacion-de-empleo-es-el-principal-objetivo-de-la-ley-de-atraccion-de-inversiones/>

Fiduvalor. (2024). Fiduvvalor. Obtenido de Fiduvvalor: <https://fiduvalor.com.ec/2024/09/18/ecuador-perspectivas-de-crecimiento-economico-desafiantes-para-2024-y-2025/>

Fu, W., Luo, Ch., Yan, M. (2023). Does urban agglomeration promote the development of cities? Evidence from the urban network externalities. *Sustainability* 15,1-20, doi: <https://doi.org/10.3390/su15129850>

Haz, R. (2017). Revista Haz. Obtenido de Revista Haz: <https://hazrevista.org/innovacion-social/2017/10/expertos-destacan-el-papel-de-las-microfinanzas-en-la-generacion-de-empleo/>

López-Vera, J., Burgo-Bencomo, O. O., y Morán-Molina, G. (2025). Microcrédito, producción y valor agregado de la provincia de El Oro. *Multidisciplinary Latin American Journal (MLAJ)*, 3(2), 93-110. <https://doi.org/10.62131/MLAJ-V3-N2-005>

López-Vera, J., Salazar-Sánchez, E., y Burgo-Bencomo, O.. (2023). Economías de aglomeración por tipo de actividad productiva en Machala-Ecuador. *Revista InveCom / ISSN En línea: 2739-0063*, 4(1), 1–23. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10296495>

Primicias. (2024). Primicias. Obtenido de Primicias: <https://www.primicias.ec/economia/ecuador-crecimiento-economico-banco-mundial-74184/>

Salinas Rojas, L. G. (2023). Universidad Nacional de Loja. Obtenido de Universidad Nacional de Loja: <https://dspace.unl.edu.ec/jspui/handle/123456789/28199>

Sandoval, C. (2023). Carlos Fiduciario. Obtenido de Carlos Sandoval: <https://www.carlosfiduciario.org/microfinanzas-acceso-financiero-para-el-emprendimiento>

CAPÍTULO 5

INNOVACIÓN, SOSTENIBILIDAD Y COMPETITIVIDAD COMO ESTRATEGIAS DE FORTALECIMIENTO DEL SECTOR COOPERATIVO EN LA PROVINCIA DE EL ORO

RESUMEN: Este capítulo examina la percepción de los usuarios sobre la calidad del servicio financiero en una cooperativa de la provincia de El Oro, con énfasis en los factores que influyen en la satisfacción y confianza del cliente. A través de una investigación cuantitativa, se aplicó una encuesta estructurada a socios y usuarios frecuentes de la cooperativa, midiendo variables como el trato del personal, la claridad de la información, la eficiencia operativa y el cumplimiento de expectativas. Los resultados revelan un nivel alto de satisfacción general, aunque persisten oportunidades de mejora en la atención personalizada y en la gestión del tiempo de espera. Asimismo, se identificó una relación positiva entre la percepción de calidad y la intención de continuar utilizando los servicios financieros de la entidad. El estudio destaca la importancia de mantener una comunicación efectiva, reforzar la formación del talento humano y utilizar herramientas de retroalimentación como estrategias para fortalecer la fidelización. Finalmente, se concluye que la calidad del servicio financiero es un factor determinante para consolidar el vínculo entre la cooperativa y sus usuarios, y debe ser considerada como una dimensión estratégica de gestión institucional.

PALABRAS CLAVE: calidad de servicio; cooperativas; satisfacción del cliente; confianza.

INNOVATION, SUSTAINABILITY AND COMPETITIVENESS AS STRATEGIES TO STRENGTHEN THE COOPERATIVE SECTOR IN THE PROVINCE OF EL ORO

ABSTRACT: This chapter analyzes users' perceptions of the quality of financial services in a cooperative located in the province of El Oro, focusing on the factors that influence customer satisfaction and trust. Using a quantitative approach, a structured survey was administered to cooperative members and frequent users, evaluating variables such as staff treatment, clarity of information, operational efficiency, and fulfillment of expectations. The results reveal a high level of overall satisfaction, although there is room for improvement in personalized service and wait time management. A positive relationship was found between perceived service quality and the intention to continue using the cooperative's financial services. The study

underscores the importance of maintaining effective communication, strengthening staff training, and implementing feedback mechanisms as strategies to build loyalty. It concludes that the quality of financial services is a key factor in consolidating the relationship between cooperatives and their users, and should be treated as a strategic dimension of institutional management.

KEYWORDS: service quality; cooperatives; customer satisfaction; trust.

INNOVATION, SUSTAINABILITY AND COMPETITIVENESS AS STRATEGIES FOR STRENGTHENING THE COOPERATIVE SECTOR IN THE PROVINCE OF EL ORO

RESUMO: Este capítulo analisa a percepção dos usuários sobre a qualidade do serviço financeiro em uma cooperativa localizada na província de El Oro, com foco nos fatores que influenciam a satisfação e a confiança dos clientes. Com base em uma abordagem quantitativa, foi aplicado um questionário estruturado a associados e usuários frequentes da cooperativa, avaliando variáveis como o atendimento do pessoal, a clareza das informações, a eficiência operacional e o cumprimento das expectativas. Os resultados revelam um alto nível de satisfação geral, embora haja margem para melhorias no atendimento personalizado e na gestão do tempo de espera. Foi identificada uma relação positiva entre a percepção de qualidade e a intenção de continuar utilizando os serviços da cooperativa. O estudo destaca a importância de manter uma comunicação eficaz, reforçar a formação da equipe e implementar mecanismos de feedback como estratégias para promover a fidelização. Conclui-se que a qualidade do serviço financeiro é um fator determinante para consolidar o vínculo entre a cooperativa e seus usuários, devendo ser considerada uma dimensão estratégica da gestão institucional.

PALAVRAS-CHAVE: qualidade do serviço; cooperativas; satisfação do cliente; confiança.

1. INTRODUCCIÓN

El presente estudio tiene como objetivo exponer la situación actual del Sistema Cooperativo de la Provincia de El Oro en el contexto de la globalidad y reflexionar sobre sus retos futuros. Para lo cual hemos identificado diferentes estrategias de fortalecimiento que contribuyan a generar procesos de innovación y movilidad social, aportando en el mejoramiento de la pobreza y generando desarrollo sostenible. En los últimos años, por una parte, podemos constatar un creciente interés por redescubrir las potencialidades del sistema cooperativo como herramienta para fomentar prácticas económicas, sociales y ambientales

más sostenibles, pudiendo constituir en muchos casos la respuesta más efectiva a experiencias de deslocalización de sectores económicos enteros, devolviéndoles la posibilidad de competir en un mundo cada vez más globalizado.

La provincia de El Oro, a medida que han pasado los años, ha ido evolucionando en el ámbito de las estrategias y políticas de los gobiernos de cada quinquenio. Si bien es cierto que el papel del Estado ha sido fundamental para el fortalecimiento de las organizaciones sociales y económicas del país, estas han demostrado con el correr de los años mayor capacidad de organización y cooperación. A partir de 1997, se inicia la apertura del sistema económico del país, lo cual trajo consigo una serie de acciones del gobierno de turno encaminadas a generar el desarrollo con menos dependencia del Estado.

2. DESARROLLO

Según (Social, s.f) el desarrollo cooperativo debe ser permanente y constante, para lo cual se requiere un conocimiento pleno de la realidad en la cual se desenvuelven las organizaciones correspondientes. En consecuencia, no basta con conocer el pasado ni tampoco el presente, sino que resulta necesario anticipar el futuro, lo cual permite fijar metas estratégicas y determinar los recursos con que se cuenta o que se requerirán en determinado momento. La importancia del conocimiento del pasado puede resultar obvia, ya que permite inferir los errores y aciertos que llevaron a que las entidades funcionen de una determinada manera. Esto confiere una relativa ventaja competitiva a las instituciones tanto en la búsqueda de socios, como en la concientización y formación societaria. Sin embargo, también es indispensable obtener un conocimiento pleno del presente que, por un lado, permita visualizar la evolución de aquellos aspectos que históricamente han configurado dicha realidad, así como aquellos que, si bien novedosos, están ganando un rol relevante.

De igual manera, los planificadores de la entidad también tendrán que analizar el entorno para así poder determinar distintas oportunidades

y amenazas, respectivamente, que se pueden dar en el momento que se decida fijar una realidad diferente. Sin embargo, no es suficiente el conocimiento del pasado y presente, sino que, además, se requiere anticipar el futuro, considerando que todas las organizaciones son insertas dentro de un sistema y, por ende, están condicionadas por su entorno, lo que, en la mayoría de los casos, genera escenarios que cambian y, en consecuencia, condiciones que pueden variar. Por ello, es indispensable ser capaz de prever determinadas situaciones con la finalidad de desarrollar e instrumentar estrategias que permitan enfrentarlas con éxito. El futuro no es inevitable y puede influirse con el análisis, la búsqueda de soluciones y cambio. (Serrano, 2019)

3. PANORAMA DEL SECTOR COOPERATIVO EN EL ORO

Según (Solidaria, s.f) el Decreto Legislativo No. 640 de fecha 12 de enero de 2007, publicado en el Registro Oficial No. 74, de 13 de marzo de 2007, por medio del cual se dicta la Ley Especial de Fomento y Desarrollo del Sector Cooperativo dentro de la normativa jurídica particular en el Art. 58 y 59 de la Ley de Economía Popular y Solidaria para las diferentes cooperativas especifica que: el control de la Superintendencia de Economía Popular y Solidaria es el estatal de concesión a las cajas de ahorro y crédito populares y a las cooperativas de ahorro y crédito cuya doble afiliación sea superior al 20% del Sector Financiero Popular y Solidario.

En el Art. 64 de la misma ley se establece que las empresas asociativas de las cooperativas están sujetas al control y fiscalización de la Superintendencia de Economía Popular y Solidaria, siendo dichas empresas de servicios comunales, de: seguro, solidarias de ahorro y crédito, de vivienda y afines; por ejemplo, las empresas de seguros agrícolas, ganaderos, de salubridad y afines; servicios de administración de cartera y emisión de títulos; compañías de fianzas y de experiencia financiera; empresas de archivo y clasificación de títulos de crédito, traigan causa o no del reparto del excedente económico de sus cooperativas, siempre que sean de obligatoria creación y se hayan establecido por el órgano respectivo, y

se hallen autorizadas legalmente a fin de ejecutar actividades necesarias para el cumplimiento de sus fines, en cuyo caso dichas entidades estarán igualmente sujetas al control del Superintendente de Economía Popular y Solidaria. (Ecuador, 2024)

Según (Solidaria S. d., 2024) en el segmento 1, se ha fortalecido la disciplina crediticia de las cooperativas de ahorro y crédito, mejorando la necesaria madurez de hasta 3 años, aspecto determinante para la sana evolución de los activos. A la fecha, en todos los segmentos se ha cumplido con la obligación de presentar estados financieros conforme a las NIIF plenas. No obstante, en algunas entidades se evidencian situaciones relevantes que deben corregirse, tal es el caso de presentar los estados financieros sin notas y comentarios, los cuales se espera sean subsanados en los informes de febrero. Respecto al cumplimiento del cálculo y reporte de indicadores, se evidencia un elevado grado de cumplimiento por parte de las entidades, permitiendo a la Fiscalización emitir compromisos de mejora con carácter preventivo orientado al seguimiento inmediato de ciertos indicadores financieros, patrimoniales y sobre la ocurrencia de excepciones.

En los segmentos 1 y 2, se observa que, en general, a pesar del esfuerzo por mejorar la transparencia en la información, aún existen algunas cooperativas con situaciones relevantes referentes a reiteradas mejoras e implementación de mejoras regulatorias, aspecto que debe ser analizado por el consejo de administración e informado a la asamblea. Dichas situaciones se dieron principalmente por el incumplimiento a la periodicidad en la reliquidación de créditos, aplicación irregular o demora en el ajuste a la cuenta de trabajo a no socios en créditos con más de 3 años, aplicación indebida o demora en el consumo de depuraciones. Así, se evidencian oportunidades de mejora en la gestión del riesgo operacional, que corresponde a las actividades, procesos, órganos de gobierno y sistemas internos.

Un desafío al que se enfrentan las cooperativas del segmento 1 y 2 es que los productos y servicios deben satisfacer las necesidades y

requerimientos del mercado y la competencia. El cooperativismo necesita adquirir capacidades para afrontar las exigencias de los mercados globalizados y dinámicos, identificar oportunidades para nuevos negocios, etc. Por otra parte, debe mejorar la institucionalidad, es decir, fortalecer y consolidar institucionalmente a la empresa, acompañada de las debidas capacidades empresariales en el manejo administrativo y financiero. De ahí que las cooperativas necesitan adecuarse a las necesidades de las zonas geográficas, características que ineludiblemente generan proyectos con demandas específicas, generando una pluralidad.

4. IMPACTO DE LA PANDEMIA Y OTROS FACTORES EXTERNOS

Según (Espinoza et., al 2022) al igual que en la mayoría de países del mundo, la economía ecuatoriana ha sufrido el impacto de la pandemia del COVID-19, el cual se refleja en la variación interanual del PIB que fue de -11,3% en 2020. El magro porcentaje se asocia al decrecimiento en la demanda interna y un importante retroceso en el gasto del gobierno. A esto se suman los desafíos de la caída en los precios del crudo, la reducción de las demandas externas y las constantes necesidades de financiamiento para cubrir el déficit presupuestario que provocaron, como medidas de respuesta de política económica, la necesidad de mayor financiamiento del sector público, tanto interno como externo, y una reprogramación de los pagos de los bonos de deuda soberana para reducir la carga financiera y extender los plazos de vencimiento.

Ecuador mantiene un horizonte económico complejo, situación que se refleja en la emisión del Reporte de Estabilidad Financiera del Segundo Semestre de 2020, en donde se estipula que la participación del Sector de la Economía Popular y Solidaria (EPS) en la cartera de crédito no pignoratícia representó el 41,8% en promedio durante el segundo semestre de 2020. Desafortunadamente, el sistema financiero se vio afectado notablemente por el deterioro en la calidad de la cartera debido al estallido presupuestario, los efectos negativos de la pandemia del COVID-19 y la caída

de los ingresos en empresas que mantienen operaciones sostenidas en el país. En su conjunto, el sistema financiero afrontó un año atípico, marcado por elevados niveles de morosidad. El deterioro de la calidad de activos provino de un crédito extendido sin un adecuado margen de seguridad en la valoración, selección y seguimiento de activos, lo que se acentuó a raíz del estallido presupuestario, la crisis económica provocada por el impacto del COVID-19, la caída del precio del petróleo y la inmovilización de las actividades domésticas (Perez et al., 2024)

El sector cooperativo, conformado por 551 organizaciones asociativas ubicadas en los distintos cantones de la provincia de El Oro, representa una oportunidad para el desarrollo sostenible de dicha región, toda vez que posee la capacidad de articular el entorno de sus filiales, organizar a familias de escasos recursos, dinamizar la economía local, desarrollar actividades productivas e invertir recursos en el territorio. Las fortalezas actuales de este sector se encuentran en su elevado número de afiliados entre las distintas organizaciones y la cantidad de activos que representa, lo cual implica que sus miembros comparten las características de una economía de ámbito reducido. La mayor parte de los recursos de una economía, aproximadamente el 57%, se recirculan en la misma si se les consolida y fomenta en ella.

Entonces, explícitamente las organizaciones del sector social y solidario representan una economía local y una economía circular en un rango territorial óptimo. En el sector solidario participan menos empresas y entidades económicas que en el caso de una economía local y se caracteriza por la gestión de recursos financieros, utilizados por sus integrantes a diferencia de la otra economía. Representa un beneficio poderoso para los trabajadores y pensionados, al igual que incentivos de financiamiento de programas sociales. En el sistema cooperativo, 2.99 millones de asociados generaron un ahorro significativo en los dos años precedentes (Betancourt y Verdezoto, 2023).

5. EVALUACIÓN DEL ENTORNO COMPETITIVO DEL SECTOR COOPERATIVO EN EL ORO

El sector cooperativo en Ecuador es heterogéneo. Sus antecedentes se remontan a finales del siglo XIX e inicios del siglo XX. Estudios centrados en el sector a dos niveles: a nivel nacional y a nivel provincial demuestran una crisis de competitividad. De ahí la necesidad de desarrollar estrategias de competitividad que incluyan innovación y sostenibilidad. Durante más de cinco décadas, el sector se ha enfocado solo en el mercado de ahorros y créditos, dejando de lado los servicios financieros y sociales que requieren los actuales asociados. La crisis persiste a pesar del apoyo brindado por parte del Estado con programas de refinanciamiento de cartera. A nivel provincial existe evidencia de crisis. En estudios anteriores, fue evaluada la competitividad del sector, evidenciando fortalezas en solidez patrimonial, cartera y asociados, señalando debilidades en la sostenibilidad y eficiencia financiera.

A pesar de los esfuerzos, el sector ha disminuido su participación en captaciones y colocaciones de cartera. Según el meta-análisis cooperativo a nivel nacional, de 5.1 hasta 4.9% y de 4.4 a 4.2% para captaciones y colocaciones de cartera, respectivamente. Aunque no se cuenta con estudios específicos a nivel de la provincia, algunos indicadores provinciales sugieren que el comportamiento de El Oro no es ajeno al del país. Por tal motivo, es importante emprender una investigación que permita evidenciar los factores que afectan la competitividad financiera del sector cooperativo de la provincia, con el fin de contribuir al cambio de la concepción actual, en el marco del plan estratégico provincial de desarrollo de El Oro, desde un enfoque financiero y social, con el fin de contribuir al desarrollo local. (Bencomo, 2022)

Según (Benavides et al., 2023) el ecosistema financiero de la provincia de El Oro está conformado por una multiplicidad de actores que contribuyen al desarrollo y fortalecimiento del mismo. Las cooperativas de la provincia inciden constantemente en la economía, cumpliendo un rol de vital importancia al atender las necesidades de la población general que

tiene un acceso limitado al sistema financiero privado, ya que este último tiene un enfoque y está dirigido a apoyar a ciertos sectores productivos y a personas naturales de mayor nivel de renta, lo que contribuye a generar una serie de desequilibrios e insatisfacción en la sociedad. Todo este ambiente les suma ventajas a las más de 24,000 familias, que, a través de nuestra cooperativa de ahorro y crédito, adquieren microcréditos para diferentes actividades de producción, comercio y servicios. A pesar de que los datos de las combinaciones bancarias parecen sugerir que las cooperativas se muestran reticentes a fusionarse con otras entidades, lo cierto es que, al ocurrir una fusión entre dos cooperativas, la actividad financiera suele ser más que una mera adquisición. De hecho, es común que una vez fusionadas, las nuevas entidades amplíen la banca para cubrir regiones adyacentes a las ya existentes, particularmente si estas regiones son adyacentes a su mercado principal, o abierto, y se dirigen a márgenes más altos.

Las cooperativas desempeñan un papel decisivo en el apoyo y prestación de servicios a sus miembros por medio del abastecimiento de mayoristas y minoristas. Por último, se brinda colaboración, en ciertos casos con ciertos productos, principalmente ingresos por servicios, a congéneres en necesidad financiera. Por extensión, estas operaciones pueden tener efectos negativos en el sistema financiero, particularmente si la fusión obliga a la nueva entidad a dedicarse a prestar servicios en función de criterios geográficos fuertemente diferenciados y a disponer de importantes recursos con bajo nivel de liquidez. Aquí puede surgir el riesgo de no conseguir la suficiente integración de los recursos en un conjunto de fondos ponderados por la rentabilidad y el riesgo, pero no puede evitarse completamente a través de una regulación adecuada.

Según (Gualpa, 2021) cooperar es una alternativa estratégica para las entidades financieras y se presta como una solución a posibles problemas de insostenibilidad del sistema financiero, en función de que las cooperativas presentan mejores indicadores de desempeño que el resto de intermediarios financieros. Al comparar la rentabilidad sobre el capital (ROE), las cooperativas superan a los bancos, mutualistas y el resto de

entidades durante los años 2015 a 2018. Además, presentan una rentabilidad por activos (ROA) superior a la del promedio de bancos, mutuales y otras entidades, así como un coeficiente de eficiencia inferior al sector de los bancos privados a lo largo del periodo evaluado.

A partir de 2017, las cooperativas y otros entes de economía popular y solidaria vienen diversificando su cartera y están dando un salto en la incorporación de tecnologías, seguramente como consecuencia de los planes de fortalecimiento en tecnología con que cuentan las cooperativas de ahorro y crédito, de desarrollo y generadoras de crédito y de ahorro y crédito particular. En suma, todo lo desarrollado a continuación permite afirmar que el desempeño del sector cooperativo en general (y las cooperativas de ahorro y crédito en particular) ofrecen mejores alternativas para sus socios/clientes, con niveles de rentabilidad (ROE) superiores a las del resto de entidades económicas y que todas vienen acompañadas paulatinamente de una mejora en las tecnologías financieras y comerciales de las entidades, a fin de mejorar la calidad del servicio, que permite un alineamiento con las tendencias y el comportamiento del sector socioeconómico al que prestan sus servicios financieros en las mejores condiciones. (Comultrasan, s.f)

6. IDENTIFICACIÓN DE SEGMENTOS DESATENDIDOS POR LAS COOPERATIVAS

Dado que estimular la inclusión de nuevos productores, trabajadores y población en general representa un gran desafío en el contexto global y subnacional, el sistema cooperativo provincial enfrenta serias y persistentes dificultades asociadas con la coyuntura económica provincial, particularmente la involución del banano, más aún cuando el financiamiento en las actividades del comercio, los servicios y la agroindustria, objetivos fundamentales de sus estrategias de fortalecimiento, se encuentra decreciendo en magnitud. Para la provisión de recursos materiales, la oferta, a pesar de venir incrementándose, es altamente competitiva, lo cual torna urgente analizar la posibilidad de fomentar alianzas estratégicas, innovaciones de servicios, diferenciación de sus clientes y misiones

funcionales, racionalización de esfuerzos comerciales y ventajas al ser cooperativa, programas de fidelización. Algunos sectores que podrían fomentar la inclusión de públicos objetivo que esperan ser atendidos consisten en el análisis de los datos estadísticos y censales de la provincia, junto con el conocimiento especializado del equipo consultor.

El número de asociados por cooperativa y tipo no ha presentado un notorio cambio en magnitud e importancia; no obstante, el nivel de articulación regional puente ha venido creciendo, principalmente en el sector agropecuario. Ante un escenario de mayor competencia con intermediarios, la competitividad de red y apropiación territorial se vienen intentando fortalecer. En paralelo, los nuevos modelos de negocio transferidos a los miembros y redes se vienen identificando y, oportunamente, verificados.

Por otro lado, la multicausal degradación social, económica y ambiental del territorio exige redoblar esfuerzos para lograr una mayor inclusión económica de sus habitantes, así como frenar categóricamente la explotación ambiental no planificada. Sin embargo, nuevas y limitadas expresiones de responsabilidad social empresarial han establecido un punto social sectorial. De esta manera, existen múltiples desafíos o áreas de oportunidad para: (1) identificar a los productores, articuladores o trabajadores que esperan ser atendidos, (2) identificar sus perfiles generales, con sus varias tendencias existentes o posibles escenarios futuros y (3) perfiles financieros al analizar sus debilidades, oportunidades, fortalezas y tendencias al enfrentarse con los productos, servicios, proveedores y recursos financieros existentes. (Guillermo, s.f)

7. POLÍTICAS PÚBLICAS Y SU IMPACTO EN EL DESARROLLO COOPERATIVO

Las cooperativas, la economía social y solidaria, por su participación como actores fundamentales en el desarrollo económico y social de un país, requieren del señalamiento claro de políticas públicas orientadas a que este sector actúe como motor en la consecución de los objetivos de desarrollo establecidos. Lo señalado requiere de herramientas para un discernimiento

adecuado de las acciones estatales. Entre las más delimitantes se sitúa el contexto del desarrollo, la fundamentación teórica, las desigualdades socioeconómicas y las políticas de los países, la ausencia de planes, las capacidades y voluntades estatales, y los problemas de territorialidad en el estudio de las políticas aplicadas, entre otros. La fundamentación del ajuste, el diseño e implementación de las políticas sostenidas en sus dimensiones teórica, económica, constitucional, jurídica y otras, ajustadas a las necesidades e intereses delimitados por las cooperativas, que en esencia son de carácter democratizante, social, económica, cultural e institucional, serán siempre objeto de discusiones teóricas y aplicadas.

Las políticas públicas constituyen guías y determinan el rumbo y velocidad de la expansión y/o contracción de la actividad cooperativa. Actúan combinada o separadamente con el resto de factores en la facilitación o penalización al emprendimiento, la prestación de bienes y servicios colectivos, la resolución de las “fallas” del mercado y contribuyen al desarrollo socioeconómico. La formulación del marco teórico, el contexto del desarrollo, la fundamentación teórica, las desigualdades socioeconómicas y las políticas de los países, la ausencia de planes, las capacidades y voluntades estatales, y los problemas de territorialidad en el estudio de las políticas aplicadas limitan el diseño e implementación de políticas oportunas y generan, además, comparaciones de cooperativas con otros sectores económicos, sociales y políticos. Otros, en cambio, optan por afrontar riesgos inherentes al sector a cambio de limitar la competencia, abren mercados, homogenizan, controlan, combaten y hasta desaparecen a las cooperativas, según los intereses de los gobernantes del momento y/o funcionarios que las dirigen. (Correa Mautz, 2022)

8. PROPUESTAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FORTALECER EL ENTORNO OPERATIVO DE LAS COOPERATIVAS

Entre las políticas que deberá adoptar el Gobierno Nacional, existen políticas generales entre las que se encuentran: la redistribución de ingresos, la cual busca que el producto social se distribuya de manera

equitativa y de tal manera que los individuos puedan acceder a los bienes de consumo que son necesarios para poder llevar una vida digna. El Gobierno, a la vez, debe garantizar la seguridad, la estabilidad y el crecimiento económico sostenido, a fin de que el empresario que asume riesgos sea recompensado por el sistema, propicie la inversión y potencie el crecimiento económico. En otras palabras, el objetivo principal del Estado debe ser el de proveer a los ciudadanos de bienestar, seguridad y justicia. Así mismo, las políticas fiscales, monetarias y cambiarias deben estar acordes con el crecimiento económico, por lo que deben ser estables para que existan incentivos a la inversión.

Por otro lado, existen políticas que dicho gobierno o autoridad pública deberá implementar para contribuir a la configuración de un entorno competitivo e innovador que consolide el mejoramiento del entorno operativo de cajas y bancos cooperativos. El Estado podrá implementar un apoyo en la financiación para que los proyectos de inversión de las cooperativas puedan realizarse, estableciendo una banca de segundo piso o entidades financieras que orienten sus recursos al otorgamiento de créditos a largo plazo, principalmente a través de préstamos subordinados a instituciones de segundo piso. Se deben elaborar informes periódicos sobre los resultados que han obtenido en el panorama nacional e internacional de la inclusión financiera que realizan las cooperativas. Brindar asistencia técnica a las cooperativas para que sean más eficientes, siguiendo el modelo que brinda la superintendencia financiera.

La incidencia de organizaciones sociales cooperativas y solidarias es nula, se reparten nichos del servicio asistencial y buscan sinergias dentro de espacios cooperativos faltos de oportunidades. El contexto económico, todos coinciden en señalar el crecimiento, implementar políticas basadas en crecer o secundar, pasa por la diversificación de servicios. La economía está cada vez más terciarizada, percibida con valores y necesidades diferenciadas, lo que demanda y ofrece oportunidades a diferentes formas de intervención. Las familias dedican cada vez más tiempo a actividades de ocio, compra, salidas, cultura, deporte, asociacionismo... que buscan

diferentes prestaciones que se ofrecen en cada barrio; urge fortalecer las estrategias de intervención comunitarias para satisfacer sus demandas y necesidades. Los barrios, densamente poblados, emergen como oportunidades económicas y de relación social para las organizaciones; así frentes a espacios con más densidad cuantitativa y cultural aparecen, o incrementan oportunidades laborales.

9. IDENTIFICACIÓN DE NUEVOS SERVICIOS FINANCIEROS Y NO FINANCIEROS QUE PODRÍAN OFRECER LAS COOPERATIVAS

De acuerdo con el análisis efectuado, ya sea a partir de la observación directa del mercado potencial del territorio de desarrollo, análisis de la matriz, tendencias de la coyuntura económica y análisis comparativo, se concluye en los principales servicios financieros que hoy ofrecen las cooperativas de ahorro y crédito en el territorio y los no financieros. Como resultado del análisis de las variables exógenas y endógenas, el desempeño del sector cooperativo en El Oro indica importantes desafíos.

Desde la perspectiva de los responsables de unidades financieras cooperativas en El Oro, se identifican en la entidad colaboradores de primer contacto para captar clientes y fidelizar a los socios. Lo óptimo es la labor de apertura e inclusión casa a casa, con índices de metas de captación a fin de mes, lo cual fomenta que el colaborador trate de convencer a personas afines o aprovecharse de ciertos conocimientos, viendo la prioridad del cliente como sinónimo de “toma de cartera”. Por estas prácticas en lugares alejados o de economía popular y solidaria, se les obliga a realizar un desplazamiento económico poco eficiente, creando una necesidad insatisfecha. Sin dejar de lado la parte coercitiva del análisis, si estas prácticas éticamente bajas generan la meta de atender a las personas a quienes les supone más acercarse de inmediato a la entidad, es un área a mejorar a la que apuntan las políticas de estructuración y desarrollo industrial en Ecuador, de forma que se propiciará la apertura de nuevos nichos o sectores rurales o emergentes y la fidelización de los ya existentes.

En este punto, reconocen sistemas de fidelización con sus socios a través de la vinculación de productos o servicios mediante una gama de incentivos ajustada a las especificidades culturales de cada punto de atención. No obstante, antes de la llegada o decisión de crear nuevos productos o servicios, es necesario evaluar la necesidad, para la cual prontitud, distribución y costos de acceso son los factores fundamentales. Si estas características cambian, será factible inquirir a quienes las utilizan cuáles son las razones que los llevaron a hacerlo; algunos ineludiblemente responderían el costo, mientras que otros, imposibilitados a dejar su lugar de origen, acudirían a las instituciones que se les acerquen, en un acto de cambio no debido a la satisfacción con el lugar que los atiende, sino para ahorrar tiempo y dinero. (Latina, 2021)

10. RESILIENCIA DEL SECTOR COOPERATIVO ANTE CRISIS EXTERNAS

Ecuador vive una remota historia de desarrollo y fortalecimiento del sector cooperativo, planteando una amplia gama de desafíos y contradicciones. Se realiza un breve recorrido a partir de fuentes bibliográficas, con actividades de entrevistas y sistematización de fuentes primarias de carácter policial, posterior al desastre generado por la guerra con el Perú. A partir de la capitalización de la tierra de los proletarios, se da paso a la fundación de la poderosa oligarquía terrateniente. En el período comprendido entre las décadas de los veinte y treinta, Ecuador es severamente golpeado por la crisis económica mundial, quedando en estado de quiebra. A consecuencia de ello, se produce una intensa lucha política y social. El 6 de mayo de 1931, mediante un golpe de Estado, asume la presidencia del país la junta militar.

Adolfo López Raya y Enrique Ibáñez ejercen el cargo de ministros de Hacienda. Entre sus mayores acciones gubernamentales estuvo la promoción del movimiento cooperativo, dándole auge a estas figuras de cooperativismo y asociacionismo solidario. Esto se debe a la crisis agraria, causada por la declinación de las exportaciones y la readaptación de la

economía ecuatoriana a la autarquía o a la industrialización sustitutiva de importaciones. La segmentación de los mercados resulta insuficiente para el financiamiento de esta actividad, mejorando las fracciones de sustentación entre unidad productiva. De este periodo se destacan los subsiguientes aspectos: se creó una favorable imagen positiva sobre el sector ecuatoriano del cooperativismo, cuya cuota del Producto Interno Bruto pasaba del 0.3% en 1940 al 5.0% en 1964. (Useche et al., 2020)

La emergencia sanitaria por la pandemia del COVID-19 acelera la crisis económica mundial causada por una baja de los precios del petróleo en el mercado global y el mismo manejo absoluto de los mercados bursátiles mundiales, muestras de un sistema económico en crisis que venía mostrando síntomas de deterioro e inestabilidad en la última década. Todos estos condicionantes han creado serios problemas para las empresas del país, incluyendo las cooperativas de ahorro y crédito establecidas en el sector financiero popular y solidario. Según cifras, el 68% de las cooperativas de la provincia de El Oro desde inicios del 2020 presentan un aumento de hasta 6 veces en morosidad de sus socios y familiares; 55% han presentado una disminución en los depósitos totales, existe una reducción de hasta un 75% por la no concesión de nuevos créditos y un aumento de las cooperativas de hasta 4 veces.

En el caso de las cooperativas que realizan comercio de café en el mercado nacional e internacional, su principal problema ha sido los bajos precios internacionales, lo cual ha ocasionado acumulación y descomposición del café de la cosecha pasada y una reducción significativa de la producción y escasa rotación de recursos para la presente campaña. Como resultado, hay una afectación en los precios de compra del cafeto y el aumento de aranceles para el producto en mercados como Perú, Colombia y Chile. Con todos estos condicionantes y dificultades, se espera una disminución drástica de más del 60% en el valor bruto de la producción de café en la provincia de El Oro, afectando de forma sustancial a todos los socios productores y al sector en general.

11. RECOMENDACIONES PARA MEJORAR LA CAPACIDAD DE RESPUESTA DEL SECTOR

El apalancamiento directo de la producción agropecuaria a través de la canalización de los recursos a los asociados. Una adecuada planificación de las actividades agropecuarias permitirá incrementar la eficiencia y el mejor control de los procesos de producción. Utilizando instrumentos como fichas de campo, cronograma de actividades, ingeniería técnica y planificación, se permitirá la transferencia de información sobre sus fincas o empresas y se dará lugar a una mayor participación del socio, una mejor transferencia de tecnología y se permitirá al socio realizar las actividades en la ocasión adecuada, aplicando la cantidad correcta del producto, en el momento adecuado y con el mínimo costo. Para ello, las estructuras asociativas deberán ser adaptables para actuar con mayor flexibilidad. Formación de asociados que aporte la sostenibilidad de sus organizaciones y en la toma de decisiones para mejorar el manejo de sus unidades productivas. Aprovechamiento del talento y el conocimiento de todas las capacidades que brindan los asociados a las organizaciones. Generación de oportunidades e impulso al municipio frente a la nueva ley de fomento productivo que facultará al municipio de su jurisdicción a promocionar su localidad otorgando una rebaja de impuestos municipales.

En cuanto al incremento productivo, la economía, el mercado, puesto que los asociados de las organizaciones, una vez que reciben los servicios, deben mejorar su calidad de vida, es decir, generar recursos para la alimentación, salud, educación, servicios básicos, lo cual impactará en el desarrollo socioeconómico de la comunidad. Medidas de mitigación: garantía, seguridad, dado que la actividad económica ingresará recursos al asociado al entorno del lugar que generó la actividad. Es indispensable la implementación o adecuación de infraestructura, servicios, así como la intervención por posible contaminación a los recursos naturales.

La preocupación por una economía sostenible ha tomado auge en las últimas décadas; algunos afirman que el futuro y el bienestar de la economía, y del género humano, en gran escala van a depender, en gran

medida, de la sostenibilidad de la economía como un todo. Ahora bien, el concepto de sostenibilidad es aún bastante amplio y ambiguo, aunque ‘sostenibilidad’ y ‘desarrollo sostenible’ son propuestas que comienzan a emerger a consecuencia de un ‘crecimiento insostenible’, y se han convertido en el paradigma rector de las actuaciones económicas, sociales y políticas, tanto de la empresa como de la praxis política. En el ámbito empresarial, el concepto ha sido acuñado como Responsabilidad Social Empresarial (RSE), y se está tratando de consolidar bajo la premisa de que puede ser fuente de rentabilidad y ventaja competitiva, al menos en el largo plazo.

12. INICIATIVAS SOSTENIBLES LIDERADAS POR LAS COOPERATIVAS DE EL ORO

En la provincia de El Oro, las cooperativas lideran iniciativas sostenibles diversas que fortalecen el desarrollo territorial a partir de su vínculo con las comunidades, estableciendo proyectos que atienden a necesidades locales, como acceso a servicios financieros a propósito de la inclusión financiera, acceso a alimentos o transformación de los mismos, y emprendimientos institucionales. Asimismo, las cooperativas de El Oro, a través de sus liderazgos, constituyen espacios para la gestión y desarrollo de competencias ciudadanas, como política de integración y participación social.

Coopeagro, con 25 años de vida institucional, ha diversificado su portafolio de productos, adicionando servicios y promoviendo el asociacionismo y la especialización de las familias a través de su escuela de campo, proyecto a través del cual entrega financiamiento a los subproyectos agropecuarios. Cooacero y Ceprodor: su contribución se da a través de la adquisición de producción de sus socios, ofreciendo formación y capacitación a sus socios, contraloría social, microcréditos, y empleos generados a través de sus almacenes o dependencias. Cooprogreso, con su banca de primer piso, abrió las puertas de acceso a créditos productivos y de consumo en los sectores financieramente excluidos y redujo sustancialmente en la provincia las tasas de usura con la apertura de

cooperativas no financieras. El arancel a la TNA establecido por la banca privada alcanzaba el 100%, mientras que las cooperativas de consumo de la ciudad establecieron un 28% en promedio, y Coopebanco ofertaba el 23.52%.

Se deberá establecer alianzas estratégicas a nivel local, nacional e internacional, con la finalidad de fortalecer la inclusión de pequeños productores o cooperativistas, generando acciones con impacto positivo en la sostenibilidad, ofreciendo esquemas de fomento agropecuario para el fortalecimiento de la cadena productiva que permitan garantizar el desarrollo de actividades que tengan opciones económicas sostenibles y rentables. Además, asegurar la creación y mantenimiento de grupos de familias en la producción agropecuaria de la zona, que garanticen la oferta de materia prima o producción agropecuaria a un sector al momento de la recolección, preservando la calidad del producto y oferta de valoración de las premisas de los agricultores o socios, al menor costo posible.

13. PROPUESTAS PARA ALINEAR LAS ESTRATEGIAS COOPERATIVAS CON LOS OBJETIVOS DE DESARROLLO SOSTENIBLE (ODS).

El 25 de septiembre de 2015, los 193 países miembros de Naciones Unidas aprobaron un plan de acción para alcanzar, hasta 2030, un futuro más próspero, inclusivo, sostenible y resiliente, orientado por 17 Objetivos de Desarrollo Sostenible. Los ODS representan el consenso mundial sobre cómo afrontar los desafíos que enfrenta la humanidad y el planeta en el siglo XXI y se esfuerzan por ir más allá de los Objetivos de Desarrollo del Milenio, proponiéndose avanzar hacia el desarrollo sostenible y equitativo en todas sus dimensiones (social, económica y ambiental). El reconocimiento del poder y la necesidad de cooperación para lograr este fin abre una puerta a los 8000 millones de habitantes, en particular a través de la aplicación efectiva de formas empresariales inclusivas y de responsabilidad social.

La principal característica distintiva del modelo cooperativo es el énfasis en las personas (multidimensionales) y en el desarrollo holístico de las comunidades, desde la perspectiva de que no se puede lograr

desarrollo humano pleno sin un desarrollo económico y que esto no es posible sin respeto al medio ambiente. El énfasis en la sostenibilidad (económica, social y medioambiental) también ayudará a las personas a navegar el mundo de cambios tumultuosos. Las cooperativas y mutualistas también aportan diversidad, descentralización y complejidad, lo que las diferenciará de otras organizaciones empresariales, lo que las ayudará a adaptarse más rápidamente al rápido cambio y a la creación de oportunidades para los miembros, siempre que sea deseado y beneficioso desde los ángulos estratégicos.

En la tabla 2 se presenta una caracterización comparativa de las cooperativas financieras de la provincia de El Oro, diferenciadas por tamaño: grandes (Segmento 1) y pequeñas/medianas (Segmento 2). Se observa que el Segmento 2 concentra el 78% del total de cooperativas, evidenciando una clara predominancia de entidades más pequeñas. Sin embargo, el Segmento 1 agrupa el 71% de los activos totales y el 71.4% de la cartera de crédito, lo que refleja una alta concentración económica en pocas instituciones. En cuanto al riesgo crediticio, la morosidad promedio es significativamente mayor en el Segmento 2 (5.8%) frente al Segmento 1 (3.2%), lo que podría asociarse a menores capacidades de control y gestión financiera en las cooperativas más pequeñas. En términos territoriales, las cooperativas grandes dominan las zonas urbanas con un 60% de cobertura, mientras que las pequeñas mantienen una presencia del 40%, mayoritariamente en áreas rurales. Esta distribución territorial refuerza su papel en la inclusión financiera, aunque también implica retos estructurales para la sostenibilidad y supervisión del sistema.

Tabla 2. Panorama del sector cooperativo en la Prov de El Oro.

Indicador	Segmento 1 (Grandes)	Segmento 2 (Pequeñas y Medianas)	Total	Análisis
Número de cooperativas	12	45	57	Segmento 2 representa el 78% del total, lo que indica predominancia de cooperativas más pequeñas.
Activos totales (millones USD)	450	180	630	El segmento 1 concentra el 71% de los activos, reflejando una alta concentración económica.

Carteras de crédito (millones USD)	300	120	420	La cartera está alineada con la distribución de activos, pero hay margen para mejorar en el Segmento 2.
Morosidad promedio (%)	3.2%	5.8%	4.6%	El segmento 2 enfrenta mayores desafíos de morosidad, posiblemente por menores controles crediticios.
Cobertura geográfica (%)	60%	40%	100%	Las cooperativas grandes predominan en áreas urbanas, mientras que las pequeñas están en rurales.

El sistema cooperativo financiero enfrenta desafíos estructurales que comprometen su competitividad y capacidad de inclusión. En la tabla 3 se puede apreciar que solo el 35% de las cooperativas han incorporado plataformas digitales, lo que limita su alcance y eficiencia frente a la banca tradicional.

A esto se suma una brecha significativa en cobertura rural, donde el 45% de las comunidades carece de acceso a servicios financieros, lo que refleja una oportunidad estratégica no aprovechada. Las cooperativas también deben enfrentar tasas activas más altas (12%) en comparación con los bancos (9%), debido a mayores costos operativos y restricciones de escala. Además, la pandemia incrementó la morosidad promedio del 3% al 5%, afectando especialmente a las entidades más pequeñas. Por último, el 25% de las cooperativas presenta dificultades para cumplir con las normativas de solvencia, lo que exige una respuesta urgente en capacitación técnica y fortalecimiento institucional. Estos indicadores subrayan la necesidad de una agenda integral que combine digitalización, expansión territorial, eficiencia operativa y mejora regulatoria.

Tabla 3. Desafíos y oportunidades del sector cooperativo.

Aspecto	Indicador/Valor	Análisis
Digitalización	Solo el 35% de las cooperativas tienen plataformas digitales.	Existe una gran oportunidad para invertir en fintech y mejorar el acceso a servicios digitales.
Inclusión financiera	45% de las comunidades rurales no tienen acceso a servicios financieros.	Expansión hacia zonas rurales podría aumentar significativamente la base de socios.

Competitividad	Tasa promedio de interés activa: 12% (cooperativas) vs. 9% (bancos).	Las cooperativas enfrentan dificultades para competir con bancos en términos de costos financieros.
Impacto de la pandemia	Morosidad promedio aumentó del 3% al 5% entre 2020-2023.	Las cooperativas más pequeñas han sido más afectadas, lo que requiere estrategias de mitigación.
Regulación	25% de las cooperativas tienen problemas para cumplir con normativas de solvencia.	Mejorar la capacitación y asesoramiento en cumplimiento regulatorio es una prioridad.

En la tabla 4 se compara indicadores clave entre cooperativas, bancos y entidades financieras alternativas, revelando las fortalezas y limitaciones del modelo cooperativo. Aunque los bancos concentran el 60% de la participación en créditos, las cooperativas tienen un rol relevante en el microcrédito con un 32%, especialmente en zonas rurales donde lideran con una cobertura del 55%, frente al 20% de los bancos. Sin embargo, su participación en ahorro es limitada (25%), lo que indica un amplio margen para mejorar la movilización de depósitos. En cuanto al costo promedio del crédito, las cooperativas registran una tasa del 12%, mayor que la de los bancos (9%), lo que reduce su competitividad frente a clientes sensibles al precio. La morosidad promedio de las cooperativas (4.6%) es aceptable, aunque supera a la de la banca tradicional (2.8%). Estos datos sugieren que, si bien las cooperativas son clave en inclusión rural, necesitan fortalecer su eficiencia operativa, reducir tasas de interés y captar más ahorro para consolidar su posición frente a actores formales y alternativos.

Tabla 4. Evaluación competitiva del sector cooperativo.

Indicador	Cooperativas	Bancos	Entidades Alternativas (ONG, Financieras informales)	Análisis
Participación en créditos (%)	32%	60%	8%	Los bancos dominan, pero las cooperativas son clave en segmentos de microcrédito.
Participación en ahorro (%)	25%	70%	5%	Existe margen para aumentar la captación de ahorros, especialmente en áreas rurales.

Cobertura rural (%)	55%	20%	25%	Las cooperativas lideran en zonas rurales, pero su alcance aún es limitado en ciertas áreas.
Costo promedio del crédito (%)	12%	9%	18%	Las cooperativas deben mejorar su competitividad en tasas para retener y captar clientes.
Morosidad promedio (%)	4.6%	2.8%	10%	Las cooperativas tienen un nivel de morosidad aceptable, pero mayor que los bancos.

La tabla 5 muestra una evolución mixta en los indicadores clave de desempeño del sector cooperativo entre 2020 y 2024. La morosidad promedio aumentó del 3.0% al 4.6%, un alza del 53% que evidencia el impacto prolongado de la pandemia en la cartera crediticia y subraya la urgencia de adoptar estrategias de gestión de riesgos más robustas. En paralelo, el porcentaje de cooperativas con programas de sostenibilidad creció 15 puntos, del 20% al 35%, aunque este avance aún es limitado frente a los desafíos estructurales. El número de socios registrados pasó de 85 mil a 120 mil (+41%), lo cual refleja un crecimiento importante, pero que requiere diversificación de servicios para consolidarse. La inversión en digitalización se triplicó (de 1.5 a 4.2 millones de USD), lo que marca una tendencia positiva, aunque todavía insuficiente para igualar a los bancos en capacidad tecnológica. Finalmente, el cumplimiento regulatorio subió modestamente de 70% a 75%, pero un cuarto del sector aún presenta deficiencias normativas. En conjunto, estos datos revelan progresos, pero también limitaciones críticas que deben ser abordadas con políticas integrales.

Tabla 5. Resiliencia y sostenibilidad del sector cooperativo.

Indicador	Valor 2020	Valor 2024	Cambio (%)	Análisis	Indicador
Morosidad promedio (%)	3.0%	4.6%	+53%	La pandemia afectó significativamente la cartera crediticia, evidenciando necesidad de estrategias de resiliencia.	Morosidad promedio (%)

Programas de sostenibilidad (%)	20% de las cooperativas	35% de las cooperativas	+15 puntos	Aunque ha habido avances, la mayoría de cooperativas aún no priorizan estrategias sostenibles.	Programas de sostenibilidad (%)
Socios registrados (miles)	85	120	+41%	El sector sigue creciendo, pero necesita diversificar servicios para captar más socios.	Socios registrados (miles)
Inversión en digitalización (USD)	1.5M	4.2M	+180%	La inversión en tecnología es positiva, pero aún insuficiente para competir con los bancos.	Inversión en digitalización (USD)
Cumplimiento regulatorio (%)	70%	75%	+5 puntos	A pesar de mejoras, un cuarto de las cooperativas sigue enfrentando problemas regulatorios.	Cumplimiento regulatorio (%)

14. CONCLUSIONES

A partir de lo expuesto en este capítulo se concluye que el conocimiento obtenido acerca de la realidad del sector cooperativo y sus agremiados es relevante, puesto que demuestra la necesidad de apoyo a cooperativas que actualmente se encuentran en crisis y para el desarrollo rural y local, tal como constata los análisis efectuados en la provincia de El Oro que ponen en relieve la situación crítica de ese sector. Ese reconocimiento permite avanzar en la estrategia de fortalecimiento cooperativo y en el diseño de programas de formación, asistencia técnica y apoyo a nivel de las cooperativas.

Ante los desafíos planteados, existen estrategias concretas de fortalecimiento y desarrollo del sector cooperativo y ellas pasan afortunadamente por la formación aumentada, para mejorar el desempeño de los socios, capacitación técnica para realizar mejores servicios, un mejor balance entre la oferta y la demanda de servicios, que esté posibilitada por información, promoción e incentivos a la agricultura, conservación, desarrollo rural y sostenibilidad, y una adecuada identidad y promoción

institucional, que, apoyadas por sistemas de aseguramiento de la calidad, sean las exigencias de los agricultores y las instituciones de recaudación, asistan preferentemente a la sistematización y a la información relevante en un contexto global y tecnológico.

15. RECOMENDACIONES

Como recomendaciones se propone las siguientes acciones:

- Crear una Comisión Interinstitucional con el objetivo de impulsar el desarrollo en los ejes de Comercialización e Internacionalización, Innovación y Gerencias, Estrategias de Sustentabilidad y Competitividad, Asesoramiento normativo y legal.
- Se recomienda para la Comisión Interinstitucional la conformación de los diferentes actores en el sector público local, para lograr el respaldo necesario que permitirá trabajar en general y en equipo para establecer los lineamientos estratégicos y operativos.
- Los miembros iniciales que se proponen en la conformación de la Comisión Interinstitucional: el Prefecto de El Oro, quien asumirá la Coordinación; Presidente del Consejo de la Judicatura, Vocal en funciones; Director de Promoción de Agroexportaciones del Ministerio de Agricultura, Ganadería, Acuacultura y Pesca; Asistencia Técnica, Representante de CACPEO; Director del Servicio de Riesgos del S.R.L.O.; Gerente de la Cámara de Comercio de Machala; Presidente del Directorio del IRCO, se propone realice un cronograma de implementación de 40 horas, con el apoyo de la Federación de El Oro.

REFERENCIAS

Gualpa, A. (2021). Determinantes del Desempeño Financiero de Las Cooperativas de Ahorro Y Crédito del Ecuador. Obtenido de <https://www.redalyc.org/journal/5711/571167877010/html/>

Benavides, I. (2023). Evaluación del sistema de control interno de la Cooperativa Manantial de Oro a través de la metodología coso III y propuesta de mejoramiento. Obtenido de <https://www.dspace.uce.edu.ec/entities/publication/68ced4ce-c6f7-4e9f-aec9-1279cc15f2ed>

Bencomo, O. (2022). Planificación del desarrollo provincia el oro y cantón Machala: examen crítico desde la dimensión cultural. Obtenido de http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1990-86442022000200345

Betancourt, R. X., y Verdezoto, M. A. (2023). Desafíos y Oportunidades para las Cooperativas de Ahorro y Crédito en el Contexto Global. Obtenido de <https://polodelconocimiento.com/ojs/index.php/es/article/view/5731/html>

Comultrasan, F. (s.f). Cuál es la diferencia entre banco y cooperativa. Obtenido de <https://www.financieracomultrasan.com.co/es/5-diferencias-entre-las-cooperativas-y-los-bancos>

Correa Mautz, F. (2022). Instituciones y políticas públicas para el desarrollo cooperativo en América Latina. CEPAL. Obtenido de <https://www.cepal.org/es/publicaciones/47664-instituciones-politicas-publicas-desarrollo-cooperativo-america-latina>

Ecuador, B. C. (2024). Informe de la Evaluación de la Economía Ecuatoriana. Obtenido de https://contenido.bce.fin.ec/documentos/Administracion/EvolEconEcu_2023pers2024.pdf

Espinoza, J. E., Armijos, D. G., Pacheco-Molina, A., y Chipantiza, V. L. (2022). Impacto de la Covid-19 en la cartera de las cooperativas de ahorro y crédito. <https://doi.org/10.51247/st.v5i2.205>

Fernández, A., Fernández, R. R., Rivera, C. A., y Calero, S. (2017). DESAFÍOS EN LA GESTIÓN DE LAS COOPERATIVAS DE PRODUCCIÓN AGROPECUARIA TABACALERAS DE LA PROVINCIA PINAR DEL RÍO, CUBA. Obtenido de <https://www.redalyc.org/journal/1992/199245407007/html/>

Guillermo, H. D. (s.f). Clasificación de cooperativas financieras en Ecuador y su afectación en la eficiencia financiera de los segmentos 4 y 5 en Portoviejo. Obtenido de http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2073-60612021000200023

Latina, A. (2021). OIT destaca el potencial de los sectores productivos de la economía rural para una recuperación sostenible con trabajo decente. Obtenido de <https://www.ilo.org/es/resource/news/oit-destaca-el-potencial-de-los-sectores-productivos-de-la-economia-rural>

María Cristina Useche Aguirre, L. M. (2020). Fórmula estratégica empresarial para pymes en Ecuador ante la covid-19. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/empresa/a.9309>

Perez, A. A., Vera, Q. L., y Rivadeneira, P. I. (2024). Gestión del riesgo de liquidez en las cooperativas de ahorro y crédito. <https://doi.org/10.56124/jbs.v5i1.007>

Serrano, L. A. (2019). Características emprendedoras del Sector Cooperativista de la Economía Popular y Solidaria, Provincia de El Oro. Obtenido de http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?pid=S2528-79072019000200108yscript=sci_arttext

Social, M. d. (s.f). El control del sistema cooperativo se traspasa a la Superintendencia de Economía Popular y Solidaria. Obtenido de <https://www.inclusion.gob.ec/el-control-del-sistema-cooperativo-se-traspasa-a-la-superintendencia-de-economia-popular-y-solidaria/>

Solidaria, L. d. (s.f). PRIMERA PARTE DE LAS FORMAS DE ORGANIZACIÓN DE LA ECONOMÍA POPULAR Y SOLIDARIA. Obtenido de https://www.inclusion.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2012/07/ley_economia_popular_solidaria.pdf

Solidaria, S. d. (2024). Segmentación de entidades del SFPS, año 2024. Obtenido de <https://www.seps.gob.ec/institucion/segmentacion-de-esfps/>

Vige, W. (2024). Mitigación de riesgos: cómo proteger a tu empresa en tiempos de cambio. Obtenido de <https://asana.com/es/resources/risk-mitigation>

CAPÍTULO 6

GESTIÓN DEL ENDEUDAMIENTO Y LAS FINANZAS DEL HOGAR, UNA REVISIÓN DE LITERATURA

RESUMEN: El presente capítulo desarrolla una revisión sistemática y bibliométrica de la literatura académica relacionada con el endeudamiento y la gestión de las finanzas del hogar, utilizando el enfoque PRISMA y datos de Scopus. Se identificaron 58 estudios clave publicados entre 1995 y 2025, evidenciando un crecimiento sostenido del interés académico, especialmente tras la crisis del COVID-19. El análisis muestra que los temas de mayor desarrollo giran en torno a la deuda de los hogares, la educación financiera, y la inclusión digital, destacando a China como un caso relevante en la investigación reciente. Además, se abordan las implicaciones económicas, psicológicas y sociales del endeudamiento, revelando cómo el uso excesivo del crédito, especialmente mediante tarjetas, deteriora la capacidad de ahorro e incrementa el estrés financiero. La distribución geográfica de la producción científica evidencia desequilibrios en la generación de conocimiento, mientras que los patrones temáticos señalan una transición desde enfoques estructurales hacia estudios más conductuales y contextuales. Este trabajo ofrece una contribución significativa al campo al integrar hallazgos empíricos, análisis temático y dimensiones socioeconómicas, permitiendo una comprensión más amplia de los factores que condicionan el endeudamiento familiar y sus consecuencias sobre el bienestar.

PALABRAS CLAVES: endeudamiento de los hogares; finanzas de los hogares; educación financiera; finanzas personales.

HOUSEHOLD DEBT AND FINANCIAL MANAGEMENT: A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: This chapter presents a systematic and bibliometric review of academic literature related to household debt and financial management, employing the PRISMA methodology and Scopus data. A total of 58 key studies published between 1995 and 2025 were identified, reflecting a sustained growth of academic interest, particularly following the COVID-19 crisis. The analysis reveals that the most developed themes revolve around household debt, financial literacy, and digital inclusion, with China emerging as a prominent case in recent research. Additionally, the chapter explores the economic, psychological, and social implications of

indebtedness, highlighting how excessive credit use—especially through credit cards—undermines saving capacity and increases financial stress. The geographic distribution of scientific production shows disparities in knowledge generation, while thematic patterns indicate a shift from structural approaches to more behavioral and context-sensitive studies. This work makes a significant contribution to the field by integrating empirical findings, thematic analysis, and socioeconomic dimensions, thereby providing a broader understanding of the factors that shape household indebtedness and its impact on well-being.

KEYWORDS: household debt; household finance; financial literacy; personal finance.

GESTÃO DO ENDIVIDAMENTO E DAS FINANÇAS DOMÉSTICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO: Este capítulo apresenta uma revisão sistemática e bibliométrica da literatura acadêmica relacionada ao endividamento e à gestão das finanças domésticas, utilizando a metodologia PRISMA e dados da base Scopus. Foram identificados 58 estudos-chave publicados entre 1995 e 2025, evidenciando um crescimento contínuo do interesse acadêmico, especialmente após a crise da COVID-19. A análise revela que os temas mais desenvolvidos giram em torno do endividamento das famílias, da educação financeira e da inclusão digital, com destaque para a China como um caso relevante na pesquisa recente. Além disso, são discutidas as implicações econômicas, psicológicas e sociais do endividamento, demonstrando como o uso excessivo de crédito — especialmente por meio de cartões — compromete a capacidade de poupança e aumenta o estresse financeiro. A distribuição geográfica da produção científica revela desequilíbrios na geração de conhecimento, enquanto os padrões temáticos apontam para uma transição de abordagens estruturais para estudos mais comportamentais e contextuais. Este trabalho oferece uma contribuição significativa ao campo ao integrar achados empíricos, análise temática e dimensões socioeconômicas, permitindo uma compreensão mais abrangente dos fatores que condicionam o endividamento familiar e suas consequências sobre o bem-estar.

PALAVRAS-CHAVE: endividamento das famílias; finanças domésticas; educação financeira; finanças pessoais.

1. INTRODUCCIÓN

La gestión de las deudas y finanzas en los hogares, ha resultado en el devenir de la última década un tema de creciente interés en el ámbito académico y social. Se precisa, para el contexto económico global un eje temático caracterizado por la incertidumbre y la volatilidad. Haciendo

una referencia puntual, las deudas de los hogares están relacionadas con préstamos hipotecarios, créditos al consumo y otras obligaciones financieras, que guardan un impacto significativo y de gran envergadura en las acciones que se conciben indispensables para la estabilidad económica de las familias y, por ende, en la economía en su conjunto (Díaz, Sosa, y Cabello, 2019).

Tal y como se ha referido, las deudas son características en los hogares, es decir, la mayor parte de las adquisiciones de una familia clase media resultan por financiamientos, éstas pueden afectar las finanzas en el momento que se observa el sobreendeudamiento, causal en la actualidad de estrés y desarrollo de patologías producidas por los nervios que genera la incertidumbre ante las posibles acciones por retrasos en los pagos.

Asociado a esto, utilizar correctamente el dinero es lo que garantiza la gestión idónea de las finanzas personales, acción fundamental para los individuos, fundamenta una reducción posible a una de las causas que incrementa los niveles de estrés en los adultos (Aubrey y etal, 2019). De modo, que puede interpretarse la tensión por sobreendeudamiento a la carente posesión de ahorros, situación que propicia en los hogares: depresión, divorcios, desmejoramiento de la salud, y de existir negocios la quiebra (Gerrans y Heaney, 2019).

En el ámbito de la economía familiar, es aconsejable elaborar un presupuesto que permita planificar los gastos y proyectar los ingresos. Asimismo, es importante asignar una parte fija a los ahorros, inversiones y la adquisición de bienes. Todo esto con el objetivo de preservar la estabilidad del hogar y, sobre todo, fomentar el crecimiento de los activos que conforman el patrimonio familiar (Chávez, 2022).

Entonces, en el análisis de la economía familiar cada vez resultan recurrentes en la conducta financiera familiar. Al respecto, las secuelas de los eventos como la crisis financiera del 2008 o los efectos económicos derivados de la crisis sanitaria de la COVID 19, propiciaron la desaparición de incuantificables puestos de trabajo, afectando principalmente labores que exigen una poca cualificación profesional y llevando a esos grupos de

personas a insertarse laboralmente en actividades de auto subsistencia y la informalidad (López-Vera, 2017).

Las tendencias actuales están asociadas a factores que tienen influencia en la toma de decisiones financieras, entre estos se encuentran las deudas con una marcada acción que no optimiza sino dificulta la calidad de vida de los individuos, y asimismo, de las familias. Para efectos de este artículo, es pertinente el análisis la relación entre el endeudamiento de los hogares y su situación financiera, destacando cómo han evolucionado estas dinámicas en la literatura académica.

Es importante destacar que las observaciones realizadas en esta revisión surgen del análisis de las predisposiciones actuales y de los elementos que afectan la toma de decisiones financieras. Asimismo, se consideran los alcances de estas deudas en la calidad de vida de los hogares. A través de una dirección metodológica rigurosa, se busca desarrollar un punto de vista integral que facilite una mejor comprensión de las finanzas y su vínculo con el bienestar social.

Específicamente, se plantean las siguientes preguntas: ¿Cómo influye el endeudamiento en la capacidad de ahorro y la inversión de los hogares?, ¿Qué impacto tiene el endeudamiento de los hogares en su bienestar económico y psicológico?, ¿Qué factores determinan que los hogares tomen decisiones de endeudamiento?, ¿Cómo varían las consecuencias del endeudamiento en diferentes contextos económicos, regiones y ciclos económicos? A modo de estructuración, en la parte 2 se presentan los aspectos metodológicos, asimismo, en la parte 3 los resultados, que demuestran resultados relevantes, posterior a ello, las conclusiones y recomendaciones.

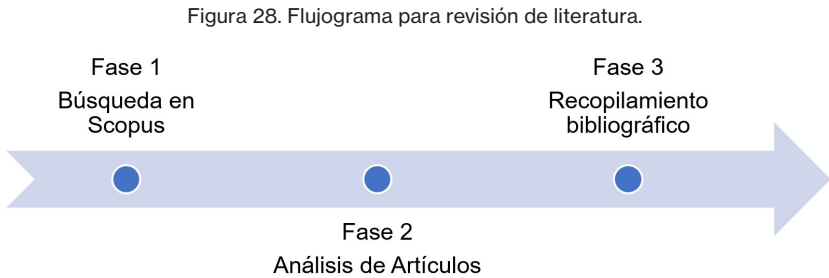
2. METODOLOGÍA

Los aspectos metodológicos del presente artículo parten de la inserción del enfoque PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses, (Moher, 2009), con el objetivo de alcanzar la identificación de estudios para la posterior sintetización de los

resultados. Dentro de los utilizados se encuentran los indexados en la base SCOPUS.

Los criterios de inclusión para esta revisión fueron artículos que discutan sobre “household debt” y “household finance” en revistas académicas revisadas por pares, estudios empíricos, teóricos y revisiones previas que aborden los efectos del endeudamiento en la estabilidad financiera de los hogares, y publicaciones en inglés y español (o cualquier otro idioma que domines), publicadas en los últimos 20 años. Dentro de los criterios de exclusión, aquellos que no se enfoquen en el nivel del hogar o que discutan la deuda a nivel macroeconómico sin vinculación directa con los hogares y artículos que no ofrezcan resultados empíricos ni análisis sistemáticos.

En la etapa dos, destacar la clasificación de los artículos que se enfocaron en la deuda de los hogares y finanzas de los hogares, seguidamente, en la etapa 3 una recopilación de los aportes de los estudios. Para precisar finalmente, la discusión y conclusiones. En la figura 28 se muestra el flujo de actividades necesarias para el desarrollo de la metodología expuesta.



3. RESULTADOS

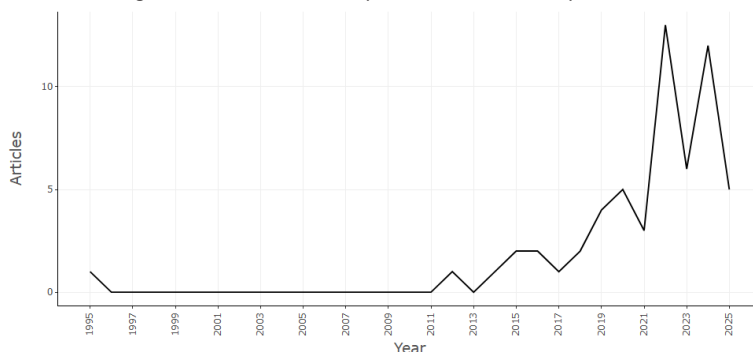
En la figura 29 se muestra un análisis bibliométrico de publicaciones indexadas en Scopus relacionadas con los términos “household debt” y “household finance”, abarcando el periodo de 1995 a 2025.

Figura 29. Evolución de interés académico en endeudamiento y finanzas de los hogares.



En total, se identificaron 58 documentos provenientes de 51 fuentes distintas, con una tasa de crecimiento anual del 5.51 %, lo que indica un interés sostenido y creciente en la temática. Participaron 141 autores, aunque solo 11 publicaron trabajos de autoría única, lo que refleja una tendencia marcada hacia la colaboración, como lo confirma el promedio de 2.52 coautores por documento. Además, el 25.86 % de los trabajos involucraron coautoría internacional, evidenciando la dimensión global del fenómeno del endeudamiento y las finanzas de los hogares. Las publicaciones acumulan 2,555 referencias y utilizan 174 palabras clave distintas, lo que sugiere una riqueza conceptual y diversidad temática significativa. La edad promedio de los documentos es de 4.1 años, lo que implica que el cuerpo de literatura es relativamente reciente. Finalmente, el promedio de citas por documento es de 10.45, un valor que indica una influencia académica moderada en el campo. Este panorama revela un área de investigación en consolidación, con fuerte colaboración internacional y creciente producción científica.

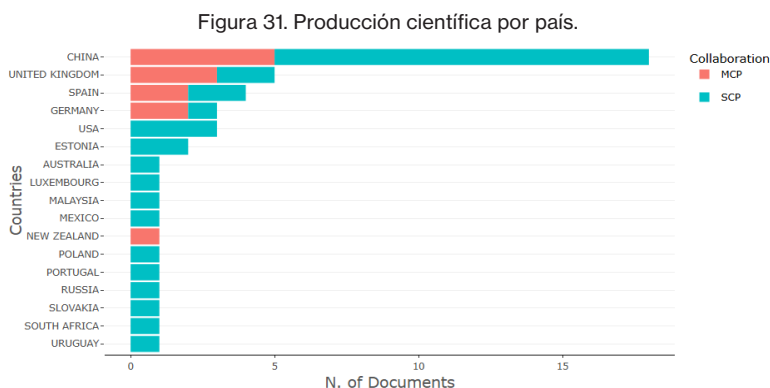
Figura 30. Evolución de la producción científica por año.



La figura 30 muestra la evolución temporal del número de artículos publicados entre 1995 y 2025, según datos extraídos de Scopus. El análisis revela una actividad investigadora prácticamente nula desde 1996 hasta aproximadamente 2011, con publicaciones aisladas o inexistentes durante más de una década. A partir de 2012 se observa un repunte paulatino, con un crecimiento más marcado desde 2017. Este incremento se acentúa notablemente a partir de 2020, cuando la producción anual supera por primera vez los cinco artículos, alcanzando su punto máximo en 2021 y 2023 con más de 11 publicaciones por año.

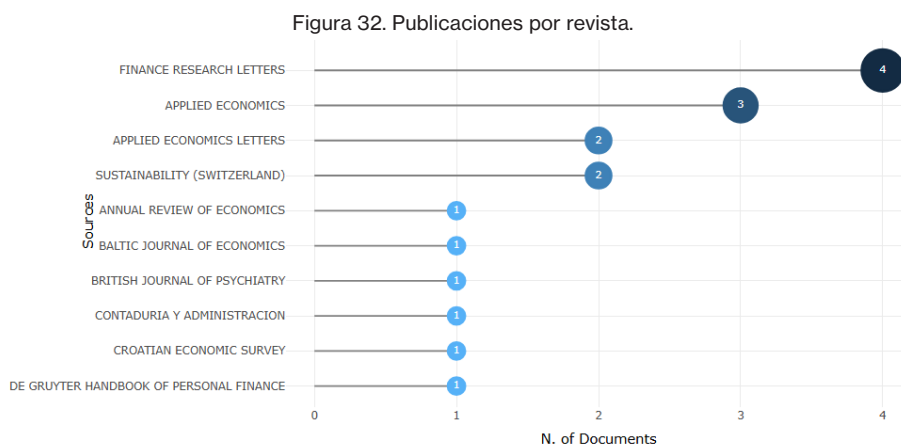
Esta aceleración sugiere un renovado y creciente interés académico en las finanzas y el endeudamiento de los hogares, posiblemente impulsado por factores como la crisis del COVID-19, el aumento del costo de vida, y el endeudamiento estructural en economías desarrolladas y emergentes. La caída observada en 2024 y 2025 podría deberse a la naturaleza incompleta de los registros más recientes, más que a una disminución real del interés. La figura revela una transformación de la agenda investigadora hacia una mayor atención a las dinámicas financieras de los hogares en contextos económicos inciertos y cambiantes.

La figura 31 presenta la distribución geográfica de la producción científica, desagregada por tipo de colaboración: producción exclusivamente nacional (SCP) y colaboración multinacional (MCP). China lidera claramente el campo con casi 20 documentos, de los cuales una proporción significativa corresponde a investigación doméstica (SCP), lo que indica una sólida capacidad investigadora interna.



Le siguen el Reino Unido, España y Alemania, aunque con una producción significativamente menor. En estos países, especialmente el Reino Unido y España, se observa un mayor equilibrio entre producción nacional e internacional, lo que sugiere una cultura académica más orientada a la cooperación transnacional. Estados Unidos también presenta una producción destacable, exclusivamente en el ámbito nacional, lo que puede reflejar una preferencia por enfoques endógenos o recursos institucionales autosuficientes. Otros países como Estonia, Australia, Luxemburgo y México participan con pocos documentos, todos ellos de producción nacional, lo que sugiere un menor grado de internacionalización. Por otro lado, países como Nueva Zelanda muestran producción únicamente en coautoría internacional, lo cual podría indicar dependencia de redes académicas externas para abordar estos temas.

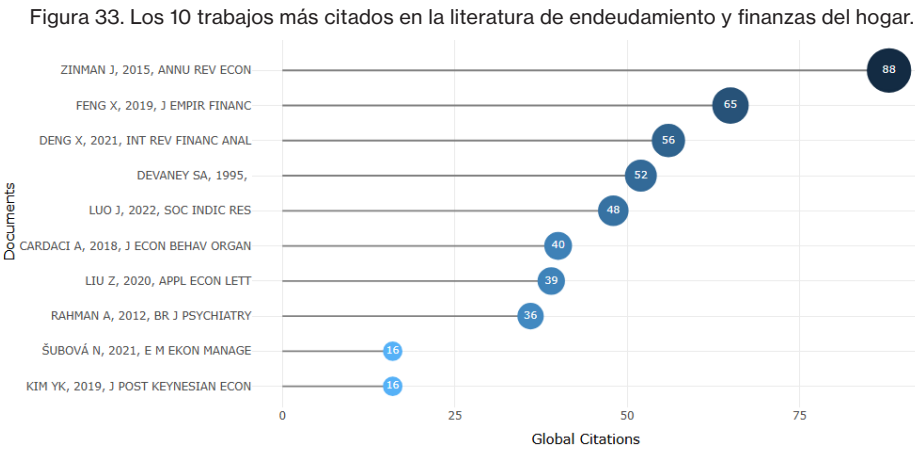
En la figura 32 se muestra las principales fuentes académicas, destacando tanto la cantidad de documentos por revista como su concentración temática. La revista Finance Research Letters lidera el ranking con 4 publicaciones, seguida por Applied Economics con 3, y Applied Economics Letters y Sustainability (Switzerland) con 2 cada una.



Estas cuatro fuentes representan los núcleos más activos en la difusión de estudios sobre deuda y finanzas del hogar, lo que sugiere que el interés en esta temática se concentra especialmente en revistas

de economía aplicada y finanzas. El resto de las publicaciones, como *Annual Review of Economics*, *Baltic Journal of Economics*, *British Journal of Psychiatry* y otras, registran solo un artículo cada una, lo que refleja un abordaje más esporádico o interdisciplinario. La presencia de revistas como *Sustainability* o *British Journal of Psychiatry* indica que el estudio de la deuda de los hogares también está siendo tratado desde perspectivas ambientales y de salud mental, ampliando el enfoque más allá del análisis económico tradicional. En suma, la figura evidencia una concentración moderada en ciertas revistas clave, pero también una dispersión temática que sugiere el carácter multifacético y transversal del fenómeno.

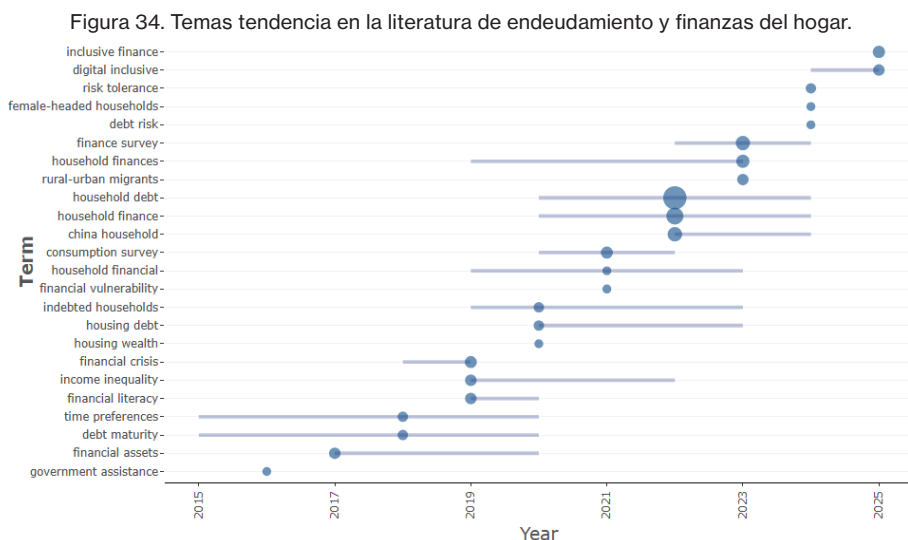
La figura 33 presenta los documentos más citados a nivel global, mostrando los trabajos que han tenido mayor impacto académico en esta área. El artículo más citado es el de Zinman (2015) en *Annual Review of Economics*, con 88 citas, lo que lo posiciona como una referencia clave en la literatura.



Le siguen los trabajos de Feng et al., (2019) con 65 citas y Deng et al., (2021) con 56, ambos publicados en revistas de economía financiera de alto perfil. Este patrón muestra que los estudios más influyentes se concentran en revistas especializadas en economía y finanzas, lo que confirma la centralidad del enfoque económico en el estudio del endeudamiento de los hogares. También destacan artículos con orientación interdisciplinaria, como

el de Rahman (2012) en *British Journal of Psychiatry*, que ha acumulado 36 citas, lo que sugiere un interés creciente por las dimensiones psicológicas y de salud mental asociadas a la deuda. En el rango inferior del gráfico, con 16 citas cada uno, figuran los trabajos de Šubová (2021) y Kim (2019), que, si bien tienen menor impacto, forman parte del cuerpo consolidado de literatura sobre el tema.

La figura 34 representa una línea temporal de los términos clave asociados a las investigaciones sobre “household debt” y “household finance”, mostrando la evolución temática del campo entre 2015 y 2025. Cada término está acompañado por una línea que indica su periodo de uso y un círculo cuyo tamaño representa la frecuencia de aparición.



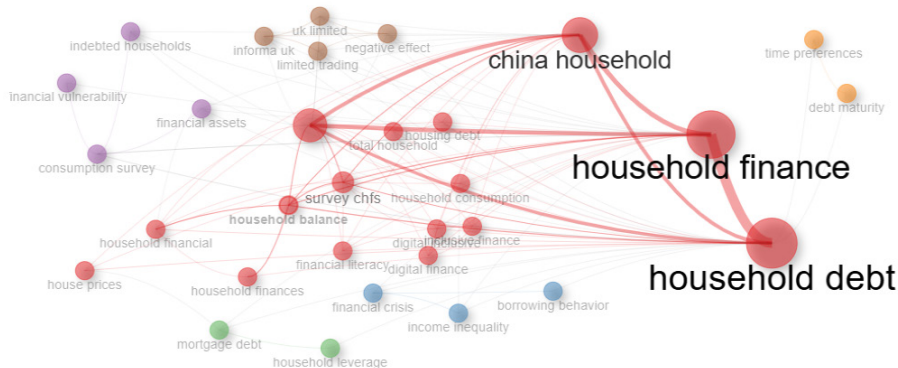
En los años iniciales (2015–2018), los conceptos predominantes estaban centrados en fundamentos clásicos como *debt maturity*, *financial assets*, *time preferences* e *income inequality*, reflejando un enfoque macroeconómico y estructural. A partir de 2019, emergen con fuerza nuevas líneas de investigación como *financial literacy*, *financial crisis*, y *housing debt*, vinculadas posiblemente al impacto socioeconómico post-crisis global y al auge de la educación financiera. Desde 2021 en adelante, el campo se diversifica notablemente: aparecen temas como *china household*,

consumption survey, financial vulnerability, y indebted households, lo que señala un giro hacia estudios empíricos de corte más granular y con mayor atención a contextos específicos.

En años más recientes (2023–2025), destacan términos como inclusive finance, digital inclusive, y risk tolerance, lo cual sugiere un viraje hacia preocupaciones contemporáneas como la inclusión financiera digital, el acceso desigual al crédito y la psicología económica del hogar. La figura revela así una progresiva sofisticación conceptual y un desplazamiento desde enfoques estructurales hacia análisis conductuales, tecnológicos y contextualmente diferenciados.

La figura 35 representa una red de coocurrencia de palabras clave en publicaciones científicas. Cada nodo representa un término, y su tamaño refleja la frecuencia con que aparece; las líneas indican conexiones temáticas (coocurrencias) entre términos. A continuación, se ofrece un análisis riguroso para cada uno de los tres nodos principales.

Figura 35. Red de co-ocurrencia en la literatura de endeudamiento y finanzas del hogar.



1. household debt

Este es el nodo más destacado, lo que indica que es el eje central de la literatura analizada. Su alto grado de conexión sugiere que el endeudamiento de los hogares es un fenómeno que se aborda desde múltiples ángulos: aparece relacionado directamente con temas como household finance, china household, survey chfs, housing debt, y financial literacy, entre otros. Su centralidad evidencia que no solo

se analiza como una variable económica agregada, sino también en relación con determinantes sociales, comportamentales y estructurales. El término conecta con investigaciones sobre financial crisis, mortgage debt, y borrowing behavior, lo que refuerza su relevancia en contextos de vulnerabilidad económica y riesgo financiero.

2. household finance

El segundo nodo más grande refleja el enfoque integral de las finanzas del hogar, más allá del endeudamiento. Aunque estrechamente vinculado a household debt, su alcance es más amplio e incluye temas como household balance, digital inclusive finance, financial consumption, y financial literacy, mostrando que las investigaciones abordan tanto la capacidad de ahorro, gestión financiera y comportamiento económico, como la inclusión digital y financiera. Su rol como puente temático destaca su importancia como marco conceptual general desde el cual se derivan distintas líneas de análisis.

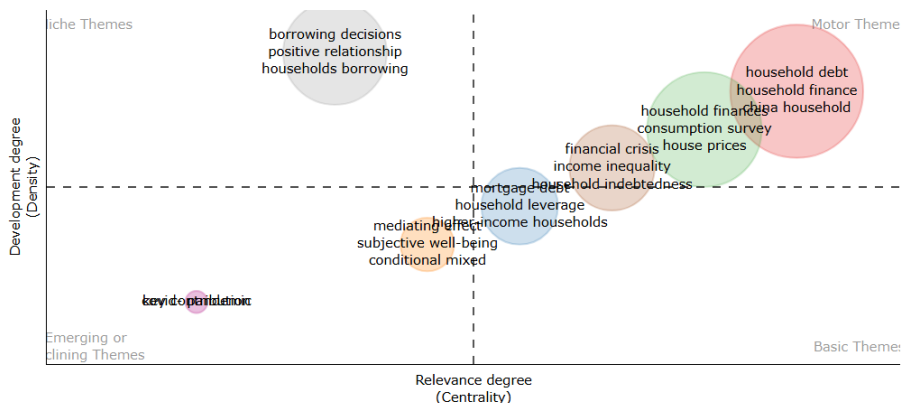
3. china household

Este nodo representa un enfoque geográfico-temático específico, pero con una fuerte presencia e interconectividad. La prominencia del término refleja la creciente producción científica centrada en los hogares chinos, lo que podría explicarse por la expansión del crédito en China, las reformas financieras internas y el tamaño del mercado. Se conecta directamente con household finance, household debt, survey chfs y housing debt, lo que indica un interés en estudiar la estructura del endeudamiento y la capacidad financiera de los hogares en el contexto económico y social particular de China.

En conjunto, la red muestra una estructura temática en la que “household debt” actúa como núcleo de preocupación empírica, “household finance” como categoría paraguas conceptual, y “china household” como caso de estudio privilegiado, lo que señala una agenda de investigación dinámica y orientada tanto a marcos generales como a análisis específicos y regionales. Finalmente, la figura 36 presenta un diagrama de temas (thematic map) basado en el análisis de co-palabras, que clasifica las

temáticas del campo de estudio de “household debt” y “household finance” según dos ejes: centralidad (relevancia dentro del campo) y densidad (grado de desarrollo interno). La figura se divide en cuatro cuadrantes, los cuales representan distintos tipos de temáticas académicas. A continuación, se ofrece un análisis riguroso y exhaustivo de cada uno.

Figura 36. Mapa temático de la literatura de endeudamiento y finanzas del hogar.



Cuadrante superior derecho: Temas Motores (Motor Themes)

Este cuadrante contiene los temas más relevantes y mejor desarrollados del campo. Aquí se ubican términos como household debt, household finance y china household, que constituyen el núcleo de la producción científica actual. Estos temas muestran alta centralidad –es decir, están conectados con múltiples áreas del campo– y también alta densidad, lo cual indica que han generado marcos teóricos y empíricos robustos. La presencia de estos términos sugiere que la literatura ha consolidado un cuerpo significativo de conocimiento centrado en el endeudamiento de los hogares, sus finanzas generales y estudios de caso geográficamente relevantes como China.

Cuadrante inferior derecho: Temas Básicos (Basic Themes)

Este cuadrante agrupa temas con alta relevancia pero desarrollo limitado. Entre ellos se encuentran financial crisis, house prices, consumption survey, income inequality, indebtedness, household leverage, y mortgage debt. Estos temas son fundamentales para entender la dinámica

general del campo, pero presentan menor densidad, lo que indica que aún necesitan mayor exploración teórica o metodológica. Se trata de áreas bien conectadas que funcionan como pilares contextuales o explicativos de los temas motores, y que podrían beneficiarse de enfoques más sistemáticos o comparativos.

Cuadrante superior izquierdo: Temas de Nicho (Niche Themes)

Los temas en este cuadrante, como borrowing decisions, positive relationship y households borrowing, tienen alta densidad pero baja centralidad. Esto indica que son tópicos muy específicos, con marcos teóricos bien desarrollados pero escasamente conectados con el resto del campo. Estos temas suelen representar áreas de especialización o líneas de investigación con escasa aplicación general, aunque pueden ser cruciales en estudios empíricos detallados. Su carácter de nicho los hace valiosos para explorar fenómenos particulares, pero limitados en cuanto a su capacidad para influir en el desarrollo global del campo.

Cuadrante inferior izquierdo: Temas Emergentes o en Declive (Emerging or Declining Themes)

Este es el cuadrante más débil en términos de impacto académico, donde se encuentran términos como key to participation y crypto participation. La baja centralidad y densidad de estos temas sugiere que o bien están en las primeras etapas de exploración –por ejemplo, el caso de la participación en criptomonedas como fenómeno emergente– o bien han perdido tracción en la investigación actual. Estos tópicos pueden representar oportunidades para investigaciones futuras si logran articularse mejor con las temáticas centrales, pero por el momento no constituyen núcleos significativos del campo.

4. MAPEO DE APORTES SIGNIFICATIVOS DE LA LITERATURA

Tang (2021) indicó que “al tomar decisiones de inversión y elección de cartera, las personas necesitan comprender diversos productos financieros, calcular indicadores de rendimiento, analizar problemas

complejos y encontrar soluciones óptimas, todas las cuales se consideran actividades “intensivas en información”. Se espera que este tipo de decisiones financieras exijan una mayor capacidad para recuperar, integrar y procesar información que las tareas financieras básicas, como pagar las facturas a tiempo” (s.p).

Mientras, que Jin y et.al (2025), definieron las restricciones crediticias como “resultado de la asimetría de la información en el mercado, que impide a las instituciones financieras evaluar con precisión el riesgo del prestatario antes de otorgar el préstamo” (s.p). Esto conduce a mayores costos de monitoreo posterior al préstamo y a una brecha crónica entre la oferta de crédito formal y la demanda de los prestatarios. Algunos prestatarios son excluidos del mercado de crédito formal porque no pueden cumplir con los criterios de préstamo establecidos por las instituciones financieras.

Las personas a menudo se endeudan más allá de su capacidad de pago por diversas razones. Entre estos factores se incluyen eventos inesperados, aspectos psicológicos, condiciones del mercado y características demográficas. Entre los eventos de riesgo destacan la pérdida de empleo, gastos médicos imprevistos, crisis económicas y una mala gestión financiera en los hogares (Al-Smadi, 2023).

En términos generales, se considera que una persona está sobre endeudada si enfrenta de manera constante dificultades para cumplir con sus obligaciones financieras, ya sea en relación con deudas, el pago del alquiler, los servicios básicos o cualquier otra factura vinculada a los gastos del hogar. Si a esta situación, se suma una educación financiera deficiente o incluso la ausencia de esta, que se manifiesta en la dificultad para entender conceptos como la tasa de interés y los costos asociados que incrementan su endeudamiento y se acentúa aún más.

No obstante, el uso de tarjetas de crédito como método de pago también ha llevado a que muchos tarjetahabientes las utilicen como una forma de obtener liquidez adicional. Los avances en efectivo son un mecanismo que permite al titular de la tarjeta retirar una cierta cantidad

de dinero, utilizando su línea de crédito. De este modo, logra acceder a un crédito que puede saldar en su totalidad en el siguiente ciclo de facturación o abonar en cuotas.

De manera, que la facilidad para realizar retiros, ya sea a través de cajeros automáticos o mediante solicitudes en una agencia bancaria, junto con la falta de conocimiento sobre los costos asociados a estas transacciones, ha llevado a un uso descontrolado de este producto financiero (Fariás, 2017). Esto, a su vez, impacta en la calidad del endeudamiento de las personas.

Las consecuencias negativas de las familias que tienen deuda se ven reflejadas en la reducción de disponibilidad de ahorros, pagan más intereses y reduce los recursos disponibles para otros gastos, reduce la flexibilidad de hacer frente a gastos inesperados, incrementa la falta de confianza crediticia en instituciones.

Un factor para que se den este tipo de consecuencias, es la facilidad de uso y la conveniencia de las tarjetas de crédito en que las familias las utilizan, no solo para compras ocasionales, sino también para transacciones cotidianas, como la compra de alimentos, los servicios públicos y otros gastos ordinarios. Esta creciente tarjeta de crédito ha cambiado la economía local, lo que hace que el crédito sea una parte importante de la planificación financiera diaria.

La Red de Instituciones Financieras del Ecuador (RDF, 2024) publicó que, “no está bien pagar la comida del supermercado con tarjeta de crédito y a 6 o 12 meses, porque es algo que consumimos a diario”, en Ecuador, de acuerdo a un análisis de la RFD a inicios de este año, reveló que los ecuatorianos cada vez pagan en este tipo de locales con tarjeta de crédito. Los tarjetahabientes, son personas, que realizan compras de bienes y servicios en establecimientos afiliados al sistema, con la opción de diferir el pago o hacerlo a crédito. Es importante tener en cuenta que el Tarjetahabiente no puede utilizar la tarjeta para fines ilegales, lo que incluye la adquisición de bienes o servicios que estén prohibidos por la legislación local aplicable.

5. ACTITUDES DEL TARJETAHABIENTE ECUATORIANO EN EL USO DE SU TARJETA DE CRÉDITO. CARACTERIZACIONES CONCEPTUALES

Hoy en día, las tarjetas de crédito se han convertido en una herramienta de consumo masivo a nivel global, por la facilidad de utilización se ha extendido en mercados el mundo, incluyendo centros comerciales, restaurantes y farmacias en cualquier ciudad. Asimismo, el internet ha emergido como una plataforma virtual para realizar operaciones, permitiendo que las transacciones financieras se realicen con facilidad a través de tarjetas de crédito.

Los sistemas tanto financieros y comerciales, están llamados a garantizar el ahorro de las personas, su función de intermediación permite impulsar la actividad económica, facilitando el flujo de fondos desde aquellos que tienen recursos monetarios excedentes hacia quienes los necesitan. En este proceso, los intermediarios financieros juegan un papel crucial, ya que se encargan de captar los depósitos del público y, a su vez, proporcionan préstamos a quienes demandan esos recursos (Morocho, 2019).

La cultura financiera refiere ideas, percepciones, actitudes, costumbres y reglas frente al mundo del dinero y las instituciones que en él intervienen. Cabe considerar a López (2020): “El uso de tarjetas de crédito en Ecuador ha crecido significativamente, pero la falta de educación financiera ha hecho que el endeudamiento de los consumidores crezca” (p.45). Mencionar cultura en este contexto del uso de tarjetas insta a valorar resultados y la educación en un proceso de aprendizaje.

Asumiendo lo anterior, el uso excesivo de las tarjetas de crédito, sumado a la falta de conocimiento en su manejo, impacta negativamente en el historial crediticio de una persona y en su capacidad para cumplir con los pagos, limitando el acceso a beneficios financieros, así como la posibilidad de obtener créditos en instituciones bancarias y de avanzar económicamente. Con un perfil así, se vuelve difícil acceder al financiamiento necesario para llevar a cabo proyectos empresariales o emprendimientos.

Al respecto, las actitudes del tarjetahabiente ecuatoriano en el uso de su tarjeta de crédito exhortan a ser analizadas desde diversas perspectivas,

partiendo del comportamiento del consumidor, la gestión financiera personal y la influencia cultural como aristas en el proceso, en virtud de estas asunciones, se precisan algunas características conceptuales:

- Uso como herramienta de financiamiento=financiar compras.
- Percepción de estatus= estatus social.
- Educación financiera= validación de términos y condiciones.

A partir de las consideraciones teóricas presentadas, se presentan las siguientes categorías conceptuales, a partir de las debilidades de gestión financiera que presentan los hogares.

Tabla 6. Caracterización del desconocimiento financiero.

Efecto	Características Conceptuales	Indicadores de gestión
Desconocimiento Financiero	Falta de educación financiera.	Conceptos financieros básicos: ahorro, inversión y manejo de deudas.
	Toma de decisiones impulsivas.	Adquisición de productos financieros inadecuados.
	Vulnerabilidad ante fraudes.	Bajo conocimiento financiero. Fraudes y estafas.
Definición: Es fudamental tener conocimiento financiero para gestionar de manera efectiva desiciones para endeudarse (Lusardi y Mitchell, 2014)		

Tabla 7. Caracterización de las compras no clasificadas.

Efecto	Características Conceptuales	Indicadores de gestión
Compras No Planificadas	Impulsividad.	Motivadas por emociones.
	Impacto en el presupuesto.	Presupuesto personal.
	Satisfacción temporal.	Satisfaccion momentanea.
Definición: fenómeno común que puede llevar a un desbalance en la gestión financiera personal, afectando la capacidad de ahorro y el bienestar económico (Sinha y et al, 2018)		

Tabla 8. Caracterización del sobreendeudamiento.

Efecto	Características Conceptuales	Indicadores de gestión
Sobreendeudamiento	Carga financiera excesiva	Morosidad
	Estrés emocional	Ansiedad
	Ciclo de deuda	Nuevas deudas
Definición: afecta a un número creciente de individuos, con secuelas negativas a nivel personal como social (Davidoff, 2019).		

6. INFLUENCIA DEL ENDEUDAMIENTO EN LA CAPACIDAD DE AHORRO Y LA INVERSIÓN DE LOS HOGARES

El endeudamiento de los hogares, por lo general busca satisfacer necesidades básicas, “consumir”. Las personas se ven en la necesidad de acceder a un crédito para aumentar sus niveles de consumo modificando considerablemente sus condiciones de vida, pero también esto ha ido acompañado de un incremento paulatino en sus niveles de endeudamiento.

Acercas del endeudamiento para (Mendiola, 2016) “representa una oportunidad de incrementar el consumo y la inversión; no obstante, los inconvenientes surgen con el uso desproporcionado de factor, exponiendo al usuario a caer en situación de impago, poniendo en riesgo el patrimonio familiar, y de forma agregada, comprometiendo la estabilidad económica”.

En la economía familiar, es aconsejable presentar un presupuesto, gastos de planificación, ingresos del proyecto y otorgar piezas fijas para ahorros, inversiones en productos básicos y construcción para cuidar la estabilidad familiar, pero principalmente aumentar los activos que componen activos familiares. Es así que las familias están utilizando más y más préstamos, pagar obligaciones financieras será mayor; Por lo tanto, muchos hogares podrían estar relacionadas con el pago de este compromiso si el shock negativo enfrenta sus ingresos mensuales.

Por ello (Ramos, 2021), indica que, el sobreendeudamiento puede surgir a partir de diversos factores, que van desde un consumo excesivo

hasta la falta de obstáculos en el mismo. Por tanto, se puede afirmar que este fenómeno se manifiesta cuando los recursos financieros de una persona no son suficientes para cubrir sus obligaciones económicas, lo que a su vez provoca un aumento en el nivel de su deuda en relación con sus ingresos.

7. IMPACTO DEL ENDEUDAMIENTO DE LOS HOGARES EN SU BIENESTAR ECONÓMICO Y PSICOLÓGICO

Desde la perspectiva de las ciencias del comportamiento, en el ámbito psicológico, se argumenta que el endeudamiento excesivo surge de decisiones financieras poco meditadas y actos impulsivos. Asimismo, el exceso de confianza aparece cuando alguien tiene una percepción demasiado positiva sobre su porvenir y su habilidad para afrontar circunstancias adversas. Esta carencia de visión puede provocar que no se anticipen posibles situaciones de peligro que podrían presentarse en el futuro.

Por otra parte, (Mathew, Kumar, y Sanjee, 2022), resaltan el papel de rasgos psicológicos y actitudinales como la motivación para recopilar información financiera relevante, la capacidad de controlar las emociones, la confianza en la toma de decisiones y las capacidades de gestión financiera son cruciales para gestionar con éxito las finanzas personales.

El bienestar económico y la salud psicológica se ve afectada cuando se dan momentos en que nos centramos en “deseos” o en cosas a las que aspiramos. Nos convencemos de que nos estamos privando de experiencias o de los estilos de vida que “merecemos”. Es en ese momento cuando puede producirse el gasto impulsivo. Empezamos a gastar porque nos sentimos aburridos o estresados, aunque en realidad no tengamos los medios económicos necesarios. Y aunque esas compras pueden aliviar temporalmente esos sentimientos, marcan un rumbo que contribuye a generar tensiones financieras a largo plazo y cargas de deuda inmanejables.

8. FACTORES DETERMINANTES PARA QUE LOS HOGARES TOMEN DECISIONES DE ENDEUDAMIENTO

La capacidad de la deuda para usar las instituciones financieras como uno de los indicadores cuando otorgan líneas de crédito. Conocer esta información ayuda a las unidades bancarias para garantizar que deseen recuperar la cantidad total suministrada y el interés correspondiente.

Una ventaja clave al usar herramientas digitales para aprender sobre finanzas es que puedes ver información al instante. Con aplicaciones y sitios web de inversión, es fácil seguir tus inversiones y ver cómo cambia el mercado todo el tiempo. Esto ayuda mucho a decidir qué hacer con tu dinero de forma rápida y con buena información. Por eso, una cosa muy importante en la educación financiera es mostrar a la gente cómo usar estas herramientas y entender lo que muestran (Aranibar, Ríos y Zanabria, 2023).

La educación financiera permitirá que cada persona, como el equipo público, facilite el fortalecimiento colectivo para ganar equilibrio entre países que han sufrido muchas más desigualdades cuando está por delante de los panoramas de capitalismo progresivo que requieren temas educados financieros y su inteligencia contextual; Además, la influencia del capitalismo global crea alta presión sobre países, economías y personas. (Garay, 2016)

Si bien el endeudamiento representa una oportunidad de incrementar el consumo y la inversión; no obstante, los inconvenientes surgen cuando se hace uso desproporcionado de este factor, exponiendo al usuario para ingresar a una situación de no pago, desbalanceando el patrimonio familiar y una forma integral que amenaza la estabilidad económica. A este respecto, la deuda financiera crea una mayor carga y reduce la capacidad de reacción económica a las tasas de interés que mejoran los efectos de los desequilibrios económicos. (Díaz, Sosa, y Cabello, 2019)

Por ellos las consecuencias negativas de las familias que tienen deuda se ven reflejadas en la reducción de disponibilidad de ahorros, pagan

más intereses y reduce los recursos disponibles para otros gastos, dejando de lado futuros gastos inesperados, perdiendo confianza en instituciones financieras por no poder cancelar sus obligaciones.

9. INFLUENCIA DEL ENDEUDAMIENTO EN LA CAPACIDAD DE AHORRO Y LA INVERSIÓN DE LOS HOGARES

El endeudamiento de los hogares, por lo general busca satisfacer necesidades básicas, “consumir”. Las personas se ven en la necesidad de acceder a un crédito para aumentar sus niveles de consumo modificando considerablemente sus condiciones de vida, pero también esto ha ido acompañado de un incremento paulatino en sus niveles de endeudamiento.

Acerca del endeudamiento para (Mendiola, 2016) “representa una oportunidad de incrementar el consumo y la inversión; no obstante, los inconvenientes surgen con el uso desproporcionado de factor, exponiendo al usuario a caer en situación de impago, poniendo en riesgo el patrimonio familiar, y de forma agregada, comprometiendo la estabilidad económica”.

En la economía familiar, es aconsejable presentar un presupuesto, gastos de planificación, ingresos del proyecto y otorgar piezas fijas para ahorros, inversiones en productos básicos y construcción para cuidar la estabilidad familiar, pero principalmente aumentar los activos que componen activos familiares. Es así que las familias están utilizando más y más préstamos, pagar obligaciones financieras será mayor; Por lo tanto, muchos hogares podrían estar relacionadas con el pago de este compromiso si el shock negativo enfrenta sus ingresos mensuales.

Por ello (Ramos, 2021), indica que, el sobreendeudamiento puede surgir a partir de diversos factores, que van desde un consumo excesivo hasta la falta de obstáculos en el mismo. Por tanto, se puede afirmar que este fenómeno se manifiesta cuando los recursos financieros de una persona no son suficientes para cubrir sus obligaciones económicas, lo que a su vez provoca un aumento en el nivel de su deuda en relación con sus ingresos.

10. IMPACTO DEL ENDEUDAMIENTO DE LOS HOGARES EN SU BIENESTAR ECONÓMICO Y PSICOLÓGICO

En lo que respecta a los factores psicológicos, las ciencias del comportamiento sostienen que el sobreendeudamiento se origina en la imprudencia financiera de ciertos individuos que actúan impulsivamente. Por otro lado, el sesgo de confianza se manifiesta cuando alguien tiene una visión excesivamente optimista de su futuro y de su capacidad para manejar las situaciones. Esta falta de perspectiva puede llevar a no visualizar los posibles escenarios de riesgo que podrían surgir más adelante.

Por otra parte, (Mathew, Kumar, y Sanjee, 2022), resaltan el papel de rasgos psicológicos y actitudinales como la motivación para recopilar información financiera relevante, la capacidad de controlar las emociones, la confianza en la toma de decisiones y las capacidades de gestión financiera son cruciales para gestionar con éxito las finanzas personales.

El bienestar económico y la salud psicológica se ve afectada cuando se dan momentos en que nos centramos en “deseos” o en cosas a las que aspiramos. Nos convencemos de que nos estamos privando de experiencias o de los estilos de vida que “merecemos”. Es en ese momento cuando puede producirse el gasto impulsivo. Empezamos a gastar porque nos sentimos aburridos o estresados, aunque en realidad no tengamos los medios económicos necesarios. Y aunque esas compras pueden aliviar temporalmente esos sentimientos, marcan un rumbo que contribuye a generar tensiones financieras a largo plazo y cargas de deuda inmanejables.

11. FACTORES DETERMINANTES PARA QUE LOS HOGARES TOMEN DECISIONES DE ENDEUDAMIENTO

La capacidad de la deuda para usar las instituciones financieras como uno de los indicadores cuando otorgan líneas de crédito. Conocer esta información ayuda a las unidades bancarias para garantizar que deseen recuperar la cantidad total suministrada y el interés correspondiente.

Un aspecto destacado del uso de la tecnología digital en la educación financiera es la posibilidad de acceder a información en tiempo real. Las aplicaciones financieras y los sitios web de inversión permiten un seguimiento inmediato de las inversiones y el monitoreo constante de las fluctuaciones del mercado. Esto facilita la toma de decisiones informadas y oportunas en el ámbito financiero. En este sentido, una de las principales preocupaciones en la educación financiera radica en enseñar a los usuarios cómo utilizar estas herramientas y cómo interpretar la información que estas ofrecen (Aranibar, Ríos, y Zanabria, 2023).

La educación financiera permitirá que cada persona, como el equipo público, facilite el fortalecimiento colectivo para ganar equilibrio entre países que han sufrido muchas más desigualdades cuando está por delante de los panoramas de capitalismo progresivo que requieren temas educados financieros y su inteligencia contextual; Además, la influencia del capitalismo global crea alta presión sobre países, economías y personas. (Garay, 2016)

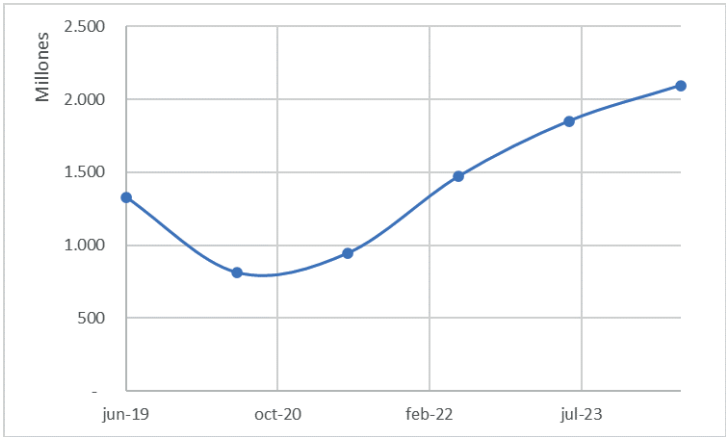
Si bien el endeudamiento representa una oportunidad de incrementar el consumo y la inversión; no obstante, los inconvenientes surgen cuando se hace uso desproporcionado de este factor, exponiendo al usuario para ingresar a una situación de no pago, desbalanceando el patrimonio familiar y una forma integral que amenaza la estabilidad económica. A este respecto, la deuda financiera crea una mayor carga y reduce la capacidad de reacción económica a las tasas de interés que mejoran los efectos de los desequilibrios económicos. (Díaz, Sosa, y Cabello, 2019)

Por ellos las consecuencias negativas de las familias que tienen deuda se ven reflejadas en la reducción de disponibilidad de ahorros, pagan más intereses y reduce los recursos disponibles para otros gastos, dejando de lado futuros gastos inesperados, perdiendo confianza en instituciones financieras por no poder cancelar sus obligaciones.

La figura 37 muestra la evolución de los avances de efectivo con tarjetas de crédito entre junio de 2019 y julio de 2023, expresada en

millones. El comportamiento presenta una trayectoria en forma de “U”, con una caída inicial seguida de una recuperación sostenida.

Figura 37. Avances de efectivo desde 2019 a 2024.



Nota: Elaborado a partir de (Superintendencia de Bancos, 2024).

En junio de 2019, los avances se ubicaban por encima de los 1,300 millones, pero experimentaron una marcada contracción hasta alcanzar su punto más bajo alrededor de octubre de 2020, con un valor cercano a los 800 millones. Esta disminución coincide con los efectos económicos adversos de la pandemia por COVID-19, que probablemente redujo tanto la capacidad de consumo como la disposición al endeudamiento. A partir de ese punto, se observa una recuperación constante: en febrero de 2022 ya superaban los 1,400 millones, y el crecimiento se mantuvo hasta superar los 2,000 millones en julio de 2023. Este repunte puede estar asociado a una reactivación del consumo, mayor dependencia del crédito en contextos inflacionarios, o flexibilización de criterios crediticios por parte del sistema financiero.

12. CONCLUSIONES

El presente capítulo ha ofrecido una revisión rigurosa y estructurada de la literatura académica sobre el endeudamiento y la gestión financiera de los hogares, utilizando un enfoque metodológico basado en el protocolo

PRISMA y análisis bibliométricos apoyados en datos de Scopus. A lo largo del texto se han examinado patrones de producción científica, evolución temática, enfoques geográficos y la relevancia de ciertos conceptos clave dentro del campo. Además, se han discutido las implicaciones sociales, económicas y psicológicas del endeudamiento en el contexto doméstico, especialmente en escenarios marcados por crisis económicas y transformaciones en el acceso al crédito.

Los hallazgos permiten concluir que el estudio del endeudamiento de los hogares ha ganado relevancia académica en las últimas décadas, tanto por la expansión del crédito como por los efectos estructurales que este tiene sobre la estabilidad económica familiar y el bienestar psicológico. Temas como la alfabetización financiera, la vulnerabilidad económica, el sobreendeudamiento y la inclusión financiera han emergido como ejes centrales de análisis. Asimismo, se observa una evolución conceptual desde perspectivas macroeconómicas hacia enfoques más empíricos, conductuales y territoriales, destacando el caso de los hogares en China como un referente emergente de estudio.

El análisis también revela una creciente internacionalización en la producción académica, aunque con disparidades geográficas significativas. Mientras algunos países exhiben una sólida base investigadora nacional, otros dependen de la colaboración internacional para abordar estas temáticas. Este fenómeno refleja tanto las capacidades estructurales de los sistemas científicos como las dinámicas específicas de los mercados de crédito y las culturas financieras.

Desde una perspectiva aplicada, los resultados ponen en evidencia que el endeudamiento no puede ser comprendido exclusivamente desde indicadores financieros, sino que requiere una lectura multidimensional que incorpore factores como el comportamiento del consumidor, el entorno institucional, las tecnologías de acceso al crédito y las particularidades del ciclo económico. Este enfoque integral es especialmente relevante para países como Ecuador, donde la fragilidad macroeconómica y los bajos niveles de educación financiera agravan los efectos del sobreendeudamiento.

Este capítulo contribuye a la discusión académica proporcionando un mapa actualizado y sistemático del estado del arte sobre el endeudamiento y las finanzas del hogar, identificando vacíos, tendencias emergentes y líneas de investigación futuras. Además, ofrece elementos clave para el diseño de políticas públicas orientadas a la promoción de una cultura financiera responsable y a la prevención de los riesgos sociales derivados del uso inadecuado del crédito.

REFERENCIAS

Al-Smadi, M. O. (2023). Examining the relationship between digital finance and financial inclusion: Evidence from MENA countries. *Borsa Istanbul Review*, 23 (2), 464-472. <https://doi.org/10.1016/j.bir.2022.11.016>

Aranibar-Ramos, E., Ríos-Vera, K., y Zanabria-Cabrera, L. (2023). Financial education from a scientometric and a systematic literature review approach: recent approaches and trends. *Revista Investigación Universidad Nacional Mayor de San Marcos*, 1-14. <https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/quipu/article/view/25005>

ASOBANCA. (2024). Sistema de información financiera. Obtenido de <https://datalab.asobanca.org.ec/datalab/home.html>

Aubrey, M., Morin, A., Fernet, C., y Carboneau, N. (2019). Financial well-being: Capturing an elusive construct with an optimized measure. *Sec. Quantitative Psychology and Measurement*, 13, 1-19. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.935284>

Awanis, S., y Cui, C. (2014). Consumer susceptibility to credit card misuse and indebtedness. *Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics*, 26(3), 408-429. <https://doi.org/10.1108/APJML-09-2013-0110>

Banco Central del Ecuador. (2024). La economía ecuatoriana reportó una contracción de 1,5% en el tercer trimestre de 2024. Obtenido de <https://www.bce.fin.ec/boletines-de-prensa-archivo/la-economia-ecuatoriana-reporto-una-contraccion-de-1-5-en-el-tercer-trimestre-de-2024>

Chávez, K. (2022). Economía familiar y nivel de endeudamiento de las familias guayaquileñas de la parroquia “Febres-Cordero”. Trabajo de Titulación. <http://biblioteca.uteg.edu.ec:8080/bitstream/handle/123456789/1839/Econom%C3%ADa%20familiar%20y%20nivel%20de%20endeudamiento%20de%20las%20familias%20guayaquile%C3%B1as%20de.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Davidoff, F. (2019). Understanding contexts: how explanatory theories can help. *Implementation Science*, 14 (23). <https://doi.org/10.1186/s13012-019-0872-8>

Deng, X., X., Cheng, X., y Fu, Z. (2021). Household financial decisión-making and macroeconomic fluctuations. *Emerging Markets Finance and Trade*, 57 (14), 4143-4165. <https://doi.org/10.1080/1540496X.2019.1710128>

Díaz, H., Sosa, M., y Cabello, A. (2019). Determinantes del endeudamiento de los hogares en México: un análisis con redes neuronales. *Problemas del Desarrollo*, 50 (199), 1-11. <https://doi.org/10.22201/iiiec.20078951e.2019.199.67463>

Fariás, P. (2017). Los determinantes del conocimiento del costo total de los avances en efectivo. <https://doi.org/10.20430/ete.v84i336.608>

Feng, X., Lu, B., Song, X., y Ma, S. (2019). Financial literacy and household finances: A bayesian two-part latent variable modeling approach. *Journal of Empirical Finance*, 51, 119-137. <https://doi.org/10.1016/j.jempfin.2019.02.002>

Frazier, L. (2019). 5 Reasons Personal Finance Should Be Taught In School. Forbes. Obtenido de <https://www.forbes.com/sites/lizfrazierpeck/2019/08/29/5-reasons-personal-finance-should-be-taught-in-school/?sh=7d24be695178>

Garay, G. (2016). Índice de alfabetismo financiero, la cultura y la educación financiera. *Perspectivas*, 23-40. Obtenido de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=425946304003>

Gerrans, P., y Heaney, R. (2019). The impact of undergraduate personal finance education on individual financial literacy, attitudes and intentions. *Accounting and Finance*, 59(1), 177-217. <https://doi.org/10.1111/acfi.12247>

Higuera, R., y Serrano, F. (2009). La Importancia de La Educacion Financiera en Las Inversiones y El Credito. Obtenido de <https://es.scribd.com/document/219288770/117-La-Importancia-de-La-Educacion-Financiera-en-Las-Inversiones-y-El-Credito0>

Jin, C., Weida, Mao, W., Jin, K., Yang, Q., Zang, J., y Chen, R. (2025). Factors influencing household debt structure under various credit constraints, *Journal of Management Science and Engineering*, 10 (1), 97-110. <https://doi.org/10.1016/j.jmse.2024.08.003>

López-Vera, J. (2017). LOS FALLOS DEL SECTOR FORMAL CONTRIBUYEN A CREAR EMPRESAS EN EL SECTOR INFORMAL. Global Conference on Business and Finance. Obtenido de https://www.researchgate.net/publication/312491151_LOS_FALLOS_DEL_SECTOR_FORMAL_CONTRIBUYEN_A_CREAR_EMPRESAS_EN_EL_SECTOR_INFORMAL

Lusardi, A., y Mitchell, O. S. (2014). The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. *Journal of Economic Literature*, 52 (1), 5-44. <https://gflec.org/wp-content/uploads/2014/12/economic-importance-financial-literacy-theory-evidence.pdf>

Mathew, V., Kumar, S., y Sanjee, A. (2022). Financial Well-being and Its Psychological Determinants – An Emerging Country Perspective. *FIIB Business Review*, 13 (1). <https://doi.org/10.1177/23197145221121080>

Meijer, F. (s.f). The Article Analysis. Garn Valley State University, 3. Obtenido de https://www.gvsu.edu/cms4/asset/CC3BFEEB-C364-E1A1-A5390F221AC0FD2D/business_article_analysis_gg_final.pdf

Mendiola, C. (2016). Endeudamiento y desempeño laboral del personal administrativo de la Universidad Nacional de San Martín - Tarapoto, año 2016. Obtenido de <https://repositorio.unsm.edu.pe/item/615bcab6-20fc-439f-bbb3-26d6965f34e0>

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., y Altman, D. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Med*, 6 (7). <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>

Morocho, D. (2019). Estudio y análisis del Conocimiento, Actitud y Práctica (CAP) en los usuarios de las tarjetas de crédito en la ciudad de Lojalos usuarios de las tarjetas de crédito en la ciudad de Loja periodo 2015 – 2018. Obtenido de <https://dspace.unl.edu.ec/jspui/bitstream/123456789/22449/1/Darwin%20Efrain%20Morocho%20Armijos.pdf>

Ramos, F. (2021). El sobreendeudamiento como problema legal y social. Propuesta de reforma del Código de Protección y Defensa del Consumidor. *Desde el Sur*, 1-22. http://www.scielo.org.pe/scielo.php?pid=S2415-09592021000100010&script=sci_abstract

RDF. (2024). LA DEUDA DE LOS ECUATORIANOS ¿una carga difícil de llevar? QUITO: EQUIFAX. Obtenido de <https://rfd.org.ec/docs/2024/estudios/Libro%20endeudamiento%202024/Libro%20endeudamiento.pdf>

Sinha, S., Akpan, A., Roberts, Ch., Bandee-Roche, K., Batty, B., Bramley, D., Bynum, J., Cameron, I., Rodríguez-Hurtado, D., Isden, R., Turner, G., De Vries, N., y Chyi-Yi, G. (2018). Standard set of health outcome measures for older persons. *BMC Geriatrics*, 18, 36. <https://doi.org/10.1186/s12877-017-0701-3>

Superintendencia de Bancos. (2024). Servicios Financieros. <https://www.superbancos.gob.ec/estadisticas/portalestudios/servicios-financieros/>

Tang, N. (2021). Cognitive abilities, self-efficacy, and financial behavior. *Journal of Economic Psychology*, 87. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2021.102447>

Zinman, J. (2015). Household Debt: Facts, puzzles, theories, and policies. *Annual Review of Economics*, 7, 251-276. <https://doi.org/10.1146/annurev-economics-080614-115640>

SOBRE OS AUTORES



Odalys Burgo-Bencomo

<https://orcid.org/0000-0002-8231-7217>

Ingeniera Agrónoma (Universidad Ciego de Ávila), máster en Ciencias de la Educación “Mención Técnica-Profesional), Doctora en Ciencias Económicas (Universidad del Oriente). Se desempeña como docente titular de la Universidad Metropolitana del Ecuador sede Machala. Sus temas de interés están relacionados con la economía agrícola y la gestión de pymes agrícolas. Su producción científica está disponible en Google Académico.



Juan López-Vera

<https://orcid.org/0000-0002-8720-0499>

Economista (Universidad Católica de Santiago de Guayaquil), máster en Administración de Negocios (Universidad Carlos III de Madrid), máster en Análisis del Entorno Económico (Universitat Oberta de Catalunya). Actualmente se desempeña como profesor titular de economía en la Universidad Metropolitana del Ecuador sede Machala. Es profesor ocasional en los sistemas de posgrado de la Universidad Católica de Santiago de Guayaquil y Universidad Tecnológica Estatal de Quevedo. Sus temas de interés son la economía urbana, finanzas personales y economía informal. Su producción científica está disponible en Google Académico y Researchgate.



Germán Morán-Molina

<https://orcid.org/0000-0002-2101-6752>

Economista (Universidad de Cuenca), Magíster en Administración de Empresas (Universidad Técnica de Machala). Se desempeña como docente titular de la Universidad Metropolitana del Ecuador sede Machala. Sus temas de interés están relacionados con el análisis financiero de pymes, emprendimiento y gestión económica de negocios. Su producción científica está disponible en Google Académico.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bibliometría 4, 5

C

Calidad de servicio 127

Confianza 2, 19, 33, 58, 59, 63, 65, 88, 95, 98, 100, 104, 120, 122, 127, 169, 173, 175, 176, 177

Cooperativas 1, 2, 4, 5, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 85, 88, 89, 90, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 127, 128, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Cooperativas financieras 4, 22, 23, 26, 27, 29, 30, 146, 152

Cooperativismo 2, 3, 4, 5, 20, 25, 28, 29, 31, 32, 40, 41, 53, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 97, 103, 106, 107, 109, 110, 132, 141, 142

D

Desarrollo económico 4, 5, 6, 15, 25, 34, 43, 71, 73, 75, 78, 81, 86, 95, 96, 104, 106, 107, 109, 110, 111, 113, 114, 137, 146

Desarrollo local 18, 40, 68, 90, 92, 99, 134

E

Economía inclusiva 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 34, 35, 71, 72, 73, 74, 85, 86, 87, 103, 104, 106, 108, 110, 113

Economía social y solidaria 40, 137

Educación financiera 3, 21, 35, 47, 56, 68, 71, 73, 88, 94, 95, 96, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 154, 163, 168, 170, 171, 174, 177, 179, 181

Emprendimiento 47, 61, 74, 87, 105, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 126, 138

Endeudamiento de los hogares 154, 157, 160, 162, 164, 166, 172, 173, 175, 176, 179, 181

F

Finanzas de los hogares 154, 158, 159

Finanzas personales 154, 156, 173, 176

I

Inclusión 1, 2, 4, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 26, 29, 31, 33, 34, 38, 40, 41, 42, 43, 50, 51, 52, 54, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 93, 94, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 153, 154, 158, 164, 165, 179, 180

Inclusión financiera 1, 2, 4, 12, 20, 21, 34, 40, 41, 43, 54, 66, 68, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 93, 101, 102, 104, 109, 110, 112, 116, 139, 144, 146, 147, 164, 179

Innovación financiera 2, 83, 111

M

Microfinanzas 2, 4, 16, 17, 18, 19, 20, 29, 34, 46, 47, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 93, 94, 97, 98, 99, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 126

S

Satisfacción del cliente 127

